Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Lingüística

FRANCISCO DA SILVA XAVIER

FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRA-SEGMENTAL DO QUIMBUNDO

Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange

São Paulo – 2010

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Lingüística
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística

FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRA-SEGMENTAL DO QUIMBUNDO

Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange

FRANCISCO DA SILVA XAVIER

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Margarida Maria Taddoni Petter

São Paulo/USP
2010

FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRA-SEGMENTAL DO QUIMBUNDO

Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange

Francisco da Silva Xavier

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado apresentada por Francisco da Silva Xavier e aprovada pela Comissão Julgadora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Data _____/_____/_____

Candidato

____

Orientador

____

Comissão Julgadora

____

____

____

____

Dedicatória

À Esmerina, ao Francisco, ao Sílvio.

mùlúndù nì mùlúndù kàdìtákánà;
mútù nì mútù àdìtákánà.[1]

[1] Provérbio quimbundo: "Montanha com montanha não se encontram; pessoa com pessoa se encontram".

Agradecimentos

Eu gostaria de expressar aqui meus agradecimentos àqueles que, de algum modo, incentivaram-me a efetuar minhas pesquisas, as quais resultaram nesta tese de doutorado:

Os informantes ambundos, que souberam compreender a importância deste trabalho, dando-me inestimável apoio ao projeto de descrição de sua língua: Domingos José Cazombo e Antônio José Capata, que me forneceram os primeiros dados gravados em quimbundo; Antônio Casimiro Neto, Helena Domingos Cadete e Domingas Matias Manuel, que me receberam em seus lares como um dos seus e me guiaram com entusiasmo e rigor no estudo do quimbundo.

Filomena Ahukharié e Jean-Louis Rougé, que me indicaram o contato de informantes de quimbundo.

Jacky Maniacky e Muriel Garsou, do Musée Royal de l'Afrique Centrale, pelo material bibliográfico fornecido.

Os africanistas Emilio Bonvini e Constance Lojenga, cujas observações incentivaram-me a corrigir as imprecisões de minhas análises.

A toda a equipe do LLACAN (Langues, Langages et Cultures d'Afrique Noire), por sua orientação intelectual e técnica e por sua acolhida dentro e fora do CNRS.

Érica, Ben-Hur e Robson, pela eficiência no atendimento relativo à pós-graduação.

Raquel Santana Santos e Waldemar Ferreira Netto, pela disposição em responder minhas questões de fonologia e pelas sugestões dispensadas em minha qualificação.

Os professores do DL-USP (Departamento de Lingüística da USP) que me formaram para a compreensão das teorias que as descrevem as línguas.

Os membros e colaboradores do GELA (Grupo de Estudos de Línguas Africanas da USP) que, dentro de sua especialidade, fortalecem nosso objetivo de desenvolver estudos das línguas e culturas da África, dando visibilidade a elas por meio de suas pesquisas.

Ana e Sérgio pela hospitalidade em Lisboa, e Olavo, pela hospitalidade em Paris.

Finalmente, registro aqui um agradecimento especial à minha orientadora, Margarida Petter, que, ao mesmo tempo intervindo favoravelmente nos momentos mais difíceis do meu percurso acadêmico, sempre respeitou minhas escolhas científicas e me deixou suficientemente livre para a realização deste trabalho.

FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRA-SEGMENTAL DO QUIMBUNDO

Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange

Resumo

Desde os primeiros trabalhos lingüísticos efetuados sobre o quimbundo, língua banta H20 na classificação de Guthrie (1948), nota-se uma ausência de informações detalhadas e confiáveis a respeito de elementos sua estrutura prosódica e de sua fonologia como um todo. Essa lacuna me instigou a realizar, seguindo o quadro de pesquisas sobre as línguas africanas estabelecido pelo Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo, um estudo descritivo da fonologia segmental e supra-segmental do quimbundo, cujos resultados se organizam nesta tese de doutorado.

O presente trabalho, tomando como base de investigação quatro variedades regionais representadas por cinco falantes nativos do quimbundo, abrange, no bojo da descrição lingüística, fenômenos verificáveis na estrutura segmental e prosódica da língua, tais como a harmonia vocálica, alterações de natureza fonética na configuração da estrutura silábica, casos de mudança de timbre vocálico, apagamento de segmentos, direção e extensão do espraiamento de traços consonantais e de tons fonológicos.

Finalmente, a observação e a análise do fenômeno de sândi ao nível dos supra-segmentos permitem afirmar que o quimbundo utiliza variações de altura com valor distintivo apenas numa perspectiva paradigmática, o que comprova, portanto, seu estatuto de língua tonal.

Acredito que a descrição aqui realizada é uma forma de lançar visibilidade ao quimbundo nas pesquisas sobre as línguas africanas e de atualizar as perspectivas de estudo da língua dentro das teorias lingüísticas.

Palavras-chave: Quimbundo; Fonologia Segmental; Fonologia Supra-segmental; Línguas Africanas; Descrição Lingüística

SEGMENTAL AND SUPRASEGMENTAL PHONOLOGY OF KIMBUNDU

Regiolects of Luanda, Bengo, Cuanza Norte and Malange

Abstract

From the first linguistic works on Kimbundu, a Bantu language coded as H20 according to Guthrie's zone classification (1948), there has been a lack of detailed and reliable information about the elements comprising its prosodic structure, and its phonology altogether. This gap has instigated my conducting a detailed description of both segmental and prosodic phonology of Kimbundu within the research framework for African languages set forth by the Linguistics Department of the University of São Paulo, and whose results make up this Ph.D. dissertation.

Based on four regiolects represented by five native Kimbundu speakers, this descriptive study covers phenomena which can be found in the segmental and prosodic structure of this language, such as vowel harmony, phonetic alternations in the setup of the syllable structure, vowel quality changes, segment deletion, and the direction and range of consonantal feature and phonological tone spreading.

Finally, the study of prosodic sandhi corroborates that Kimbundu makes use of different distinctive pitches only on a paradigmatic perspective, which proves true the claim that this is a tonal language.

I strongly believe that this description work can be used to shed light upon Kimbundu on further research on African languages, in addition to updating the prospect studies of this language within linguistic theories.

PHONOLOGIE SEGMENTALE ET SUPRASEGMENTALE DU KIMBUNDU

Variétés de Luanda, Bengo, Cuanza Nord et Malanje

Résumé

Depuis les premiers travaux de recherches en linguistique ayant pour sujet le kimbundu, langue bantu H20 selon la classification de Guthrie (1948), on observe une absence d'informations détaillées et fiables par rapport aux éléments de sa structure prosodique et de même on relève une connaissance incomplète de sa phonologie. Cette lacune m'a incité à réaliser une étude descriptive sur la phonologie segmentale et suprasegmentale du kimbundu, en suivant le cadre de recherches sur les langues africaines établi par le Departement de Linguistique de l'Université de São Paulo, dont les résultats sont organisés dans cette thèse de doctorat.

Ce travail est basé sur les investigations de quatre varietés dialectales representées par cinq locuteurs natifs du kimbundu et aborde, selon la méthodologie de la déscription linguistique, des phénomènes vérifiables dans la structure segmentale et prosodique de la langue, pour exemples : l'harmonie vocalique, les alterations de nature phonétique dans la configuration de la structure syllabique, les cas de changement de timbre vocalique, l'effacement de segments, la direction et extension de la propagation de traits consonantiques et de tons phonologiques.

Finalement, l'étude du phénoméne du sandhi tonal corrobore le fait que le Kimbundu utilise la tonalité à fonction distinctive uniquement dans une perspective paradigmatique, ce qui prouve l'affirmation que c'est une langue à ton.

La description réalisée ici cherche à offrir une plus grande visibilité au kimbundu dans les recherches sur les langues africaines et à actualiser les perspectives d'études de la langue dans les théories linguistiques.

Sumário

Diacríticos e Abreviaturas

A. Anotações fonéticas: símbolos propostos pela Associação Internacional de Fonética.

B. Abreviaturas

A	tom alto	*IPR2*	imperativo *PL*	*PREP*	preposição
ADV	advérbio	*IPF*	imperfectivo	*PRG*	progressivo
APL	aplicativo	*ITC*	intencional	*PRS*	presente
B	tom baixo	*LOC*	locativo	*QTF*	quantificador
CAUS	causativo	*MO*	marca de objeto	*RCP*	recíproco
CONJ	conjunção	*NEG*	negativo	*REC*	passado recente
DET	determinante	*P1'*	pronome elocutivo *SG*	*REM*	passado remoto
EST	estativo	*P1''*	pronome elocutivo *PL*	*REV*	reversivo
EXP	expletivo	*P2'*	pronome alocutivo *SG*	*RFX*	reflexivo
GEN	marcador genitival	*P2''*	pronome alocutivo *PL*	*SG*	singular
HAB	habitual	*PF*	perfectivo	*VF*	vogal final
IPR1	imperativo *SG*	*PL*	plural		

1-...18- prefixos de classe nominal

1...3SG/PL prefixos pronominais da 1ª, 2ª ou 3ª pessoas (singular/plural)

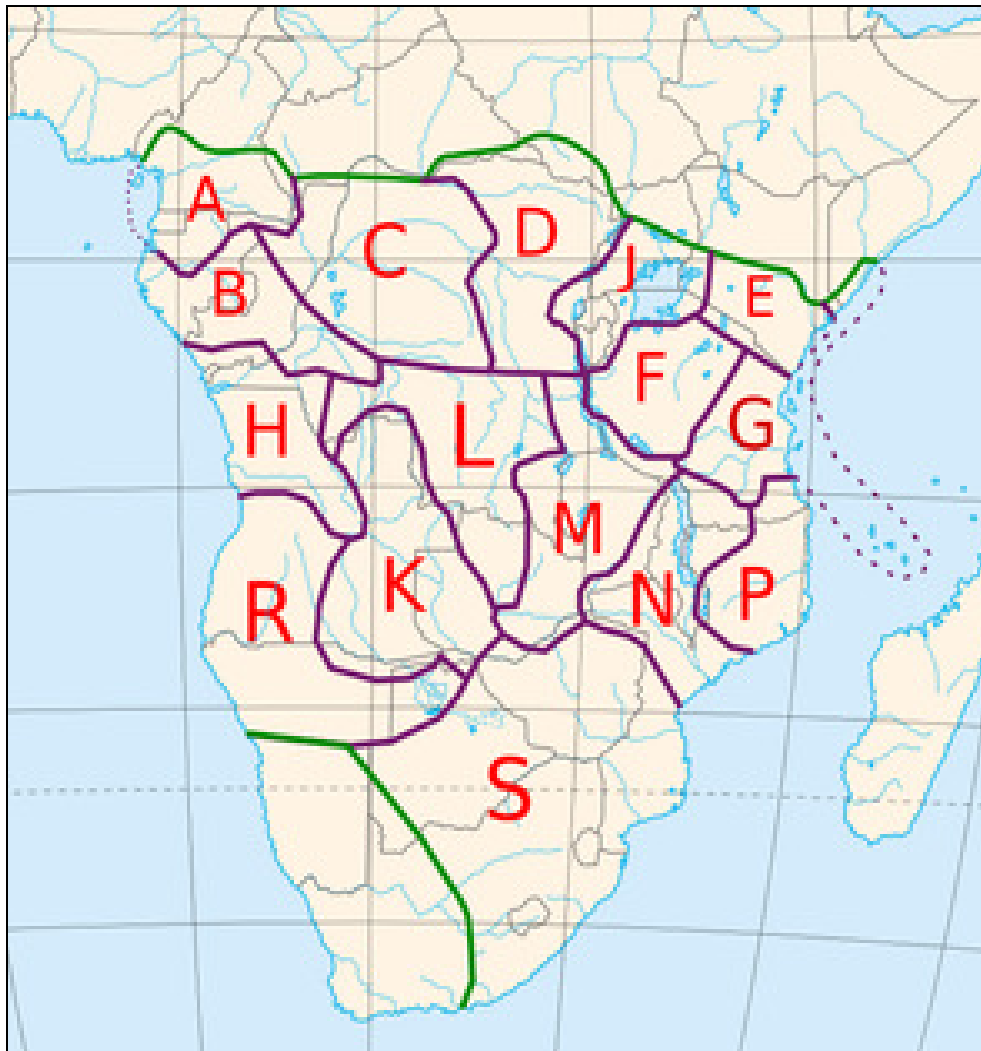
C. Diacríticos

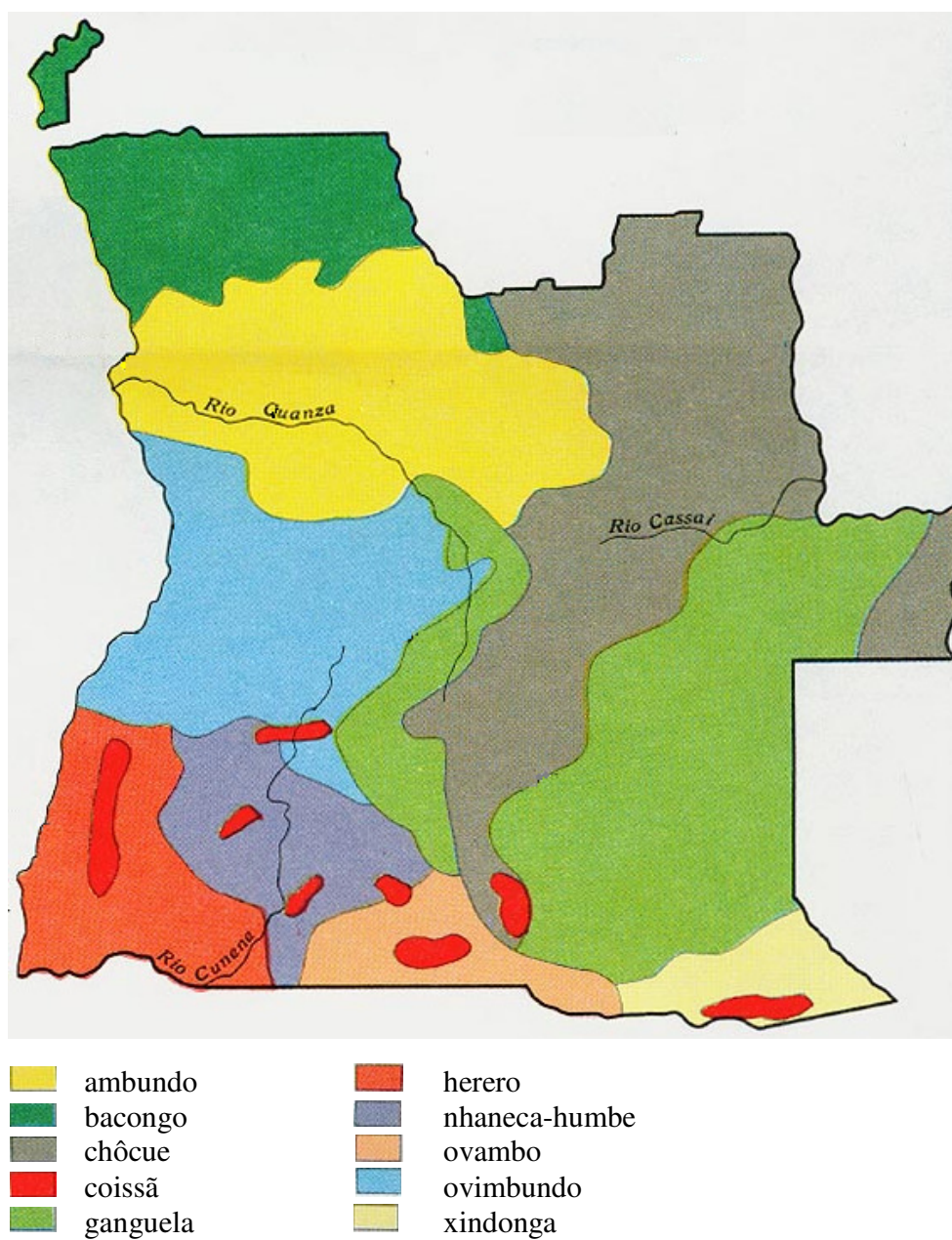
´	tom alto	Ø	morfema zero	[ ]	delimitação fonética
`	tom baixo	.	fronteira de sílaba	/ /	delimitação fonológica
↓	*downstep*	:	alongamento vocálico		

D. Transcrição morfofonológica dos dados: a primeira linha apresenta a sentença ou palavra tal como foi enunciada pelos informantes da língua; a segunda separa os diferentes elementos da sentença e sua forma subjacente; a terceira traz uma tradução de cada elemento mínimo significativo; a quarta, a tradução inteligível da sentença.

Mapa 1. Troncos Lingüísticos da África

Adaptado de Heine e Nurse (2000).

Mapa 2. Área das Línguas Bantas

Adaptado de Guthrie (1967-1971).

Mapa 3. Distribuição Étnica de Angola

Adaptado de Redinha (1975a).

Mapa 4. Antigos Reinos Ambundos

Adaptado de Miller (1976).

Mapa 5. Área Lingüística do Quimbundo

Quimbundo

Área de influência do quimbundo

Adaptado de Esboço Fonológico – Alfabeto. INL (1985).

Mapa 6. Áreas de Origem dos Informantes

Comuna de Angola Luíje, Município de Malange, Província de Malange

Comuna de Quiluanje, Município de Golundo Alto, Província de Quanza Norte

Comuna de Catete, Município de Ícolo e Bengo, Província de Bengo

Comuna de Viana, Município de Viana, Província de Luanda

Comuna de Barra de Dande, Município de Dande, Província de Bengo

1

Introdução

1.1 O Quimbundo no Tronco Lingüístico Nigero-Congolês

O continente africano possui 2110 línguas, o que representa um terço das línguas do mundo, segundo o Ethnologue 16 (Lewis, 2009). De acordo com a repartição lingüística inicialmente proposta e sistematizada por Greenberg (1950-1963) e ratificada pelas propostas atuais de Heine e Nurse (2000), as línguas africanas compõem quatro grandes troncos: o nigero-congolês (com 1495 línguas em nove famílias); o afro-asiático (com 353 línguas em seis famílias); o nilo-saariano (com 197 línguas em seis famílias); e o coissã (com 22 línguas distribuídas em três grupos).

O tronco lingüístico nigero-congolês é o mais vasto geograficamente (cf. mapa 1, p. xiv) e o que possui o maior número de falantes. Ele se subdivide em onze subfamílias, dez das quais estão na Nigéria: defóide, edóide, nupóide, idomóide, ibóide, *cross-river*, cainji, platóide, tarocóide, jacunóide.[2] Entre o leste da Nigéria, o Chade e a ponta sul do continente, está a subfamília bantóide, onde se insere o subgrupo das línguas bantas. É na família benuê-congolesa, do tronco nigero-congolês, que estão as línguas bantas,[3] dentre as quais está o quimbundo.

[2] É importante informar que tais termos não foram criados com objetivos de classificação étnica. Como ressalta Bonvini (2008:23-24), a referência adotada é puramente lingüística, tendo, antes de tudo, um valor operacional para as pesquisas, na medida em que permitem reagrupar línguas distintas uma das outras em uma perspectiva tipológica ou genética.

[3] O termo 'banto' foi criado por Wilhelm Bleek em 1858 para designar um grupo lingüístico que se caracteriza pela utilização do prefixo de plural *ba-*. A gênese do termo, porém, se deve ao explorador H. Barth, propondo o termo 'ba-languages' (Bonvini, 2008:24-25). Para Bleek, o termo banto servia para designar também línguas da África Ocidental, que corresponde hoje ao que os lingüistas denominam línguas nigero-congolesas.

1.2 Localização Geográfica

Classificado H20 por Guthrie (1948),[4] o quimbundo recobre a região centro-norte de Angola e é falado principalmente nas províncias de Luanda (onde está a capital do país, a qual leva o mesmo nome da província), Bengo, Quanza Norte e Malange e, parcialmente, nas fronteiras com as províncias vizinhas, Zaire, Uíge, Lunda Norte, Lunda Sul, Bié e Quanza Sul.[5]

1.3 Vitalidade

O quimbundo é a segunda língua mais falada em Angola,[6] embora um trabalho de recenseamento com base em dados viáveis que indiquem precisamente o seu número de falantes ainda seja desconhecido. A fonte mais recente, o Ethnologe 16 (2009), seguindo o World Almanac (1999), informa a cifra de três milhões de pessoas. Contudo tais números

[4] A classificação de Malcom Guthrie se inicia em seus estudos comparatistas sobre as línguas bantas, sendo aprimorada em Guthrie (1953) e retomada em Guthrie (1967-1971). Essa classificação toma por base três grupos de critérios geolingüísticos: a) os traços comuns entre as línguas africanas; b) a contigüidade espacial entre elas; c) um máximo de nove línguas por grupo, de modo a facilitar a sua numeração. As línguas são designadas pelas letras do alfabeto (cf. mapa 2, p. xv), subdividas por dezenas.

[5] Segundo o trabalho de Miller (1976), pode-se inferir que essas regiões correspondem historicamente às áreas dos povos ambundos, possivelmente desde o século XIV, formando os reinos de Mpemba, Ndongo, Quissama e Matamba, todos vassalos do antigo reino do Congo (cf. mapa 4, p. xvii) , que mantinha, desde o século XV, o monopólio do tráfico de escravos, fornecendo-os ao reino português. Esse monopólio foi quebrado em 1556, quando o reino de Ndongo, que corresponde, hoje, aproximadamente aos entornos de Ndalatando, capital do Quanza Norte, tornou-se independente. Para confrontar contra o colonialismo português, Ndongo arma aliança com o reino de Matamba em 1590, sendo ambos, contudo, derrotados em 1614. Tornando-se novo alvo do tráfico, a população foge para os estados ambundos vizinhos.

[6] Há dois grupos lingüísticos africanos em Angola: o coissã, ao sul, (1000 falantes), e o banto, que representa o grupo majoritário. Deste, a língua mais falada é o umbundo (4 milhões de falantes), seguido pelo quimbundo (3 milhões de falantes), o chôcue (456 mil falantes) e o quaniama (421 mil falantes). Números indicados no Ethnologue 16 (Lewis, 2009).

certamente, incluindo os referentes à distribuição étnica no país (cf. mapa 3, p. xvi) revelam-se desatualizados, pois o estado permanente de guerras no país, iniciadas em 1961, intensificadas e ampliadas desde sua independência em 1975 (Bonvini 2006; Messiant 1995; Messiant 1994), perdurando até o ano de 2002, provocou, além de perdas humanas, um deslocamento contínuo das populações, acentuadamente da área dos ambundos,[7] tanto para o interior de Angola como para outros países africanos e europeus.

Com efeito, o movimento massivo da população dentro e para fora de Angola provocado pelos conflitos armados criou situações lingüísticas novas e complexas, uma delas o nivelamento dialetal do quimbundo, caracterizado pela neutralização das diferenças entre as formas locais atestadas, que existiam da costa até os confins da província de Malange.[8]

1.4 ‘Quimbundo’ e ‘Ambundo’

O nome ‘quimbundo’ se origina de *kìmbúndù*. O radical da palavra, *-mbúndù*, com o prefixo da classe 5, *kì-*, forma o nome da língua, e com o prefixo da classe 1, *mù-*, forma a palavra *mùmbúndù*, cujo plural, *àmbúndù*, designa os seus falantes. Contudo, a utilização

[7] Segundo meus informantes, grande parte de seus familiares ambundos, refugiados em outros países ou deslocados em outras regiões angolanas, decidiram retornar às suas áreas de origem com o término da guerra, mesmo se encontrando em condições vitais vulneráveis (em estado de saúde precária e em idade avançada). O boletim do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR, janeiro de 2004) menciona que um documento oficial do governo angolano divulgado em 17 de novembro de 2003 levanta a cifra de 3,5 milhões de antigos deslocados dentro de Angola que retornaram à sua região de origem ou de sua preferência. Não obtive nenhum documento oficial onde se registram os números de ambundos regressados a Angola e, especificamente, à área lingüística correspondente ao quimbundo.

[8] Note-se, ainda, que, se o quimbundo certamente continuou a ser falado entre os *refugiados* em países vizinhos (como a República Democrática do Congo, onde viveu um de meus informantes) e os *deslocados* nas cidades grandes (como Luanda), muitos de seus filhos aprenderam a falar apenas a língua portuguesa (por vezes o lingala e o francês). Entre os *regressados* (refugiados que retornaram a Angola no pós-guerra) da segunda geração constata-se a tendência a privilegiar o português e o lingala, este já distinto daquele de Quinxassa, como línguas de comunicação na cidade e periferia de Luanda (Bonvini, 2006:1978).

da palavra *kìmbúndù* é uma realidade inconteste entre os meus informantes tanto na designação de sua língua quanto de seu grupo étnico, em preferência sobre o termo 'ambundo', raramente utilizado nas entrevistas. Observei que o nome *mùmbúndù* (singular de *àmbúndù*), em contrapartida, ainda é utilizado pelos falantes de quimbundo para designar qualquer homem negro africano, por oposição a *mùndélè*, qualquer homem branco, seja ele africano ou não.

1.5 Estudos Anteriores

Como conseqüência de três eventos históricos em Angola – o tráfico de escravos do século XV ao XIX, a política proibitiva ao uso das línguas nativas no período colonial entre 1919 e 1960 e as guerras de 1961 até 2002 – as línguas africanas faladas naquele país, como se observa nas publicações científicas atuais, ressentem-se de pesquisas efetivas sobre seu real funcionamento gramatical.

Contudo, se por um lado o quimbundo é uma das línguas que figura, com efeito, entre as menos estudadas pelos lingüistas da atualidade, por outro lado, ele conta com vários trabalhos descritivos antigos, realizados para fins missionários, mas suscetíveis de se tornar ainda hoje uma fonte de interesse histórico e lingüístico. As primeiras documentações relativas ao quimbundo, escritas em latim, italiano e português, remontam ao século XVII e estão entre as mais antigas da África subsaariana:[9]

[9] A primeira língua africana subsaariana a receber uma descrição gramatical, ainda, contudo, sob o viés dos estudos das línguas clássicas européias, foi o quicongo, elaborada por Giacinto Brusciotto di Vetralla em 1659, a partir de observações, traduções e compilações de vocabulários efetuados por missionários que haviam trabalhado no antigo Reino do Congo. (Alexandre, 1967:30). É também nesta língua que se escreveu o documento mais antigo em uma língua banta: o catecismo de Diogo Gomes, escrito em 1551 e uma versão da *Doutrina cristã*, efetuada pelo frei Mario Jorge, em 1624, traduzida por Matheus Cardoso, em Lisboa (Pinto, 1948:327).

Gentio de Angola sufficientemente instruído nos mysterios de nossa Sancta Fé.[10] Trata-se de um catecismo bilíngüe redigido por Francisco Pacconio, publicado postumamente em Lisboa em 1642, com um esboço gramatical em latim. Na segunda edição da obra, publicada em Roma pelo frei capuchinho Antonio Maria de Monteprandone em 1661, registra-se pela primeira vez a função distintiva do tom, interpretado pelo autor como *acento*, ilustrando sua importância com o par mínimo *mùcua* 'fruta *sp.*' e *mucuà* 'nativo de', termos assim escritos em "observationes in legendo idiomate Angollae n.11, *de accentu*" (p. xiii-xiv da obra).[11]

Arte da lingua de Angola, de Pedro Dias (1697). Trata-se do primeiro trabalho puramente gramatical sobre o quimbundo, servindo como a principal referência para as descrições lingüísticas e obras missionárias posteriores.[12] Além de se desenvolver o esboço descritivo dos elementos e fenômenos supra-segmentais mencionados por Pacconio (1661), abordam-se, em estado germinal, outros elementos do nível prosódico, como o ritmo e a

[10] Segundo Chatelain (1888-1889), teria sido escrito na variedade de Caenda, comuna do atual município de Ambaca, no Quanza Norte. Nessa obra, nota-se que a negação se faz em *ne*-, não como em quimbundo moderno, que utiliza o prefixo *kì*-. Não há menção sobre metaplasmos e os sufixos pronominais parecem arcaicos, o que nos daria pistas para um estudo histórico-comparativo sobre o quimbundo.

[11] Monteprandone registra apenas este par mínimo, constituído por uma proeminência relacional (sintagmática) ao nível de sílabas diferentes, o que se conforma, na época, à interpretação acentual do quimbundo, considerando-se que a realidade tonal ainda era desconhecida nos trabalhos descritivos de línguas africanas. Ao contrário, segundo minha pesquisa bibliográfica, a percepção do tom enquanto supra-segmento com valor distintivo em quimbundo surge pela primeira vez na gramática de Chatelain, apresentando pares mínimos que descrevem uma variação prosódica ao nível da mesma sílaba (proeminência paradigmática) dentro de uma seqüência com o mesmo suporte segmental.

[12] Leite (1947, *apud* Bonvini, 2008:34), informa que Dias era português de nascimento, tendo vindo ainda criança para o Brasil. Era versado *non mediocriter* em Direito Civil e Canônico e em Medicina. Além de culto, dispensava trabalhos assistenciais aos escravos, com os quais aprendeu quimbundo, sobre o qual escreveu sua gramática, direcionada principalmente para padres em atividade de conversão dos angolanos para o catolicismo.

entoação, e como estes podem estar relacionados com questões de natureza estilística em quimbundo.

Kimbundu grammar. Gramática elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola, de Héli Chatelain (1888-1889).[13] Se em Dias (1697) já se nota uma descrição inicial de traços supra-segmentais exercendo função gramatical e estilística em quimbundo, em Chatelain verifica-se uma maior percepção desses traços da língua, descrevendo-a não apenas como acentual, mas apontando-lhe também sua natureza tonal por meio da expressão descritiva "entoação particular de parônymos", que o autor exemplifica com pares de palavras, transcritos da seguinte forma: *-banga* 'fazer' e *-bánga* 'pelejar', *-loua* 'enfeitiçar' e *-lóua* 'pescar', *njila* 'caminho' e *njíla* 'pássaro', *hama* 'cama' e *háma* 'cem'.

1.5.1 Fonologia

Os estudos mais relevantes da literatura especializada em línguas do grupo banto, como Guthrie (1948; 1953; 1967-1971), trazem poucas informações sobre o nível fonológico do quimbundo. Os únicos estudos lingüísticos no século XX, já dentro de uma perspectiva científica sobre a fonologia da língua são os seguintes:

The tonal structure of Portuguese loanwords in Kimbundu. Trata-se de uma lista de palavras escrita por Guy Atkins (1953), descrevendo padrões tonais de empréstimos oriundos do português absorvidos pelo quimbundo. Talvez seja a primeira referência que atesta o uso do termo "tom" em quimbundo, tal como conhecemos hoje.

[13] No prefácio da obra, informa-se que o autor era suíço, falante de francês e alemão. Além de conhecer inglês, italiano, espanhol, grego, latim e hebraico, ele aprendeu português e quimbundo para seguir em missão em Angola. Com doações e recursos próprios, descreveu o quimbundo, para a qual verteu a Bíblia para nativos, funcionários e outros missionários em campo. Menciona ainda a gramática de Dias (1697) e o dicionário e a gramática de Cannecattim, de 1804 e 1805, respectivamente. Comenta sobre a vitalidade das línguas africanas e o contato que elas estabeleceram com línguas européias, dando origem a línguas crioulas, que ele reconhece como línguas completas. A julgar pelas comparações precisas que estabelecia entre o quimbundo e outras línguas bantas, Chatelain tinha conhecimentos do quicongo e do quissuaíli.

Ésquisse grammaticale du kimbundu, de Kukanda Vatomene (1974). Este *mémoire*, realizado em um ano acadêmico, aborda de modo sucinto os aspectos gramaticais do quimbundo. O trabalho, realizado junto a um informante do dialeto ambaca,[14] vivendo então em Lubumbachi, na República Democrática do Congo, traz a primeira tentativa de descrição sobre a tonologia da língua.

Kimbundu nominals: tone patterns in two contexts, de Linda Arvanites (1976). Trata-se de um artigo que aborda o fenômeno de espraiamento e rebaixamento tonal em sintagmas nominais do quimbundo, tomando por base dados elicitados junto a um informante de origem não relatada no trabalho.

Notities over het Kimbundu, de Frans van Dam (1977), trata-se de uma monografia sobre o comportamento tonal em radicais verbais da língua, com dados coletados em Leiden, Holanda, junto a um informante natural da cidade de Caxito (Bengo).

Histórico sobre a criação dos alfabetos em línguas nacionais (1980), uma publicação que marca o início da política lingüística de Angola, em que se aborda pela primeira vez uma descrição sistematizada do sistema fonológico do quimbundo e outras línguas daquele país, com vista à elaboração e definição de um alfabeto para cada uma.[15]

---

[14] Segundo o autor, variedade do quimbundo falado na cidade de Malange, capital da província de Malange.

[15] Os primeiros trabalhos concentrados em fonologia do quimbundo realizados em próprio território angolano surgem na década de 1980, no contexto das medidas governamentais para o funcionamento do novo Estado, independente em 1975. Entre essas medidas, estava a criação de políticas lingüísticas, visando à transformação da língua da dominação numa língua oficial por definitivo e trazendo as línguas autóctones para o centro das discussões educacionais e políticas. Por meio do Decreto 62/78 de 06 de abril de 1978, criou-se o INL (Instituto Nacional de Línguas), pelo qual se implementou um projeto experimental de alfabetização. O INL, ao qual se confiavam os trabalhos sobre as línguas autóctones e estrangeiras, passou a se chamar ILN (Instituto de Línguas Nacionais), por meio do Decreto 40/85 do Conselho de Defesa e Segurança, em 18 de novembro do mesmo ano. Com essa medida, as línguas estrangeiras ficariam a cargo do Ministério da Educação, e as línguas nacionais, do ILN.

O *Esboço Fonológico. Alfabeto* (1985) dá prosseguimento ao trabalho de 1980, efetuando uma revisão do sistema fonológico e, em conseqüência, do alfabeto das seis línguas contempladas como nacionais: umbundo, quimbundo, quicongo, chôcue, oxiquaniama e ganguela.[16]

Systématique phonologique et grammaticale du kimbundu (Angola), de Domingos José Pedro (1987). Nessa obra, contemplam-se, em linhas gerais, a fonologia e outros aspectos gramaticais do quimbundo. Em 1993, o mesmo autor apresenta sua tese de doutorado *Étude grammaticale du kimbundu (Angola)*, uma descrição morfossintática da língua, com dados de falantes da região de Calumbo (Luanda). Na introdução, há uma breve revisão fonológica, onde se menciona que, além dos tons, o quimbundo utiliza um acento com função distintiva.[17]

1.6 O Quimbundo desta Pesquisa

Não há consenso sobre o número preciso de dialetos do quimbundo na literatura. Guthrie (1967-1971) registra 5 variedades dialetais: *angola*, *jinga*, *sama*, *bolo (haco)* e *songo*. Redinha (1970) reconhece 4: *jinga*, *bamba*, *ambaca* e *angola*. O mapa etnolingüístico de Angola (impresso em Luanda, s/d) apresenta 21 nomes de dialetos da língua, escritos da seguinte forma: *luanda*, *ambundo*, *hungu*, *luango*, *ntemu*, *puna*, *dembo*, *angola* (ou *jinga*), *bondo*, *mbangala*, *holu*, *kadi*, *xinje*, *minungu*, *songu*, *mbamba*, *kisama*,

[16] Assim como o estudo de 1980, o trabalho de 1985 também se insere no quadro do projeto ANG/77/009/C/01/13 do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) da UNESCO.

[17] O autor cita três pares mínimos, marcando com o diacrítico sobrescrito 'ˈ' as sílabas acentuadas: kú-ˈdjà *comer* e ˈkú-djà *comida*; kú-ˈnwà *beber* e ˈkú-nwà *bebida*; kú-ˈfwà *morrer* e ˈkú-fwà *morte*. Veja-se, portanto, que, segundo esses dados, os nomes da classe 15, que agrupa os infinitivos em quimbundo, apresentariam uma proeminência acentual na última sílaba, embora não se explicite no trabalho a natureza acústica desse acento e sua manifestação, em termos articulatórios e perceptuais, dentro da sílaba e os segmentos que a compõem. A questão da eventual existência de um acento em quimbundo será descrita em detalhes nesta tese, no capítulo dedicado à fonologia supra-segmental da língua.

libolo, *kibala*, *hako*, *sende*. Vatomene (1974) retoma a mesma lista e acrescenta o dialeto de *ambaca*.[18]

Seja qual for a realidade dialetal do quimbundo hoje, os dados coletados para a elaboração do trabalho de descrição que aqui se apresenta revelam uma notável homogeneidade gramatical, principalmente no que tange ao nível fonológico, entre as quatro variedades regionais que serviram de base para esta pesquisa. O fato se explica pelo espaço compartilhado por essas variedades, localizadas na área principal onde se encontram as comunidades de falantes ambundos (cf. mapa 5, p. xviii), que estabelecem entre si, ainda hoje, um intenso contato.

Como forma complementar a uma análise estritamente interna ao sistema lingüístico, os testes de inteligibilidade dialetal que realizei a partir das gravações das falas dos informantes demonstraram que as variedades aí existentes, ainda que apresentem características fonéticas e lexicais próprias, são realmente intercompreensíveis. Assim, as características lingüísticas regionais impressas nos diferentes sotaques de meus informantes devem ser observadas enquanto manifestações fonéticas controladas por um mesmo sistema fonológico, que, em razão de sua vitalidade condicionada pelo seu grande número de falantes, exibe variações próprias a qualquer língua. Sua notável homogeneidade[19] permite justificar, portanto, minha decisão, em termos comparativos de fonologia, de evocar um tipo abstrato de língua, composto por instâncias particulares de quimbundo, representadas pelos informantes que forneceram os dados para a pesquisa.

---

[18] Meus informantes desconhecem os nomes das variedades mencionadas nesses trabalhos. De fato, quando lhes perguntei o tipo de quimbundo que falam, utilizaram invariavelmente um sintagma determinante, referindo-se ao nome de seu município ou província de origem. Nas palavras de um informante: *émè ngìzwélà kìmbúndú kjámàlánʒè*, 'eu falo quimbundo malangino'.

[19] Essa homogeneidade se deve possivelmente ao nivelamento dialetal causado pelo reagrupamento de falantes ambundos, que vinham de regiões dialetais distintas, em regiões específicas, durante e após as guerras. De todo o modo, do ponto de vista estritamente lingüístico, não descarto a existência de um *continuum* dialetal quimbundo, indo das variedades centrais (no eixo Malange-Luanda), até as variedades mais distantes faladas nas áreas de influência (assinaladas no mapa 5, p. xvii), hipótese que espero comprovar em pesquisas realizadas diretamente no campo.

1.7 *Corpus*

Dois tipos de *corpus* foram utilizados para efetuar a fonologia do quimbundo:

1. Uma lista de 800 unidades lexicais, sintagmas e sentenças, adaptada de Bouquiaux e Thomas (1976), as quais foram gravadas nas sessões de elicitação junto aos informantes.

2. Relatos gravados em entrevistas realizadas a partir de questionários intensivos, isto é, questionários elaborados com vistas à obtenção de dados sociológicos e sociolingüísticos detalhados a respeito dos informantes.[20]

1.8 Materiais e Métodos

A base material deste trabalho são as gravações de dados de fala que compõem os dois tipos de *corpus* mencionados acima e o estudo lexical e gramatical disponível nos trabalhos sobre a língua.

Para a obtenção de dados conseqüentes, que permitissem efetuar uma abstração descritiva do sistema fonológico do quimbundo, foi necessário constituir uma lista coerente de palavras e frases das quais se captaram não apenas os sons que compõem o seu inventário de fonemas, mas também os fenômenos segmentais e supra-segmentais da língua.

Assim, as palavras foram inicialmente produzidas de maneira isolada, isto é, sem referência a um contexto específico explícito. Depois elas foram elicitadas em enquadramentos sintáticos, como método de "isolar" precisamente a melodia tonal e assim chegar à forma lexical ("subjacente") das palavras e observar as possíveis variações prosódicas em função de contextos morfológicos e fronteiras de palavras. Nesse sentido, as palavras, além de pronunciadas isoladamente, foram pronunciadas no início, no meio e no final desses enquadramentos sintáticos. Isso é importante do ponto de vista metodológico,

[20] Os textos foram todos produzidos em quimbundo, transcritos e traduzidos com a ajuda dos informantes e configuram no final desta tese. Antes de servirem como ilustração lingüística, esses textos são a base para uma proposta introdutória ao estudo do ritmo em quimbundo.

pois a mera observação da melodia tonal das palavras pronunciadas isoladamente não traz informações suficientes para a análise satisfatória da estrutura prosódica do quimbundo. Com efeito, a captação tonal da forma subjacente tende a se mascarar sob a forma de uma melodia descendente em final de enunciado.

No que tange especificamente à listagem dos itens lexicais, optei por uma organização fundamentada no critério morfológico de distribuição dos nomes em quimbundo.[21] O objetivo dessa distribuição, apesar de inicialmente externa ao propósito da pesquisa, era seguir um esquema que permitisse organizar, da maneira mais coerente possível, os itens lexicais utilizados para a análise fonológica.

Com exceção dos relatos, todas as palavras e frases elicitadas foram produzidas duas vezes em quimbundo para a captação mais segura dos seus segmentos e supra-segmentos, orientando-se os informantes a manter ao máximo a identidade na pronúncia em cada par enunciado.

Durante o trabalho de transcrição, a pronúncia dos itens lexicais, frases e relatos foi sistematicamente verificada junto aos informantes.[22] Posteriormente os dados foram transferidos para um computador, de onde se prosseguiram o controle, a verificação e a organização do material gravado.

---

[21] O quimbundo, como as demais línguas bantas, organiza os nomes em um conjunto de classes nominais agrupadas em pares cujos termos exprimem a oposição singular/plural. Essas classes são manifestadas por prefixos de concordância, que indicam o gênero a que pertence um nome. Cada gênero é um emparelhamento de classes e é indicado por uma enumeração (ímpar, o singular; par, o plural), proposta por Meinhof no século XIX. Assim, em quimbundo, o prefixo *mù-*, da classe 1, e seu plural *à-*, da classe 2, formam um gênero. Por outro lado, como mencionado anteriormente, se a primeira gramática com valor científico do quimbundo, elaborada por Dias no século XVII, marca o fim da utilização do modelo de casos na descrição das línguas africanas, é somente na segunda metade do século XIX que "classe nominal" começa a ganhar estatuto terminológico, a partir dos estudos de Wilhelm Bleek, em 1862.

[22] Assobiar as palavras foi a principal técnica utilizada pelos homens como auxiliar de captação e atribuição dos tons em quimbundo. As mulheres, por sua vez, preferiram reproduzir as sílabas das palavras cuidadosamente de modo a tornar-lhes perceptível a variação de altura tonal. Ambas as técnicas me permitiram operar a transcrição fonética dos dados para a realização deste trabalho.

1.9 Dificuldades Encontradas

Realizar trabalhos de campo diretamente nas áreas de origem do povo ambundo, onde o acesso e a permanência ainda são bastante arriscados, é uma das principais dificuldades com que se deparam os lingüistas. Assim, o problema que encontrei ao me engajar em uma pesquisa fornecendo uma descrição atualizada sobre o quimbundo foi a raridade de informantes ambundos residindo fora de sua área lingüística de origem e a freqüente incompatibilidade entre o horário de suas atividades cotidianas e aquele eventualmente destinado a uma rotina adequada para o cumprimento das atividades de gravação, transcrição e tradução.[23] Esses dois fatos prolongaram por certo tempo meu trabalho de coleta de dados e, em conseqüência, minha compreensão do sistema fonológico da língua só começou finalmente a avançar entre o final de 2008 e durante o ano de 2009, quando pude trabalhar regularmente junto aos meus informantes de modo a coletar um maior número de dados, estabelecer comparações entre as variedades estudadas e confrontar os resultados com as descrições apresentadas na bibliografia a que tive acesso.

1.10 Informantes

Para obter dados confiáveis da língua, optei por trabalhar junto a pessoas nascidas e criadas na região central do povo ambundo (cf. mapa 5, p. xviii) e que tivessem o

[23] Devido a questões profissionais incontornáveis dos dois informantes que encontrei em São Paulo, não foi possível estabelecermos uma rotina de trabalho mais longa (cf. tabela 1, p. 14). Posteriormente, o encontro com outros quimbundófonos se consumou por ocasião de meu estágio de doutoramento no LLACAN/CNRS. O estágio se deu no seio do projeto "A participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro", coordenado pela Professora Doutora Margarida Petter, financiado pela CAPES e pelo COFECUB. Além de realizar estudos de línguas africanas no referido centro de pesquisas, haveria a possibilidade de estabelecer contatos com pesquisadores e estudantes africanos na França. Outra possibilidade era, estando em território francês, partir a Portugal, onde, presumia-se, o contato com informantes de quimbundo seria mais fácil.

quimbundo como primeira língua, de modo a configurar, portanto, um quadro lingüístico apropriado para os fins desta pesquisa.[24]

O primeiro informante com o qual trabalhei é um homem de 47 anos, natural de Viana (município da província de Luanda). Sabe ler e escrever em português e em quimbundo e tem algum conhecimento de quicongo e umbundo.

O segundo informante é um homem de 35 anos, natural de Golundo Alto (município da província de Quanza Norte). Sabe ler e escrever em português e em quimbundo.

O terceiro informante é um homem de 45 anos, natural de Malange (município e capital da província de Malange). Sabe ler e escrever em português e em quimbundo.

O quarto informante é uma mulher de 58 anos, não alfabetizada, natural de Ícolo e Bengo (município da província de Bengo). É também falante de português e compreende um pouco de quicongo.

O quinto informante é uma mulher de 58 anos, natural de Dande (município da província de Bengo). Fala, entende, lê e escreve em português, lingala, francês, alfabetizou-se em quimbundo e entende um pouco de quicongo.

Os informantes emigraram da área dos ambundos, origem também de seus pais e avós, somente em idade adulta, sendo, ainda hoje, o quimbundo a principal língua de comunicação dessas pessoas com suas famílias, principalmente por telefone e *email*, como pude testemunhar em diversos momentos das entrevistas. Quatro informantes lêem regularmente textos bíblicos em quimbundo e todos acompanham via *internet* emissões de rádio com programações nesta mesma língua.

[24] Cabe mencionar que provavelmente as áreas do quimbundo eram facilmente delimitáveis quando estavam aí circunscritos, antes de se iniciarem os conflitos armados, os ambundos com seus dialetos específicos, cujos traços convergiam, no processo gradual de variação e mudança lingüística, para um protótipo comum de quimbundo. Com as guerras, essas áreas foram quase totalmente evacuadas, levando a separações dos povos e seus dialetos. Com o término dos conflitos, ambundos de diferentes variedades dialetais de origem, voltaram a repovoá-las, estabelecendo-se, provavelmente, em áreas que já não correspondem às de sua origem dialetal. É nesse sentido que insistimos anteriormente na necessidade de se estabelecer um estudo areal que forneça dados seguros acerca das novas e antigas variedades de quimbundo.

1.11 Levantamento de Dados

Os dados que constituem o material do presente trabalho foram coletados por ocasião de quatro missões de pesquisa que cumpri em 2007 e 2009, efetuando 53 sessões de trabalho de 4 horas cada uma, 2 horas das quais eram dedicadas às atividades de transcrição e testes de inteligibilidade dialetal. A tabela a seguir ilustra o cronograma das missões:

Tabela 1 Cronograma das Missões de Pesquisa

2007	Mês da Missão	Cidade/País	Sessão/Total de Horas	Origem do Informante
	Outubro	São Paulo/Brasil	01/04	Viana (Luanda)
	Novembro	São Paulo/Brasil	01/04	Golungo Alto (Quanza Norte)
2009	Fevereiro	Odivelas/Portugal	18/72	Malange (Malange)
		Loures/Portugal	18/72	Ícolo e Bengo (Bengo)
	Setembro	Orleans/França	15/60	Dande (Bengo)

1.12 Organização da Tese

No tocante à descrição e análise fonológica do quimbundo, esta tese apresenta duas partes específicas:

1) um capítulo onde se descreve o nível segmental da língua, mostrando, em análise, os segmentos vocálicos e consonantais do quimbundo bem como os fenômenos a eles relativos;

2) um capítulo dedicado às questões relativas ao nível supra-segmental do quimbundo, apresentando-se dados que põem em relevo o estatuto tonal da língua. Além da análise de alguns fenômenos prosódicos, o capítulo traz uma proposta inicial ao estudo do ritmo em quimbundo.

Esta tese também conta com um apêndice, onde se registram:

1) uma breve apresentação da morfologia nominal e verbal do quimbundo;

2) fragmentos de textos gravados, como relatos, receitas culinárias e provérbios, e

3) um léxico constituído a partir das entrevistas com os informantes e utilizado neste trabalho.

1.13 Observação sobre a Relação Fonologia/Morfologia

Como esta tese representa o início da depreensão da estrutura gramatical completa do quimbundo, do qual deverão seguir outros trabalhos, eu busquei me concentrar na exposição dos níveis da fonologia segmental e supra-segmental da língua.

Por outro lado, os fenômenos relativos a esses dois níveis em quimbundo só podem ser compreendidos quando se observa sua estrutura morfológica. Por esse motivo, ao longo do trabalho, eu me reporto a alguns de seus elementos de morfologia, como fator de demonstração de fenômenos segmentais e supra-segmentais.

Assim, no tocante ao nível segmental quimbundo, os casos de harmonia vocálica ocorrem especificamente dentro do complexo de marcas que compõem o verbo. No tocante ao nível prosódico da língua, nota-se que o colapso de seu sistema tonal em favor da mobilidade do tom se deve à sua estrutura morfológica, fundamentalmente aglutinante. Com efeito, como se verá nos casos de sândi tonal, o tom alto é capaz de ultrapassar as fronteiras entre palavras ou mesmo contemplá-las por inteiro, sejam elas de qualquer natureza, isto é, nominal, verbal ou gramatical.

2

Fonologia Segmental do Quimbundo

O objetivo deste capítulo é apresentar em termos descritivos:

1. O inventário de fonemas do quimbundo;
2. As combinações possíveis das unidades distintivas do nível segmental.

2.1 Vogais

Como ocorre nas demais línguas do mundo, o quimbundo conhece três tipos de sons articulatórios: as vogais, as consoantes e as semivogais. Dentre as vogais, o quimbundo possui 5 fonemas: /i/, /u/, /e/, /o/, /a/.

Meeussen (1980 [1967]), dentre vários outros bantuístas, concordam com a proposta segundo a qual o protobanto possuía sete vogais distintas distribuídas em quatro graus de abertura: /*i̧*/ e /*u̧*/ (respectivamente, anterior e posterior, ambas super-altas e super-fechadas); /*i*/ e /*u*/ (respectivamente, anterior e posterior, ambas fechadas e altas); /*e*/ e /*o*/ (respectivamente, anterior e posterior, ambas semiabertas e médias) e a vogal baixa aberta /*a*/. Considerando-se o inventário apresentado na tabela 2 a seguir, os graus 1 e 2 do protobanto fundiram-se historicamente de modo a constituir o sistema de cinco vogais em quimbundo.

Tabela 2 Inventário dos Fonemas Vocálicos do Quimbundo

vogal	anterior	central	posterior
alta	**i**		**u**
média	**e**		**o**
baixa		**a**	

Exemplos:

(1) /i/ k**ì**.fú.bà
kì-fúbá
7-osso
osso

(2) /u/ dì.z**ú**.nù
lì-zúnù
5-nariz
nariz

(3) /e/ lù.nd**é**.mbà
lú-ndémbà
11-cabelo
cabelo

(4) /o/ mù.s**ó**.sò
mù-sósò
3-conto
conto

(5) /a/ m**á**.sò.ló.lò
má-sòlólò
6-diálogo
diálogos

Os pares mínimos a seguir demonstram a função distintiva das vogais em quimbundo.

Fonema /i/

A função distintiva do fonema /i/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pelas oposições /i/ *vs.* /e/ (exemplos 6 e 7) e /i/ *vs.* /a/ (exemplos 8 e 9):

(6) mb**í**.ʒì
Ø-mbíʒì
9-peixe
peixe

(7) mb**é**.ʒì
Ø-mbéʒì
9-mês
mês

(8)	nzá.mb**ì**	(9)	nzá.mb**à**
	Ø-nzámbì		Ø-nzámbà
	9-Deus		*9*-elefante
	Deus		*elefante*

Fonema /e/

A função distintiva do fonema /e/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pelas oposições /e/ *vs.* /o/ (exemplos 10 e 11) e /e/ *vs.* /a/ (exemplos 12 e 13):

(10)	kú.l**é**.ŋgà	(11)	kú.l**ó**.ŋgà
	kú- léŋ -à		kú- lóŋ -à
	15-correr-*VF*		*15*-ensinar-*VF*
	correr		*ensinar*

(12)	kì.lú.mb**è**	(13)	kì.lú.mb**à**
	kì-lúmbè		kì-lúmbà
	7-carneiro		*7*-moça
	carneiro		*moça*

Fonema /a/

A função distintiva do fonema /a/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pelas oposições /a/ *vs.* /u/ (exemplos 14 e 15) e /a/ *vs.* /o/ (exemplos 16 e 17):

(14)	kú.s**á**.ŋgà	(15)	kú.s**ú**.ŋgà
	kú- sáŋ -à		kú- súŋ -à
	15-encontrar-*VF*		*15*-puxar-*VF*
	encontrar		*puxar*

(16)	hó.mb**à**	(17)	hó.mb**ò**
	Ø-hómbà		Ø-hómbò
	9-saco		*9*-cabra
	saco		*cabra*

Fonema /o/

A função distintiva do fonema /o/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pelas oposições /o/ *vs.* /u/ (exemplos 18 e 19) e /o/ *vs.* /a/ (exemplos 20 e 21):

(18)	kú.k**ó**.ŋgà	(19)	kú.k**ú**.ŋgà
	kú- kóŋ -à		kú- kúŋ -à
	15-raspar-*VF*		*15*-correr-*VF*
	raspar		*enxugar*

(20)	mó.n**ó**	(21)	mó.n**á**
	mù-ánà ù-óìò		mù-ánà -ù -á -á
	1-filho-*1-DET*		*1*-filho-*1-GEN-3PL*
	esse filho		*filho deles*

Fonema /u/

A função distintiva desse fonema /u/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pelas oposições /u/ *vs.* /o/ (exemplos 22 e 23) e /u/ *vs.* /a/ (exemplos 24 e 25):

(22)	kú.ɲ**ú**.ŋgà	(23)	kú.ɲ**ó**.ŋgà
	kú- nìúŋ -à		kú- nìóŋ -à
	15-contornar-*VF*		*15*-torcer-*VF*
	contornar		*torcer*

(24) tá.ŋg**ù**
Ø-táŋù
9-peixe
peixe sp.

(25) tá.ŋg**á**
táŋ-à -Ø
ler-*VF*-*IPR1*
leia

Portanto, as oposições apresentadas em pares mínimos acima comprovam a função distintiva das vogais *i, e, a, o, u* em quimbundo.

Alguns fenômenos fonéticos que afetam a realização dessas vogais são descritos nas próximas páginas.

2.1.1 Fenômenos Fonéticos

Os dados coletados nesta pesquisa revelam alguns fenômenos fonéticos que atuam sobre as vogais do quimbundo. Eles podem se motivados por razões de natureza segmental e prosódica em interação com a estrutura morfológica da língua e podem atingir tanto as vogais dos nomes quanto as dos verbos.

2.1.1.1 Fusão

De acordo com critérios fonológicos de combinação, as vogais apresentadas na seção anterior dividem-se em dois grupos: o grupo das vogais primárias, que reúne as vogais altas /*i*/ e /*u*/ e a vogal baixa /*a*/, e o grupo das vogais secundárias, que reúne as vogais médias /*e*/ e /*o*/.

Em alguns contextos fonéticos, vogais médias do quimbundo podem se derivar da fusão das vogais do primeiro grupo, no sentido ascendente, isto é, /*a*/ + /*i*/ = /*e*/ e /*a*/ + /*u*/ = /*o*/. Os exemplos a seguir ilustram o fenômeno de fusão, derivando-se [*e*] e [*o*]:

(26) ŋgé.mbí.lè
ŋì- **á**- **í**mb -él -è
1SG-*REM*-cantar-*PF*-*VF*
cantei

(27) ŋgó.mbò
ŋì- **á**- **ú**mb -è
1SG-*REC*-moldar-*VF*
moldei

Quando a vogal /*a*/ se funde com a vogal /*i*/ ou /*u*/, produz-se, respectivamente, a vogal [*e*] e a vogal [*o*] no nível fonético. Em (26), a vogal /*a*/ do passado remoto se fundiu com a vogal inicial /*i*/ da raiz verbal -***ì****mb*-, 'cantar', produzindo [*e*]. A vogal [*o*] inicial da raiz verbal em (27) resulta da fusão da vogal /*a*/ do passado recente com a vogal inicial /*u*/ de -***ú****mb*-, 'moldar'.

Na esteira do fenômeno de fusão vocálica em quimbundo, observa-se a simplificação de vogais altas diante de vogais altas, como atestam os exemplos a seguir:

(28) wá.dì
ù- á- **lì** **-ì**
3SG-REC-comer-*PF*
comeu

(29) wá.fù
ù- á- **fù** **-ù**
3SG-REC-morrer-*PF*
morreu

Em (28), a vogal alta /*i*/ da raiz verbal -*lì*-, 'comer', funde-se com a vogal do aspecto perfectivo /*i*/. O exemplo (29) mostra o mesmo fenômeno de simplificação com a vogal alta /*u*/ da raiz -*fù*-, 'morrer', com a vogal /*u*/, que marca o aspecto perfectivo.

2.1.1.2 Semivocalização

Como acontece em grande parte das línguas do grupo banto (Ngunga, 2004:67-69), a semivocalização, assim como os processos de fusão, elisão e degeminação, é uma estratégia fonética que tem por efeito evitar hiatos.

Nesse sentido, a mesma estratégia se observa em quimbundo, onde as vogais altas /*i*/ e /*u*/ passam respectivamente às semivogais [*j*] e [*w*] quando diante de vogais não-altas (*e*, *o*, *a*). Observe-se que, como atestam os exemplos a seguir, somente as vogais de tom baixo podem se semivocalizar em quimbundo:

(30) nʒí.lá.**j**é
Ø- nʒílá **ì**- -**é**
9-pássaro *9-DET*
teu pássaro

(31) k**w**é.ndà
k**ù**- **é**nd -à
15-andar-*VF*
andar

(32) **w**á.mé.sé.nè
ù- **á**- mésén -è
1-REC-precisar-*PF*
precisou

(33) **j**ó.ló.bà.ŋgà
ì- **ó**ló- bàŋ -à
9-PRG-fazer-*IPF*
está fazendo

(34) d**j**é.lè
l**ì**- **é**lè
5-seio
seio

(35) **w**ó.ló.tú.ndà
ù- **ó**ló- túnd -à
3SG-PRG-sair-*IPF*
está saindo

Esses dados também demonstram a formação, por efeito da semivocalização, de ditongos fonéticos em quimbundo. Em (30), observa-se a formação do ditongo [*je*] a partir do encontro da vogal /*ì*/ com a vogal de tom alto /*é*/ do pronome possessivo enclítico -*ié*, ‘teu’. Em (31), temos um exemplo do ditongo [*we*], que se forma a partir da contigüidade entre /*ù*/ do prefixo da classe 15 *kù* e /*é*/ da raiz -*énd*-, ‘andar’. O exemplo (32) mostra a realização do ditongo [*wa*], formado pelo encontro de /*ù*/ da marca de concordância do sujeito da 3.ª do singular da classe 1 e a marca do passado recente /*á*/. Em (33), temos [*jo*], resultado da aproximação da vogal /*ì*/, da marca de sujeito da classe 9, com a vogal de tom alto /*ó*/, da marca temporal do progressivo *óló*-. O ditongo [*ej*] é exemplificado em (34), onde /*é*/ da raiz -*él*- está contíguo à vogal de tom baixo /*ì*/ do prefixo da classe 5. Em (35), observa-se a formação do ditongo [*wo*], pelo encontro de /*ù*/ da marca de concordância do sujeito da 3.ª do singular da classe 1 com a vogal /*ó*/ da marca do progressivo *óló*-.

Tal como ocorre com a elisão em quimbundo (descrita na próxima seção), a ditongação não se restringe a domínios maiores do que a palavra morfológica, pois, conforme atestam os exemplos, ela ocorre tanto no interior quanto no exterior da palavra.

2.1.1.3 Elisão

O quimbundo apresenta também o fenômeno de elisão, em que duas vogais são contraídas em uma só dentro de uma mesma palavra. Assim como a semivocalização, a elisão em quimbundo é controlada por restrições de natureza supra-segmental. Com efeito, qualquer vogal em quimbundo pode ser elidida, desde que ela seja de tom baixo, seguida por outra vogal de tom alto, como atestam os seguintes dados:

(36) í.mó.jò
í-mà óìò
8-coisa *DET*
essas coisas

(37) ŋgé.ndà
ŋì- Ø- énd -à
1SG-*PRS*-andar-*IPF*
vou andar

(38) tó.ndó.sò.né.kà
tù- óndó- sònék -à
1PL-*ITC*-escrever-*IPF*
escreveremos

Em (36), a vogal /*à*/ da palavra *ímà*, 'coisa', possui tom baixo e, nesse caso, é elidida por estar diante de outra vogal de tom alto, no caso, da vogal /*ó*/ do determinante enclítico *óiò*, 'esse'. A elisão também é exemplificada em (37), a partir da forma subjacente /*ŋìéndà*/, 'vou andar', onde a vogal /*ì*/ da marca pronominal de concordância de sujeito *ŋì*- apresenta um tom baixo e, assim, é elidida, produzindo-se no nível fonético a forma [*ŋgéndà*]. O mesmo fenômeno se observa no exemplo (38), com a forma subjacente /*tùóndósònékà*/, 'escreveremos', onde a vogal de tom baixo /*ù*/ da marca de sujeito pronominal da 1ª do plural *tù*-, diante da vogal de tom alto da marca do tempo intencional *óndó*-, foi elidida, produzindo-se a forma [*tóndósònékà*].

Esses dados atestam casos de sândi interno em quimbundo, pois as modificações fonéticas conseqüentes à elisão se aplicam nas extremidades de morfemas que fazem fronteira entre si, como se observa nos exemplos (37) e (38). No exemplo (36), por outro lado, atesta-se a ocorrência da elisão entre o núcleo do sintagma nominal e seu determinante, caracterizando um caso de sândi externo. Observa-se também que, nesses exemplos, por efeito da elisão, ocorre a ressilabificação das formas que atestam a elisão, pois a consoante, que restaria sozinha ao final das palavras (onde se observa o sândi externo) ou dos morfemas (onde se observa o sândi interno), une-se com a vogal inicial da palavra ou morfema seguinte, formando a sílaba CV (consoante/vogal) em quimbundo.
É importante ressaltar que não há restrição segmental para que a elisão ocorra em quimbundo – com efeito, ela pode ocorrer com qualquer vogal da língua. Por outro lado, ela

só ocorre mediante a observação de restrições tonais, isto é, somente vogais de tom baixo é que se elidem em quimbundo.

2.1.1.4 Degeminação

Duas vogais idênticas de tom baixo podem ser pronunciadas como uma só em quimbundo, caracterizando o fenômeno da degeminação. Note-se, portanto, que, para que a degeminação seja licenciada, essas duas exigências de natureza segmental e supra-segmental precisam ser atendidas, como se atesta pelos seguintes exemplos:

(39) mbá.mbì.mó.ʃì
Ø-mbámbì ì-móʃì
9-gazela *9-DET*
uma gazela

(40) mú.tú.mó.ʃì
mú-tù ù-móʃì
1-tù *1-DET*
uma pessoa

No exemplo (39), a vogal /ì/ de tom baixo da palavra *mbámbì*, 'gazela' se funde com a vogal /ì/ inicial do determinante *ìmóʃì*, 'um', fazendo que sejam pronunciadas como uma só vogal, [*ì*]. O mesmo fato se observa em (40), em que a vogal /*ù*/ de tom da palavra *mútù*, 'pessoa', funde-se com a vogal [*ù*] de tom baixo do determinante *ùmóʃì*, 'um'. Contudo, em seqüências do tipo $V^B{}_1V^B{}_2\,V_3{}^A$, (para $V^B{}_1 = V^B{}_2$), isto é, duas vogais idênticas de tom baixo seguidas de uma vogal de tom alto, $V^B{}_2$ se transforma em semivogal, ainda como estratégia que o quimbundo utiliza a fim de eliminar hiatos no nível fonético. Assim, por exemplo, o sintagma nominal /*múʃì ìú*/, 'esta árvore', é pronunciado [*múʃì jú*], pois a vogal de tom baixo /ì/ que compõe o determinante *ìú*, 'este', passa a se realizar [*j*], diante de uma vogal de tom alto. Desses exemplos depreende-se que não ocorre nenhum tipo de alongamento compensatório do encontro de duas vogais idênticas de tom baixo em quimbundo, ao contrário do que ocorre do encontro de duas vogais idênticas de tom alto, como veremos na seção seguinte.

2.1.1.5 Alongamento Compensatório

O alongamento compensatório em quimbundo é resultado da junção de dois tons altos contíguos em que um dos segmentos que os carrega desaparece no nível fonético, como se observa nos seguintes exemplos:

(41) ŋg**áꜜ:**.ndá.lè
ŋì- **á-** **á**ndál -è
1SG-REC-querer-*PF*
eu quis

(42) ŋg**áꜜ:**.ndá.lé.lè
ŋì- **á-** **á**ndál -él-è
1SG-REM-querer-*PF*-*VF*
eu quis

Em (41), o verbo /*ŋáándálè*/, 'eu quis (hoje)', é pronunciado [*ŋgáꜜ:ndálè*], com um *a* longo [*á:*], resultado da contigüidade estabelecida entre a marca de passado recente /*á*/ e a vogal inicial do radical do verbo -*ándálà*, 'querer'. O mesmo tipo de alongamento se observa em (42), com o verbo /*ŋáándálélè*/, pronunciado [*ŋgáꜜ:ndálélè*], 'eu quis (há muito tempo)', em que a marca /*á*/ do passado remoto tem pronúncia alongada [*á:*] por estar diante da vogal que inicia o radical -*ándálèlè*.[25]

Assinale-se o fato de que o tom que se mantém no nível fonético é sempre o tom alto no caso dos alongamentos compensatórios. Não há casos de alongamento compensatório que se estabeleça por duas vogais contíguas de tom baixo. Por outro lado, no encontro de vogais com tons realizados com alturas distintas, é o tom baixo que desaparece juntamente com o seu suporte segmental, como ilustra os exemplo (43) e (44) a seguir:

(43) ŋgá.ndá.là
ŋ**ì**- Ø- **á**ndál -à
1SG-PRS-querer-*IPF*
quero

(44) ŋgá.mé.sé.nà
ŋ**ì**- Ø- **á**mésén -à
1SG-PRS-precisar-*IPF*
preciso

[25] Do encontro de dois tons altos contíguos (exemplos 40 e 41), observa-se o fenômeno de *downstep* (cf. 3.1.1.2).

Em /*ŋìándálà*/, 'quero', (exemplo 43) e /*ŋìáméséná̀*/, 'preciso', (exemplo 44), observa-se, no nível subjacente, a marca pronominal de concordância do sujeito *ŋì-* com um tom baixo, que desaparece na derivação do nível fonético, resultando, respectivamente, as pronúncias [*ŋgándálà*] e [*ŋgáméséná̀*]. Neste caso, o alongamento vocálico não se realiza, uma vez que dois tons alto contíguos são a condição fundamental do fenômeno em quimbundo, o que não acontece nos dois exemplos apresentados.

2.1.1.6 Harmonia Vocálica

Estudada sob diferentes pontos de vista teóricos em trabalhos sobre diversas línguas do mundo, como o coalibe (Quint, 2006) e outras línguas nigero-congolesas (Creissels, 1994:89-103), o tibetano (Sprigg, 1980), o turco (Şen, 1983), o finlandês e o húngaro (Chagas de Souza, 2004), a harmonia vocálica é um assunto que, até a realização desta tese, ainda não havia sido descrito na literatura africanista de modo a prover regras explícitas que descrevessem o fenômeno no quimbundo.

Como vimos nas seções anteriores, o quimbundo conhece processos morfofonológicos que afetam as vogais ao nível da gramática e da fonologia, exigindo modificações na forma das palavras de modo a permitir sua realização no nível fonético. É o que se observa em alguns de seus morfemas aspecto-temporais, como os do perfectivo do passado recente e remoto, e em alguns de seus morfemas derivativos que participam da alternância de diátese da língua, como o aplicativo, o estativo e o causativo. Nessas formas, que participam da estrutura verbal da língua, a vogal a ser realizada no nível fonético está atrelada à da raiz do verbo, caracterizando, dessa maneira, o fenômeno de harmonia vocálica.

A maior parte das línguas bantas ocidentais, como é o caso do quimbundo, apresenta um padrão simétrico de harmonia vocálica por altura, em que a vogal dos derivativos verbais é invariavelmente controlada pela vogal da raiz do verbo, fato primeiramente atestado em quicongo (Gheel, 1652) e sistematizado em quimbundo na gramática de Dias (1697:24-26). Com exceção do gussi (E-42, Whiteley, 1960) e do cúria (E-43, Cammenga, 1994), que, por inovação, exibem o processo também nos prefixos verbais, as línguas bantas da área oriental, por sua vez, apresentam mais freqüentemente o

que Hyman (1998:3) chama de "padrão assimétrico de harmonia vocálica por altura", o que já era observado por Bleek (1862:62), talvez o primeiro estudioso a explicitar esse padrão assimétrico nos sistemas bantos, observando que a vogal /*u*/ do derivativo reversivo *-ura* e *-una* é realizada [*o*], e não [*e*], como é de se esperar (cf. *-ora* e *-ona*), posto que a vogal do radical seja /*o*/. De todo o modo, o padrão simétrico é mais recorrente em sistemas de 7 vogais (Hyman, 1998:3), que refletem o número de vogais do protobanto (entre as exceções, estão as línguas da área H – quimbundo, quicongo e quiaca – todas com 5 vogais distintas).

Ao contrário do que atestam mais freqüentemente as línguas nigero-congolesas, em que a distribuição harmônica das vogais é determinada pelo traço [+/-ATR] (Clements 2000:134-138; Creissels 1994:89-103),[26] o fenômeno de harmonia vocálica em quimbundo se restringe ao nível da morfologia verbal, e a mudança de timbre vocálico, que caracteriza o fenômeno, é causada pelo traço de abertura da cavidade oral, e não pelo avanço e recuo da língua. Por outro lado, a alternância entre a vogal dos morfemas derivativos, controlada pela vogal da raiz verbal, é amplamente atestada, ainda que em graus variados, nas línguas bantas (Ngunga, 2004:73-77; Hyman, 1998:41-75; Mtenje, 1995:3). Essa mesma harmonia de traços de abertura das vogais também se observa em quimbundo, que as organiza, portanto, em dois conjuntos. Assim, em função dessa harmonia, as vogais altas co-ocorrem em um conjunto e as vogais não-altas co-ocorrem em outro conjunto:

Tabela 3 Co-ocorrência de Vogais em Harmonia em Quimbundo

vogal	anterior	central	posterior
alta	**i**		**u**
não-alta	**e**	**a**	**o**

Como se verá nas seções seguintes, a harmonia vocálica em quimbundo é produtiva tanto no nível de flexão verbal quanto em situações de derivação. É o que se observa no

[26] Abreviatura em inglês a partir das iniciais de 'Advanced Tongue Root', termo referente ao fenômeno de avanço e recuo da raiz da língua na produção de certas vogais, resultando processos de assimilação e dissimilação nos sistemas fonológicos.

morfema flexional do aspecto perfectivo do passado recente e remoto nos morfemas derivacionais de aplicativo, causativo e reversivo.

2.1.1.6.1 Harmonia Vocálica no Perfectivo

Entre as marcas de aspecto, é apenas a vogal do perfectivo o depositário do traço de altura assimilado da vogal da raiz do verbo em quimbundo, como ilustram os seguintes dados com o passado recente:

(45) ŋgá.b**í**.t**ì**
ŋì- á- bít -è
1SG-REC-passar-*PF*
passei

(46) á.t**ú**.nd**ù**
à- á- túnd -è
3PL-REC-sair-*PF*
saíram

(47) twá.l**é**.ŋg**è**
tù- á- léŋ -è
1PL-REC-correr-*PF*
corremos

(48) ŋgá.b**ó**.ŋg**ò**
ŋì- á- bóŋ -è
1SG-REC-achar-*PF*
achei (coisa, animal)

Os exemplos mostram que a vogal /*e*/ em quimbundo é controlada no nível fonético pela vogal da raiz do verbo, caracterizando o fenômeno de harmonia vocálica por altura. No exemplo (45), *ŋgábítì*, 'passei', a vogal alta [*ì*] do perfectivo se harmoniza com a vogal alta /*i*/ da raiz -***bít***-. Em (46), *átúndù*, 'saíram', temos a co-ocorrência harmônica entre a vogal alta [*u*] do perfectivo e a vogal /*u*/ da raiz -***túnd***-. Em (47), temos a harmonia vocálica em ***twáléŋgè***, 'corremos', respectivamente entre a vogal não-alta [*e*] do perfectivo e a vogal não-alta /*e*/ da raiz -***léŋ***-. A mesma harmonia vocálica, agora com a vogal não-alta /*o*/, ocorre no exemplo (48), *ŋgábóŋgò*, 'achei', entre a vogal não-alta [*o*] do perfectivo e a vogal não-alta /*o*/ da raiz verbal -***bóŋ***-.

No caso do passado remoto, que faz referência a ações e eventos realizados em um tempo passado considerado mais distante que o passado recente, a marca *á*- estabelece uma relação de interdependência com a marca -*él*. Esta marca se realiza foneticamente como -***íl***

ou *-él*,[27] dependendo da altura da vogal (alta ou não-alta) da raiz do verbo, caracterizando-se, tal como ocorre com as formas do passado recente exemplificadas anteriormente, o fenômeno de harmonia vocálica, que se observa nas seguintes ocorrências:

(49) ŋgá.t**ú**.nd**í**.lè
ŋì- á- túnd -él -è
1SG-REM-sair-*PF-VF*
eu saí

(50) wá.k**í**.n**í**.nè
ù- á- kín -él -è
3SG-REM-dançar-*PF-VF*
ele dançou

(51) twá.b**é**.tá.m**é**.nè
tù- á- bétám -él -è
1PL-REM-curvar-*PF-VF*
nós nos curvamos

(52) ŋgá.t**ó**.ló.l**é**.lè
ŋì- á- tólól -él -è
1SG-REM-vencer-*PF-VF*
eu venci

Assim, com raízes de vogais altas, como *-t**ú**nd-*, 'sair' (exemplo 49), e *-k**í**n-*, 'dançar', (exemplo 50), a vogal /*e*/ da marca *-**é**l* subjacente se realiza foneticamente como alta. Com raízes de vogais não-altas, temos a realização no nível fonético da forma *-**é**l*, como se observa em (51) *twáb**é**tàm**é**nè*, 'nós nos ajoelhamos' e (52) *ŋgát**ó**lól**é**lè*, eu venci'.

É importante notar que a harmonia vocálica deixa de ocorrer se a vogal que compõe a raiz verbal é /*a*/. Nesse caso, observa-se que a vogal não-alta /*e*/ do perfectivo não assimila a vogal que compõe o núcleo de raízes em /*a*/, como atestam os exemplos a seguir:

(53) wá.b**á**.**nè**
ù- á- bán -è
3SG-REC-dar-*PF*
deu

(54) ŋgá.b**à**.ŋg**é**.lè
ŋì- á- bàŋ -él -è
1SG-REM-fazer-*PF-VF*
fiz

[27] Ou ainda como *-ín-* ou *-**é**n-*, em casos de harmonia nasal, assunto abordado no capítulo referente às consoantes em quimbundo.

Em (53), a vogal /*a*/ que compõe a raiz -*bán*- dentro do verbo *wábánè*, 'deu', não exerce influência sobre a realização da vogal /*e*/ do nível subjacente do perfectivo. O mesmo se observa no exemplo (54), com a raiz -*bàŋ*-, 'fazer'.

2.1.1.6.2 Harmonia Vocálica no Aplicativo

Os exemplos a seguir ilustram casos de harmonia entre a vogal do morfema aplicativo e a vogal da raiz do verbo em quimbundo:

(55) kú.ʒ**í**.kú.**í**.là[28]
kú- ʒík -úl -él -à
15-fechar-*REV*-*APL*-*VF*
abrir para

(56) kú.s**ú**.mb**í**.là
kú- súmb -él -à
15-comprar-*APL*-*VF*
comprar para

(57) kú.b**é**.k**é**.là
kú- bék -él -à
15-trazer-*APL*-*VF*
trazer para

(58) kú.b**ó**.ŋg**ó**.là
kú- bóŋ -él -à
15-juntar-*APL*-*VF*
juntar para

Os exemplos mostram que a vogal da raiz e a dos sufixos verbais que precedem a vogal final -*à* apresentam o mesmo grau de altura. Assim, em (55), a vogal /*i*/ da raiz -*ʒík*-, 'fechar', e a vogal do sufixo -*íl* estão em harmonia, pois ambas são vogais altas. O mesmo fato se observa em (56), onde a vogal /*u*/ da raiz -*súmb*-, 'comprar', está em harmonia com a vogal alta do sufixo -*íl*. Em (57), observa-se que a vogal do sufixo do aplicativo e a vogal da raiz -*bek*-, 'trazer', estão também em harmonia, pronunciadas com a mesma abertura. Em (58), a vogal não-alta /*o*/ da raiz -*bóŋ*-, 'juntar', por razão do mesmo processo de harmonia vocálica por altura, se realiza foneticamente como -*ól* no sufixo de aplicativo.

[28] Como se verá no capítulo referente às consoantes, a lateral [*l*] do reversivo é elidida diante em seqüências de derivativos com vogal alta.

Tal como ocorre com o morfema de aspecto perfectivo, a vogal /*a*/ da raiz não deflagra a harmonia vocálica na vogal do morfema derivativo aplicativo:

(59) kú.l**á**.mb**é**.là
kú- lámb -él -à
15-cozinhar-*APL*-*VF*
cozinhar para

(60) kú.b**á.**k**é.**là
kú- bák -él -à
15-guardar-*APL*-*VF*
guardar para

(61) kú.kwá.té.là
kú- kùát -él -à
15-pegar-*APL*-*VF*
pegar com

Como a harmonia deixa de ocorrer com a vogal /*a*/, é possível assinalá-la como neutra, o que explica a fidelidade entre a forma subjacente /*e*/ e a forma fonética [*e*] do morfema derivativo aplicativo.

2.1.1.6.3 Harmonia Vocálica no Reversivo

Os exemplos a seguir ilustram casos de harmonia entre a vogal do sufixo indicador do reversivo e a vogal da raiz do verbo em quimbundo:

(62) kú.b**í**.t**ú**.là
kú- bít -úl -à
15-abaixar-*REV*-*VF*
suspender

(63) kú.ʒ**í**.k**ú**.là
kú- ʒík -úl -à
15-fechar-*REV*-*VF*
abrir

(64) kú.l**ó**.ŋg**ó.l**à
kú- lóŋ -úl -à
15-encher-*REV*-*VF*
esvaziar

(65) kú.t**ú**.n**ú**.nà
kú- tún -úl -à
15-amarrar-*REV*-*VF*
desamarrar

Em (62), a vogal alta /*i*/ da raiz -***bít***-, 'abaixar', se encontra em harmonia com a vogal alta /*u*/. A mesma assimilação do traço de altura se observa em -***ʒík***-, 'fechar', no exemplo (63), com a vogal /*u*/ do morfema derivativo -***úl***, em -***ʒíkú****là*, 'abrir'. Em (64), a vogal não-alta /*o*/ da raiz -***lóŋ***-, 'encher', é assimilada de modo a produzir a forma -***ól***, no

radical -*lóŋgólà*, ‘esvaziar’. Em (65), a vogal alta /*u*/ da raiz -*tún*-, ‘amarrar’, encontra-se em harmonia com a vogal do derivativo reversivo -***ún*** do verbo -*t**ú**n**ú**nà*, ‘desamarrar’.

Assim, a escolha de uma vogal do sufixo de reversivo -***úl*** em quimbundo depende da natureza da altura da vogal da raiz do verbo, ou seja, elas devem estar no mesmo grau de abertura: a vogal alta /*i*/ e /*u*/ da raiz faz que a vogal do sufixo de reversivo também seja alta, realizando-se sempre como -***úl***; se a vogal da raiz é de natureza não-alta, isto é, /*o*/, o sufixo de reversivo terá sua vogal realizada como não-alta, portanto, sob a forma -***ól***.

2.1.1.6.4 Harmonia Vocálica no Causativo

A harmonia vocálica afetando o derivativo causativo é ilustrada nos seguintes exemplos:

(66) kú.ʒ**í**.kú.**í**.**sí**.là
kú- ʒík -úl -és -él -à
15-fechar-*REV-CAUS-APL-VF*
fazer abrir para

(67) kú.s**ú**.mb**í**.sà
kú- súmb -és -à
15-comprar-*CAUS-VF*
vender

(68) kú.f**ú**.t**í**.sà
kú- fút -és -à
15-pagar-*CAUS-VF*
cobrar

(69) kw**é**.lé.l**é**.sà
kú- **é**lél -és -à
15-rir-*CAUS-VF*
fazer rir

(70) kú.m**ó**.né.k**é**.sà
kú- món -ék[29] -és -à
15-ver-*EST-CAUS-VF*
fazer aparecer (mostrar)

[29] Tal como nos outros derivativos, a vogal /*e*/ do estativo -*ék* é realizada [*e*], mantendo-se em harmonia com a vogal não-alta da raiz verbal.

Esses dados que mostram casos de harmonia entre a vogal do derivativo causativo e a vogal da raiz do verbo em quimbundo. Em (66), a vogal alta /*i*/ da raiz verbal -*ʒ**í**k*-, 'fechar', encontra-se em harmonia com a vogal alta /*i*/ do causativo -***í****s*-. O traço de altura da vogal /*u*/ da raiz -*s**ú**mb*- 'comprar' é assimilado pela vogal derivativo causativo em (67). O exemplo (68), mostra a harmonia das vogais altas /*u*/ e /*i*/, respectivamente destacadas na raiz -*f**ú**t*-, 'pagar' e no derivativo causativo -***í****s*-. Em (69), temos a vogal [*e*] do derivativo se harmoniza com a vogal da raiz -***é****lél*-, 'rir'. Em (70), a vogal não-alta /o/ da raiz -*m**ó**n*-, 'ver', encontra-se em harmonia com a vogal não-alta do derivativo causativo do verbo *kúm**ó**nék**é**sà*, 'mostrar'.

Assim, vemos que, no nível fonético, o que determina a escolha de uma vogal do sufixo verbal do causativo /*-és*/ em quimbundo é natureza do conjunto de vogais que estão no mesmo grau de abertura, isto é, a vogal alta /*i*/ e /*u*/ da raiz faz que a vogal do sufixo de reversivo também seja alta, realizando-se sempre como -***í****s*; se a vogal da raiz é da natureza não-alta, isto é, /*e*/ ou /*o*/, o sufixo do causativo terá sua vogal realizada como não-alta, sempre com a forma -***é****s*.

Contudo, a harmonia vocálica não ocorre se a vogal da raiz verbal é /*a*/, por ser ela neutra em quimbundo:

(71) kú.l**á**.mb**é**.**s**à
kú- lámb -és -à
15-cozinhar-*CAUS*-*VF*
fazer cozinhar

(72) kú.t**á**.l**é**.sà
kú- tál -és -à
15-olhar-*CAUS*-*VF*
fazer olhar (apontar)

Em resumo, no nível de realização fonética, a vogal do sufixo verbal em quimbundo é escolhida de acordo com natureza do conjunto de vogais da língua, que devem estar sempre no mesmo grau de abertura. Assim, se a vogal da raiz pertence ao conjunto das vogais altas, a vogal do sufixo será realizada como alta; se a vogal da raiz pertence ao conjunto das vogais não-altas, o sufixo verbal terá sua vogal realizada como não-alta. Por outro lado, resta a problemática da caracterização precisa da vogal /*a*/, visto que ela não é assimilada pelas vogais dos morfemas do perfectivo e do derivativos, fato que pode ser explicado em termos de ausência de traços de abertura no nível subjacente dessa vogal.

O fenômeno da harmonia vocálica afetando as marcas gramaticais descritas anteriormente pode ser visualizado por meio do modelo de representação fonológica da Teoria Auto-Segmental, da qual utilizo a Geometria de Traços. Antes de visualizarmos o fenômeno de assimilação vocálica nos dados em quimbundo, cabe uma breve apresentação da teoria utilizada nesse trabalho.

A Geometria de Traços é uma proposta de representação dos traços fonológicos dos segmentos vocálicos e consonantais das línguas. Estes traços foram originalmente concebidos pelos lingüistas da Escola de Praga (Trubetzkoy, 1939) e posteriormente desenvolvidos por Jakobson, Fant & Halle (1952). Depois das primeiras abordagens auto-segmentais de Goldsmith (1976), criando níveis (ou *tiers*) para a especificação adequada dos tons e das regras de acento das línguas africanas, Clements (1985) propôs uma estrutura na qual os traços distintivos operassem de forma independente, conhecida como *geometria para os traços distintivos*. Os traços podem se estender sobre domínios maiores que o do segmento, algo não captado pelas teorias anteriores, como a que se observa no notório *The Sound Patterns of English (SPE)*, de Chomsky & Halle (1968).

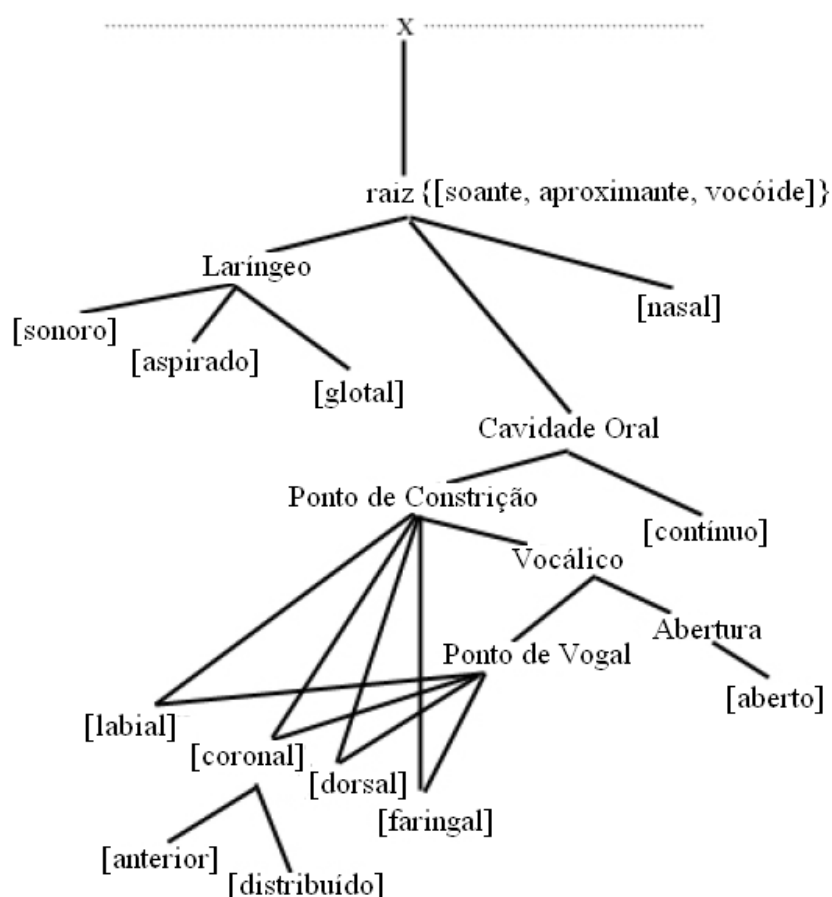
A representação dos traços se dá em camadas que podem constituir um ou mais planos, formando um objeto tridimensional. Na proposta de Clements & Hume (1995), postula-se uma posição X como unidade abstrata de uma seqüência temporal (consoante ou vogal), que domina o nó de raiz, que representa o segmento como uma unidade fonológica. De fato, dela dependem todos os outros nós e traços dos segmentos. É sobre os traços, cuja autonomia lhes permite funcionar isoladamente ou em conjunto, que agem as regras da fonologia. Englobando numa só estrutura os segmentos consonantais e vocálicos, a geometria dos traços é representada da seguinte forma:

Essa representação mostra que é a partir do nó mais alto – raiz – que se indicam os traços que definem a classe a qual um dado segmento consonantal ou vocálico pertence. Os traços [soante], [aproximante] e [vocóide], que obedecem a uma escala de sonoridade (enumerada de 0 a 3) são capazes de contrastar consoantes de vogais:

Tabela 4 Contraste de Segmentos: Marcação de Traços e Escala de Sonoridade

Segmentos	Traços			Sonoridade
	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	
Obstruintes (fricativas e oclusivas)	-	-	-	0
Líquidas (laterais e róticas)	+	-	-	1
Nasais	+	+	-	2
Vogais	+	+	+	3

A tabela mostra que as vogais apresentam o nível máximo na escala de sonoridade. Portanto numa representação geométrica detalhada desse tipo de segmento, a raiz deve apresentar sempre como especificados os traços [+soante], [+aproximante] e [+vocóide].

É importante observar que o Ponto de Constrição domina o nó Vocálico, que, por sua vez, domina o Ponto de Vogal e Abertura.

Na representação arbórea, observa-se que o Ponto de Vogal de um segmento vocálico contém os mesmos traços de Ponto de Consoante de um segmento consonantal, porém o traço [anterior] dominado pelo traço [coronal] deve ser especificado como [+anterior] ou [-anterior].[30]

Observe-se também que o nó Abertura domina o traço [aberto], este organizado de modo a representar o sistema de abertura vocálica de uma dada língua.[31]

No caso das vogais do quimbundo, podemos estabelecer, então, os traços de abertura [aberto 1] e [aberto 2] e [aberto 3], que se relacionam com os traços do nó Pontos de Vogal na representação dos segmentos vocálicos da língua.

Tabela 5 Traços de Abertura das Vogais em Quimbundo

Traços	coronal		labial e dorsal		dorsal
abertura	i	e	u	o	a
aberto 1	-	-	-	-	
aberto 2	-	+	-	+	
aberto 3	-	-	-	-	

[30] É esta última especificação que permitirá visualizarmos o processo de palatalização das consoantes /*s*/ e /*z*/ em quimbundo.

[31] De fato, o nó abertura domina os traços de altura vocálica. Para caracterizá-la, Clements (1989) propõe o traço [aberto], em substituição à distinção estabelecida no modelo gerativo de Chomsky & Halle (1968), no qual ainda se utiliza os traços binários [alto] e [baixo]. Essa inovação nasce dentro do contexto de interpretação dos tons das línguas africanas, entendendo-se que a altura, assim como o tom, apresenta um único parâmetro articulatório e acústico. Desse modo, passou-se a representá-la por meio de um traço, ao qual se atribui ainda hoje o valor + ou -, organizando-o, como os demais traços fonológicos, hierarquicamente em *tiers*.

A proposta que apresento nesta tese é que os traços que compõem a vogal /*a*/ em quimbundo sejam subespecificados, isto é, ausentes. O principal argumento para essa ausência de marcação reside no fato da neutralidade da vogal, que se atesta nos exemplos anteriores onde a harmonia vocálica não acontece. Com efeito, a ausência de harmonia que se observa no nível fonético entre a vogal [*a*] compondo raízes verbais e a vogal compondo o morfema perfectivo e derivativo em quimbundo se explica pela subespecificação daquela vogal no nível fonológico.

Retomando os dados do perfectivo e dos derivativos apresentados nas seções anteriores, o fenômeno da harmonia vocálica é formalizado nos esquemas a seguir, em que se ilustra o espraiamento do traço da vogal da raiz atingindo a vogal do perfectivo e dos morfemas derivativos. Os termos entre colchetes representam os traços de abertura das vogais, que, nos casos de harmonia, são espraiados da esquerda para a direita.

Com o objetivo de tornar legível a representação dos traços de abertura das vogais nos esquemas arbóreos, a seguinte notação será utilizada, distribuindo dentro de um mesmo colchete os valores de casa classe de segmento vocálico:

a) [-aberto 1, 2, 3], para /*i*/ e /*u*/

b) [aberto -1, +2, -3], para /*e*/ e /*o*/

c) [ ], para /*a*/

Ainda com o intuito de atender a legibilidade adequada dos esquemas, apresentamos à esquerda de cada um somente o espraiamento dos traços de modo que se deva interpretar implicitamente o desligamento dos traços das vogais subjacentes, portanto omitido na representação. À direita de cada esquema, apresentamos a forma resultante da assimilação dos traços, portanto compartilhados pelas vogais em harmonia.

Perfectivo

Aplicativo

Reversivo

Causativo

No caso da vogal /*a*/ compondo a raiz verbal, é a vogal /*e*/ do morfema derivativo do nível lexical que vem à superfície. Isso ocorre porque em quimbundo, os traços de abertura da vogal /*a*/ são subespecificados, isto é, ausentes. Assim, a vogal que se realiza foneticamente no morfema do perfectivo e do derivativo será [*e*], mantendo uma fidelidade com a vogal /*e*/ do nível subjacente.

Em conclusão, da observação e descrição do fenômeno de harmonia vocálica em quimbundo podemos afirmar que:

1) é a vogal da raiz que determina a qualidade da vogal da marca de perfectivo e do sufixo derivativo em quimbundo. No caso do perfectivo, somente a vogal final do passado recente é que se harmoniza com a vogal da raiz. Nos outros casos, isto é, no perfectivo do passado remoto, no aplicativo, no causativo e no reversivo, a harmonia ocorre com a vogal que os compõe, e não com a vogal final;

2) em termos de movimento dos traços fonológicos, observa-se que a harmonia vocálica em quimbundo ocorre sempre da esquerda para a direita no radical verbal;

3) As vogais que atuam no processo de harmonia vocálica em quimbundo compõem a série das vogais altas /*i*/ e /*u*/ e a série das vogais não-altas /*e*/ e /*o*/ e formam uma classe natural, pois a regra de assimilação de traços de altura se aplica às vogais de um mesmo conjunto, relacionadas pela abertura da cavidade oral;

4) A vogal /*a*/ deve ser interpretada como subespecificada para os traços de abertura, a partir da observação de que ela não deflagra a harmonia vocálica, ao contrário do que se observa com as outras vogais da língua, que apresentam seus traços de abertura especificados e, por isso, são capazes de espraiá-los em direção às vogais que compõem o morfema do perfectivo e os morfemas derivativos em quimbundo.

2.2 Consoantes

O quimbundo possui 20 fonemas consonantais, /p/, /b/, /t/, /k/, /mb/, /nd/, /ŋ/, /m/, /n/, /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /h/, /mv/, /nz/, /nʒ/, /l/, que se distribuem em quatro séries distintas (oclusiva, nasal, fricativa e lateral), como ilustra a seguinte tabela:

Tabela 4 Inventário dos Fonemas Consonantais do Quimbundo

<table>
<tr><th colspan="2">séries</th><th>bilabial</th><th>labiodental</th><th>alveolar</th><th>palatoalveolar</th><th>velar</th><th>glotal</th></tr>
<tr><td rowspan="2">oclusiva</td><td>oral</td><td>p b</td><td></td><td>t</td><td></td><td>k</td><td></td></tr>
<tr><td>pré-nasaliz.</td><td>mb</td><td></td><td>nd</td><td></td><td>ŋ</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">nasal</td><td>m</td><td></td><td>n</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">fricativa</td><td>oral</td><td></td><td>f v</td><td>s z</td><td>ʃ ʒ</td><td></td><td>h</td></tr>
<tr><td>pré-nasaliz.</td><td></td><td>mv</td><td>nz</td><td>nʒ</td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">lateral</td><td></td><td></td><td>l</td><td></td><td></td><td></td></tr>
</table>

A caracterização dos fonemas quimbundos de cada série é atestada a seguir:

Oclusivas

Fonema /p/

A função distintiva do fonema / p / em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /p/ *vs.* /b/:

(90) **p**á.tà
Ø-pátà
9-dúvida
dúvida

(91) **b**á.tà
lí-bátà
5-cabana
cabana

Outros exemplos com o fonema /p/:

(92) pá.dì.pá.dì
kà-pálìpálì
12-fechadura
fechadura

(93) pé.ʃì
Ø-péʃì
9-cachimbo
cachimbo

(94) pjó.pjó
mù-pìópìó
3-assobio
assobio

(95) pó.kò
Ø-pókò
9-faca
faca

(96) pú.kú
Ø-púkú
9-rato
rato sp.

(97) pá.mbù
Ø-pámbù
9-forquilha
forquilha

Fonema /b/

A função distintiva do fonema /b/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /b/ *vs.* /p/:

(98) **b**á.ŋgé
bàŋ -à -Ø -é
fazer-*VF-IPR1-EXP*
faça

(99) **p**á.ŋgè
Ø-páŋè
9-irmão
irmão

Outros exemplos com o fonema /b/:

(100) bá.ndà
kú- bánd -à
15-subir-*VF*
subir

(101) bé.ká
kú- bék -à
15-trazer-*VF*
trazer

(102) bí.ŋgà
kú- bíŋg -à
15-pedir-*VF*
pedir

(103) bó.là
kú- ból -à
15-apodrecer-*VF*
apodrecer

(104) bù.bá.là
kú- bùbál -à
15-abraçar-*VF*
abraçar

(105) bí.tù
dì-bítù
5-porta
porta

Fonema /t/

A função distintiva do fonema /t/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /t/ *vs.* /l/:

(106) **t**á.mbà
kú- támb -à
15-pescar-*VF*
pescar com rede

(107) **l**á.mbà
kú- lámb -à
15-cozinhar-*VF*
cozinhar

(108) ká.**t**à
kú- kát -à
15-doer-*VF*
doer

(109) ká.**l**à
kú- kál -à
15-estar-*VF*
estar

Outros exemplos com o fonema /t/:

(110) tá.lá
tál -à -Ø
olhar-*VF*-*IPR1*
olhe

(111) té.nà
kú- tén -à
15- poder-*VF*
poder

(112) tí.tí.là
kú- títíl -á
15-palpitar-*VF*
palpitar

(113) tó.nó.kà
kú- tónók -à
15-brincar-*VF*
brincar

(114) tú.mú.nà
kú- túmún -à
15-assustar-*VF*
assustar

(115) pú.tù
Ø-pútù
9-Portugal
Portugal; Europa

Fonema /k/

A função distintiva do fonema /k/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /k/ *vs.* /ŋ/:

(116) **k**á.ŋà
kú- káŋ -à
15-fritar-*VF*
fritar

(117) **ŋ**á.ŋà
Ø-ŋáŋà
9-feiticeiro
feiticeiro

Outras exemplos com o fonema /k/:

(118) kú.kù
Ø-kúkù
9-avô
avô

(119) ká.mbà
dì-kámbà
5-amigo
amigo

(120) ké.mbà
kú- kémb -à
15-enfeitar-*VF*
enfeitar

(121) té.ké.tà
kú- tékét -à
15-tremer-*VF*
tremer

(122) kí.nà
kú- kín -à
15-dançar-*VF*
dançar

(123) kò.ndé.kà
kú- kònd-ék -à
15-esconder-*EST*-*VF*
esconder-se

(124) bù.kú.là
kú- bùkúl -à
15-arremessar-*VF*
arremessar

(125) kù.kú.tà
kú-kùkút-à
15-secar-*VF*
secar

Fonema /mb/

A função distintiva do fonema /mb/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /mb/ *vs.* /b/:

(126) **mb**ú.ndà
Ø-mbúndà
9-nádegas
nádegas

(127) **b**ú.ndà
kú-búnd-à
15-misturar-*VF*
misturar

Outros exemplos com o fonema /mb/:

(128) mbá.ndà
kì-mbándà
7-médico
médico

(129) mbé.mbà
Ø-mbémbà
9-pote
pote

(130) mbí.ŋgà
Ø-mbíŋà
9-chifre
chifre

(131) mbó.nzò
Ø-mbónzò
9-batata-doce
batata-doce

(132) mbú.ndù
mù-mbúndù
1-mumbundo
mumbundo

(133) mbá.mbì
Ø-mbámbì
9-gazela
gazela

Fonema /nd/

A função distintiva do fonema /nd/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /nd/ *vs.* /n/ ou *vs.* /l/:

(134) bá.**nd**à
kú- bánd -à
15-subir-*VF*
subir

(135) bá.**n**à
kú-bán-à
15-dar-*VF*
dar

(136) bá.**l**à
kú- bál -à
15-deitar-*VF*
deitar

Outros exemplos com o fonema /nd/:

(137) ndéꜜ:
nd -à-Ø -é
ir-*VF-IPR1-EXP*
vá

(138) ndé.ŋgè
Ø-ndéŋè
9-criança
criança

(139) tá.ndà
kì-tándá
7-praça
praça

(140) ndá.ká.lè
Ø-ndákálé
9-fruto
fruto sp.

(141) ndé.mbà
Ø-ndémbà
9-cabelo
cabelo

(142) ndú.lú.lù
Ø-ndúlúlù
9-fel
fel

(143) ndé.ndè
Ø-ndéndè
9-noz
noz sp.

(144) ndó
ì-ndó
9-luto
luto

Fonema /ŋ/

A função distintiva do fonema /ŋ/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /ŋ/ *vs.* /n/:

(145) ŋá.ŋà
Ø-ŋáŋà
9-feiticeiro
feiticeiro

(146) ŋá.nà
Ø-ŋánà
9-senhor
senhor

Outros exemplos com o fonema /ŋ/:

(147) ŋé.nʒì
Ø-ŋénʒì
9-viajante
viajante

(148) dí.ŋù
kí-díŋù
7-mandioca
mandioca

(149) ŋá.ndù
Ø-ŋándù
9-esteira
esteira

(150) ŋó.ŋò
Ø-ŋóŋò
9-mundo
mundo

(151) ŋú.zù
Ø-ŋúzù
9-força
força

(152) ŋí.ndù
Ø-ŋíndù
9-trança
trança

Nasais

Fonema /m/

A função distintiva do fonema / m / em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /m/ *vs.* /b/:

(153) **m**ó.kó.nà
kú-mókón-à
15-fazer cócegas-*VF*
fazer cócegas

(154) **b**ó.kó.nà
kú-bókón-à
15-entrar-*VF*
entrar

(155) ʃí.**m**à
mú-ʃímà
3-coração
coração

(156) ʃí.**b**à
mú-ʃíbà
3-veia
veia

Outros exemplos com o fonema /m/:

(157) lú.má.tà
kú-lúmát-à
15-morder-*VF*
morder

(158) mé.né.kà
kú-ménék-à
15-madrugar-*VF*
acordar cedo

(159) má.té.kà
kú-máték-à
15-começar-*VF*
começar

(160) mí.ɲà
kú-mínì-à
15-engolir-*VF*
engolir

(161) mó.nà
mú-ànà
1-filho
filho

(162) mù.tá.mbà
kú-mùtámb-à
15-pescar-*VF*
pescar (com rede)

Fonema /n/

A função distintiva do fonema /n/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /n/ *vs.* /l/:

(163) tá.**n**à
kú- tán -à
15-pôr-*VF*
pôr

(164) tá.**l**à
kú- tál -à
15-olhar-*VF*
olhar

Outros exemplos com o fonema /n/:

(165) nó.kà
kú- nók -à
15-chover-*VF*
chover

(166) dì.vá.nà
kú- lì- ván -à
15-*RFX*-impressionar-*VF*
impressionar-se

(167) nwà
kú- nù -à
15-beber-*VF*
beber; fumar

(168) né.tà
kú- nét -à
15-ser gordo-*VF*
gordo

Fricativas

Fonema /f/

A função distintiva do fonema /f/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /f/ *vs.* /v/:

(169) **f**ú.ndà
kú- fúnd -à
15-escurecer-*VF*
escurecer

(170) **v**ú.ndà
kú- vúnd -à
15-brigar-*VF*
brigar

(171) **f**ú.kà
kú- fúk -à
15-colher-*VF*
colher

(172) **v**ú.kà
kú- vúk -à
15-fingir-*VF*
fingir

Outros exemplos com o fonema /f/:

(173) fá.fà
kú- fáf -à
15-espumar-*VF*
espumar

(174) fé.ɲà
kú- fénì -à
15-inalar-*VF*
inalar

(175) fó.fò
kí-fófò
7-cego
cego

(176) fí.kí.sà
kú- fík -ís -à
15-medir-*CAUS*-à
tirar medida; medir

Fonema /v/

A função distintiva do fonema /v/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /v/ *vs.* /b/:

(177) **v**á.là
kú- vál -à
15-dar à luz-*VF*
dar à luz

(178) **b**á.là
kú- bál -à
15-deitar-*VF*
deitar

Outros exemplos com o fonema /v/:

(179) í.vw.à
kú- ívù -à
15-ouvir-*VF*
ouvir

(180) vù
mí-vù
4-ano
anos

Fonema /s/

A função distintiva do fonema /s/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /s/ *vs.* /z/:

(181) **s**á.ŋgà
kú- sáŋ -à
15-encontrar-*VF*
encontrar

(182) **z**á.ŋgà
kú- záŋ -à
15-estragar-*VF*
estragar; desperdiçar

Outros exemplos com o fonema /s/:

(183) sú.kù
ù-súkù
14-noite
noite

(184) sá.bù
Ø-sábù
9-história
história

(185) sé.kè
mú-sékè
3-areia
areia

(186) sú.sà
kú- sús -à
15-urinar-*VF*
urinar

Fonema /z/

A função distintiva do fonema /z/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /z/ *vs.* /s/:

(187) **z**é.kà
kú- zék -à
15-dormir-*VF*
dormir

(188) **s**é.kà
kú-sék-à
15-ralar-*VF*
ralar

Outros exemplos com o fonema /z/:

(189) zá.là
kú- zál -à
15-estender-*VF*
estender

(190) zó.là
kú- zól -à
15-amar-*VF*
amar

(191) í.zà
kú- íz -à
15-vir-*VF*
vir

(192) bà.zé.là
kú- bàzél -à
15-repreender-*VF*
repreender

(193) zá.là
kú- zál -à
15-esticar-*VF*
esticar

(194) zá.lú.là
kú- zál -úl -à
15-esticar-*REV*-*VF*
amarrotar

(195) zúà
kí-zúà
7-dia
dia

(196) zwì
dí-zùì
5-voz
voz; língua

Fonema /ʃ/

A função distintiva do fonema /ʃ/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /ʃ/ *vs.* /ʒ/:

(197) ʃí.ŋgà
kú- ʃíŋ -à
15-insultar-*VF*
insultar

(198) ʒí.ŋgà
kú- ʒíŋ -à
15-torcer-*VF*
torcer; enrolar

Outros exemplos com o fonema /ʃ/:

(199) ʃí.bà
kú- ʃíb -à
15-chupar-*VF*
chupar

(200) í.ʃá.nà
kú- íʃán -à
15-chamar-*VF*
chamar

(201) ʃá.lé.sà
kú- ʃál -ís -à
15-ficar-*CAUS*-*VF*
despedir-se

(202) ʃó.kà
kú- ʃók -à
15-picar-*VF*
picar

Fonema /ʒ/

A função distintiva do fonema /ʒ/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /ʒ/ *vs.* /ʃ /:

(203) ʒí.kà
kú- ʒík -à
15-fechar-*VF*
fechar

(204) ʃí.kà
kú- ʃík -à
15-apitar-*VF*
apitar

Outros exemplos com o fonema /ʒ/:

(205) ʒó.là
kú- ʒól -à
15-apertar-*VF*
apertar

(206) ʒà.ndá.ndà
mú-ʒàndándà
3-aranha
aranha

(207) bú.ŋgú.ʒú.là
kú- búŋúʒ.-úl -à
15-prezar-*REV*-*VF*
desprezar; maltratar

(208) ʒí.bà
kú- ʒíb -à
15-matar-*VF*
matar

Fonema /h/

A função distintiva do fonema /h/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /h/ *vs.* /k/:

(209) há.sà
Ø-hásà
9-albino
albino

(210) ká.sà
kú- kás- à
15-dar nó-*VF*
dar nó

Outros exemplos com o fonema /h/:

(211) há.má
Ø-hámá
9-cem
cem

(212) hé.ndà
Ø-héndà
9-compaixão
compaixão

(213) hí.mà
Ø-hímà
9-macaco
macaco

(214) hó.mbò
Ø-hómbò
9-cabrito
cabrito

(215) ŋgó.hò
Ø-ŋóhò
9-favor
favor

(216) hú.ʃì
Ø-húʃì
9-tapa
tapa

Fonema /mv/

A função distintiva do fonema /mv/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /mv/ *vs.* /v/:

(217) **mv**ú.là
lì-mvúlà
5-cozinha
cozinha

(218) **v**ú.là
kú-vúl-à
15-aumentar-*VF*
aumentar

Outros exemplos com o fonema /mv/:

(219) mvú.lá
Ø-mvúlá
9-chuva
chuva

(220) í.mvì
Ø-ímvì
9-cabelo branco
cabelo branco

(221) mvá.ŋgà
Ø- mváŋà
9-escorpião
escorpião

(222) mvú.ndà
‘ Ø-mvúndà
9- trabalho
trabalho

Fonema /nz/

A função distintiva do fonema /nz/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /nz/ *vs.* /z/:

(223) bá.**nz**à
kú- bánz -à
15-pensar-VF
pensar

(224) bá.**z**à
kú- báz -à
15-estalar-*VF*
estalar; disparar

Outros exemplos com o fonema /nz/:

(225) nzá.mbì
Ø-nzámbì
9-Deus
Deus

(226) nzéw
Ø-nzéù
9-formiga
formiga sp.

(227) í.nzò
Ø-ínzò
9-casa
casa

(228) nzú.mbù
Ø-nzúmbù
9-lábio
lábio

Fonema /nʒ/

A função distintiva do fonema /nʒ/ em quimbundo se estabelece, por exemplo, pela oposição /nʒ/ *vs.* /ʒ/:

(229) **nʒ**í.là
Ø-nʒílà
9-caminho
caminho

(230) **ʒ**í.là
kú- ʒíl -à
15-jejuar-*VF*
jejuar

Outros exemplos com o fonema /nʒ/:

(231) fú.nʒè[32]
Ø-fúnʒè
9-funje
funje

(232) hó.nʒò
dì-hónʒò
5-banana
banana

Lateral

Fonema /l/

A função distintiva do fonema /l/ se estabelece, por exemplo, pelas oposições /l/ *vs.* /t/ e /l/ *vs.* /n/:

(233) **l**ú.là
kú- lúl -à
15-ser amargo-*VF*
amargo

(234) **t**úlà
kú- túl -à
15-baixar-*VF*
baixar

(235) dì.vá.là
kú- lì- vál -à
15-*RFX*-nascer-*VF*
procriar

(236) dì.vá.nà
kú- lì- vàn -à
15-*RFX*-impressionar-*VF*
impressionar-se

Outros exemplos do fonema /l/:

(237) lé.mbù
lí-lémbù
5-dedo
dedo

(238) lò.wà
kú- lòù -à
15-enfeitiçar-*VF*
enfeitiçar

[32] Pirão de mandioca ou milho cozido que serve de acompanhamento de peixe ou carne. Em geral é servido com um tipo de caldo temperado, este chamado *kàlùlú*, 'calulu', preparado à base de peixe, quiabo, abóbora, berinjela e azeite de dendê.

(239)	nzá.là	(240)	túlù
	Ø-nzálà		Ø-túlù
	9-fome		*9*-tórax
	fome		*tórax*

2.2.1 Consoantes Pré-Nasalizadas

As consoantes pré-nasalizadas do quimbundo com estatuto de fonemas são 5: /mb/, /nd/, /mv/, /nz/ e /nʒ/.

Em termos articulatórios, na produção de uma pré-nasalizada o véu palatino permanece abaixado – portanto a cavidade nasal permanece aberta – até certo momento durante a produção da oclusiva oral que segue a oclusão nasal (Childs, 2003:62). Essa descrição ilustra o fato de que as pré-nasalizadas se compõem de dois sons articulados simultaneamente.

Apesar de se tratar de segmentos complexos do ponto de vista da produção, as pré-nasalizadas em quimbundo têm, contudo, estatuto, cada uma delas, de um único fonema. Nesta seção, apresento argumentos para demonstrar que, antes de serem interpretadas como uma seqüência de dois fonemas, isto é, um agrupamento fortuito de consoantes do tipo NC (consoante nasal/consoante obstruinte), as pré-nasalizadas devem ser analisadas como mono-segmentos – efetivamente unidades distintivas elementares.

Há razões consideráveis para tratar as consoantes pré-nasalizadas como mono-segmentais em quimbundo. Como se demonstra em muitas línguas bantas, as seqüências homorgânicas do tipo NC podem surgir em sistemas que não possuem outras seqüências de consoantes. Além disso, como vimos acima, o quimbundo possui pares mínimos opondo consoantes pré-nasalizadas de suas correspondentes orais.

O quimbundo é uma língua que impõe fortes restrições que impedem que as condições de separabilidade e de composicionalidade para alguns desses segmentos sejam satisfeitas. Além disso, o rendimento funcional dos segmentos pré-nasalizados no sistema da língua permite que eles se combinem com todas as vogais do quimbundo, de modo a

formar sílabas CV (consoante/vogal), tanto no início como no meio de palavras, como demonstram os dados apresentados na seção 2.3.[33]

Assim, em termos estritamente fonológicos, o principal argumento que dá sustentação à análise mono-segmental das consoantes pré-nasalizadas em quimbundo é a sua atestação em início absoluto de palavras da língua. De fato, o sistema fonológico quimbundo não admite grupos de consoantes em posição inicial, ao contrário das seqüências do tipo NC. Essa aparente exceção, contudo, revela o fato de que outras seqüências NC atestadas na língua, como as que veremos nos exemplos a seguir, nunca se apresentam em posição inicial sem que tenha ocorrido uma derivação de natureza fonética. Como se constata que a língua não apresenta outras seqüências do tipo NC em posição inicial, que não as apresentadas na tabela 4, as pré-nasalizadas não podem ser consideradas uma exceção do sistema da língua, mas, efetivamente unidades distintivas elementares em quimbundo.[34]

Cabe assinalar que é perfeitamente possível, em situações de derivação no nível fonético, a produção de segmentos pré-nasalizados em quimbundo que se caracterizam como seqüências eventuais de NC e que, por essa razão, recebem aqui uma interpretação bi-segmental.

É o que se observa, por exemplo, no segmento pré-nasalizado [*ŋg*], que em quimbundo resulta da combinação da obstruinte nasal velar, que, de fato, existe como

[33] As condições de separabilidade permitem a inserção de segmento entre duas consoantes, o que, em quimbundo, só ocorre em situações de empréstimos (cf. *ŋgáláfù*, ‘garfo’, *kálávù*, ‘cravo’, *ʃíkólà*, ‘escola’, empréstimos vindos do português, adaptados conforme a fonotática do quimbundo). Não há casos conhecidos na língua de inserção de segmento entre uma nasal e uma consoante. Por sua vez, as condições de composicionalidade permitem que cada um dos dois segmentos que compõem a pré-nasalizada ocorra como consoantes independentes no início de sílaba, o que se demonstra pelos dados da língua.

[34] Alguns empréstimos do português atestados nesta pesquisa mostram a presença das consoantes pré-nasalizadas em quimbundo: *mbólò*, ‘pão’; *ŋgálùfù*, ‘garfo’; *nzólò*, ‘anzol’. São palavras cuja posição inicial comporta uma seqüência do tipo NC.

unidade distintiva na língua, com a obstruinte oral velar, que, de fato, só aparece após sua contraparte nasal.[35]

Por outro lado, se no caso de [*ŋg*], observa-se um caso de epêntese de [*g*] e, por efeito, cria-se uma pré-nasalizada no nível fonético em quimbundo, a realização acidental de outras pré-nasalizadas se explica pelo apagamento da vogal da seqüência NVC (nasal/vogal/consoante), como se observa nos seguintes exemplos:

(241)	**ḿt**ù	(242)	**mk**á.ʒì
	mú-tù		mù-káʒì
	1-pessoa		*1*-esposa
	pessoa		*esposa*
(243)	**mp**ú.tù	(244)	**mnd**é.lè
	mù-pútù		mù-ndélè
	18-Portugal		*3*-homem branco
	em Portugal		*homem branco*

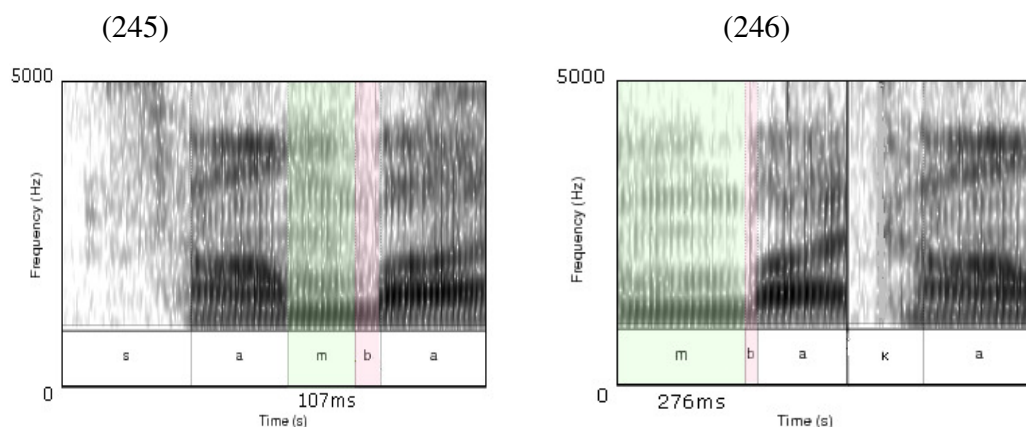
Os exemplos acima mostram a realização de algumas pré-nasalizadas, sem estatuto fonológico, em quimbundo, em que as consoantes nasais aparecem diante de consoantes orais. Assim, em (241), a palavra *mútù*, 'pessoa', é realizada como [*ḿ.tù*], revelando que o prefixo nominal *mú-* da classe 1 pode se realizar como uma consoante silábica [*ḿ*] diante da consoante da raiz nominal, *tù*. A vogal é elidida do prefixo, restando o tom alto original, que se move para a consoante que compunha esse prefixo, com a realização da seqüência pré-nasalizada [*ḿt*]. O mesmo fato se observa em (242), com a palavra *mùkáʒì*, 'esposa',

[35] O fato de [*g*] jamais aparecer isoladamente em quimbundo, senão diante de [*ŋ*], corrobora o argumento pelo qual se deve considerar a obstruinte velar nasal como a unidade mínima distintiva, a qual tem por alofone o segmento pré-nasalizado [*ŋg*]. De fato, da observação exaustiva do *corpus*, comparando-se as ocorrências de [*ŋg*] e [*ŋ*], revela-se que somente esta última ocorre nos dados sem a participação da obstruinte velar oral, e não o contrário. Contudo, como se verá em 2.3.2.4, o segmento [*ŋg*], tal como as verdadeiras pré-nasalizadas, apresenta-se como transparente e, assim, não deflagra o processo de harmonia nasal à distância.

pronunciada [*m.ká.ʒì*], com a realização de uma seqüência pré-nasalizada [*mk*]. Igualmente em (243) nota-se, também em virtude da queda da vogal do prefixo *mù*, a presença de duas consoantes contíguas [*mp*], na realização [*m.pù.tù*], da palavra *mùpútù*, 'em Portugal'. No caso de *mùndélè*, 'homem branco', no exemplo (244), ocorre a queda da vogal /*u*/ do prefixo e a nasal da consoante pré-nasalizada /*nd*/, da raiz nominal *ndélè* é conservada, produzindo-ae a forma [*m.ndé.lè*], com a realização fonética da seqüencia pré-nasalizada [*mnd*]. Este último exemplo reforça o argumento da existência das pré-nasalizadas como unidades distintivas em quimbundo, pois o segmento nasal que compõe o fonema pré-nasalizado /*nd*/ não é apagado,[36] o que significa se trata de um único fonema e que se mantém em sua forma integral. Nesses exemplos, temos, portanto, duas consoantes, [*m*] e [*nd*], que estão contíguas em virtude do processo fonético de elisão de vogal.

Ainda dentro das evidências fornecidas pela fonética, de acordo com experimentos de medição acústica realizados durante a pesquisa com meus informantes, observei que a duração em milissegundos do segmento nasal tende a ser menor em consoantes pré-nasalizadas em quimbundo que em seqüências acidentais NC. Por exemplo, nos esquemas a seguir, a duração do segmento [*m*] em *sámbà*, 'Samba – nome próprio; orar', onde a nasal estabelece uma relação mais próxima com a obstruinte que a segue, é de 107 milissegundos, enquanto a do segmento [*m*] em *mbákà*, realização fonética de *mùbákà*, 'pessoa dos ambacas', foi de 276 milissegundos. No caso onde a nasal apresenta uma menor duração acústica mostra-se que o segmento pré-nasalizado é uma só consoante:

---

[36] Outro argumento que milita em favor do estatuto mono-segmental, portanto, fonemático, de /*nd*/ advém da observação de que a obstruinte que constitui a pré-nasalizada como um só fonema jamais se palataliza, ao contrário do que ocorre com [d] enquanto fonema independente (cf. 2.2.2.3). Assim, por exemplo, na palavra [*kúdʲà*], comer, [*dʲ*] é resultado de palatalização de [*d*]. Tal processo jamais ocorre com a pré-nasalisada /*nd*/, como atestam, por exemplo, [*kúbúndílà*] 'misturar com', [*kúbúndísà*], 'fazer misturar'.

Exemplos (245) e (246) e seus respectivos espectrogramas da produção isolada das palavras *sámbà*, 'Samba – nome próprio'; orar, e *mbákà*, 'pessoa dos ambacas', em quimbundo. Observa-se uma diferença na duração durante a produção da consoante nasal [*m*]: 107 milissegundos no primeiro exemplo, 276 milissegundos no segundo. A menor duração da nasal é uma evidência fonética de que ela é produzida simultaneamente com a obstruinte que a segue, autorizando em termos descritivos uma análise mono-segmental do segmento pré-nasalizado.

Um argumento de ordem morfológica em favor da análise mono-segmental das pré-nasalizadas em quimbundo se refere ao emparelhamento de classes nominais, cujos prefixos diferenciam o singular do plural dos nomes na língua. É um fato que as pré-nasalizadas são mais freqüentes nos nomes da classe 9 em quimbundo, e é nesta classe que elas aparecem, no singular, em início absoluto de palavras:

(247) **mb**í.ʒì
Ø-mbíʒì
9-peixe
peixe

(248) **nz**á.mbà
Ø-nzámbà
9-elefante
elefante

(249) **mv**ú.lá
Ø-mvúlá
9-chuva
chuva

(250) ŋgé.**nʒ**ì
Ø- ŋénʒì
9-andador
viajante

(251) **nʒ**í.lá
Ø-nʒílá
9-pássaro
pássaro

(252) **nd**á.nʒì
Ø-ndánʒì
9-raiz
raiz

Ora, poderíamos pensar que o prefixo da classe 9 em quimbundo é uma nasal /*N*/ abstrata e independente da consoante oral que a segue e da qual assimila o ponto de articulação, tornando-se homorgânica (por exemplo, da seqüência do prefixo /*N*/ com a consoante bilabial /b/, teríamos a seqüência de duas consoantes independentes, mas pronunciadas como uma só consoante, isto é, [*mb*]). Entretanto, essa hipótese não se sustenta quando se observa a contraparte plural da classe 10, representada pelo prefixo nominal *ʒì*-:

(253) ʒì.**mb**í.ʒì
ʒì-mbíʒì
10-peixe
peixes

(254) ʒì.**nz**á.mbà
ʒì-nzámbà
10-elefante
elefantes

(255) ʒì. ŋgé.**nʒ**ì
ʒì- ŋé.nʒì
10-andador
viajantes

(256) ʒì.**mv**ú.lá
ʒì-mvúlá
10-chuva
chuvas

(257) ʒì.**nʒ**í.lá
ʒì-nʒílá
10-pássaro
pássaros

(258) ʒì.**nd**á.nʒí
ʒì-ndánʒí
10-raiz
raízes

Os exemplos revelam que a nasal que constitui a pré-nasalizada se mantém no plural e, por isso, ela sozinha não é um prefixo de classe. Se realmente o prefixo da classe 9 fosse

uma nasal abstrata /*N*/, ela deveria desaparecer para dar lugar ao prefixo /*ʒì-*/ da classe 10, uma vez que dois prefixos – um de singular e outro de plural – dentro de uma mesma palavra em quimbundo são semanticamente incompatíveis:

(259) ***ʒì**.**n**.ʒí.lá
ʒì-n-**ʒ**ílá
10-9-pássaro
**pássaros/pássaro*

(260) ***ʒì**.**n**.zá.mbà
ʒì-n-zámbà
10-9-elefante
**elefantes/elefante*

Da mesma forma, seria contraditório aos fatos atuais da língua propor que o prefixo da classe 10 fosse **ʒìn-*, isto é, com uma coda em /*N*/. Primeiro, seria uma contradição ao sistema fonológico, pois o quimbundo apresenta impede a geração de sílabas travadas; segundo, seria uma contradição aos fatos do sistema morfológico, porque nas raízes iniciadas por vogais ou consoantes simples da classe 10 temos sempre a forma *ʒì*:

(261) ʒì.fí.mbà
ʒì-fímbà
10-mergulho
mergulhos

(262) ʒì.hó.ʒì
ʒì-hóʒí
10-leão
leões

(263) ʒí.mbwà
ʒì-ímbwà
10-cachorro
cachorros

(264) ʒì.kú.kù
ʒì-kúkù
10-avô
avôs

(265) ʒì.ɲó.kà
ʒì-nìókà
10-cobra
cobras

(266) ʒì.sá.bù
ʒì-sábù
10-dito popular
provérbios

(267) ʒì.tú.lù
ʒì-túlù
10-tórax
tórax

(268) ʒì.pá.ŋgè
ʒì-páŋ̍è
10-irmão
irmãos

Portanto, o fato de a nasal nunca desaparecer na derivação do plural, para os nomes da classe 10, é um argumento morfológico que mostra que ela constitui parte de um único fonema, ou seja, uma consoante pré-nasalizada em quimbundo.

2.2.2 Fenômenos Fonéticos

As modificações fonéticas por que passam as consoantes atingem principalmente as coronais em quimbundo e elas serão descritas nesta seção.

Conforme atestam os dados desta pesquisa, observa-se que o fonema /*l*/ pode se manifestar como uma vibrante simples – o flépe [*ɾ*] –, como uma oclusiva sonora [*d*] ou sua forma palatalizada [d^j] diante da vogal alta [*i*].[37] A fricativa /*s*/ se manifesta diante da mesma vogal como uma palatoalveolar [*ʃ*]. As oclusivas /*p*/ e /*b*/ podem se manifestar como fricativas bilabiais [*ɸ*] e [*β*], respectivamente, diante das vogais [*a*] e [*u*].

Dentre os processos fonéticos que afetam as consoantes apenas no nível do lexema verbal, assinala-se o caso da harmonia nasal em quimbundo, a qual funciona sob a condição de que a raiz contenha /*n*/ ou /*m*/, levando a consoante coronal que compõe a forma do passado remoto e a de certos derivativos a assimilar o traço [+nasal].

[37] Segundo a percepção dos meus informantes, as realizações [*ɾ*] ou [d^j] são estigmatizadas, considerada uma pronúncia de pouco prestígio em contraste com a pronúncia da oclusiva alveolar sonora [*d*]. De fato, o maior número de ocorrências com a vibrante simples encontra-se nos dados do informante não-escolarizado, embora em alguns momentos os outros informantes da pesquisa também tenham produzido a vibrante simples numa situação mais descontraída, especialmente nos relatos onde a fala tende a ser mais espontânea e rápida.

2.2.2.1 Alofonia

Dentre os casos de alofonia existentes em quimbundo, observa-se a passagem do fonema /*l*/ para o fone [*d*] diante da vogal [*i*]. De fato, a ocorrência de [*d*] é bastante restrita em quimbundo, reduzindo-se apenas a contextos onde a vogal alta [*i*] se faz presente:

(269) kú.dí.là
kú-líl-à
15-chorar-*VF*
chorar

(270) kú.dí.mà
kú-lím-à
15-plantar-*VF*
plantar

(271) dì.bí.tù
lì-bítù
5-porta
porta

(272) kí.dì
kí-lì
7-verdade
verdade

(273) kú.dì.ló.ŋgà
kú-lì-lóŋ-à
15-*RFX*-ensinar-*VF*
aprender

Em todos esses exemplos, notamos a passagem do fonema /*l*/ para o fone [*d*]. Essa transformação ocorre devido à vogal alta [*i*] que se encontra logo após a lateral no nível subjacente. De fato, da consulta exaustiva do meu *corpus* lexical, notei que a oclusiva [*d*] só aparece diante da vogal [*i*]. Pelo contrário, a lateral [*l*] aparece com todas as vogais do quimbundo, apresentando, portanto, uma maior distribuição dentro do sistema sonoro da língua, o que permite afirmar que é o fonema /*l*/ que se transforma em [*d*].

Outro caso de alofonia em quimbundo é o que se observa na modificação dos fonemas oclusivos /*p*/ e /*b*/, respectivamente em fones bilabiais fricativos [*ɸ*] e [*β*], como atestam os seguintes dados:

(274) βá.ná
bán-à -Ø
dar-*VF*-*IPR1*
dê

(275) kú.dì.βá.là
kú- lì- bál -à
9-*RFX*-derrubar-*VF*
cair

(276) kú.βà.tú.là
kú- bàtú -à
15-cortar-*VF*
cortar

(277) βú.lá.ká.ná
búlàkán -à -Ø
ser atento-*VF*-*IPR1*
preste atenção

(278) kú.βú.kà
kú- búk -à
15-abanar-*VF*
abanar

(279) kú.βù.βá.là
kú- bùbál -à
15-abraçar-*VF*
abraçar

(280) ɸá.dí.ká
pàlík -à -Ø
espetar-*VF*-*IPR1*
espete

(281) kú.ɸà.ɸá.nà
kú-pàpán-à
15-estalar-*VF*
crepitar

(282) ɸà.là
PREP

(283) ɸú.tù
Ø-pútù
9-português
português

(284) ɸù.lù.mé.lù
DET
primeiro

Em quimbundo, os alofones [*ɸ*] e [*β*] só ocorrem diante das vogais [*a*] e [*u*]. Ao contrário, os fonemas /*p*/ e /*b*/ ocorrem nos dados da língua com todas as cinco vogais.[38]

2.2.2.2 Elisão

A consoante /*l*/ precedida da vogal /*u*/ é elidida diante da vogal que compõe o derivativo aplicativo -*él*, o derivativo reversivo -*úl*-, ou o derivativo causativo -*és*-:

[38] Da comparação exaustiva dos dados que obtive junto aos informantes desta pesquisa, notei que a ocorrência dos alofones bilabiais fricativos é mais freqüente nos dados do quimbundo da área oriental.

(285) bá.tw( )í.là
kú-bátù**l**-él-à
15-cortar-*APL-VF*
cortar para

(286) ʒí.kú.( )í.là
kú-ʒík-ú**l**-él-a
15-fechar-*REV-APL-VF*
abrir para

(287) bá.tw( )í.sà
kú-bátù**l**-és-à
15-cortar-*CAUS-VF*
fazer cortar

(288) só.kw( )é.là
kú-sók-ú**l**-él-à
15-montar-*REV-APL-VF*
desmontar para

2.2.2.3 Palatalização

Os dados do quimbundo revelam a ocorrência do processo de palatalização tanto no nível interno de um morfema nominal ou verbal quanto no nível da fronteira entre morfemas lexicais e gramaticais.

O quimbundo possui regras de palatalização que atuam nas raízes verbais por meio da sufixação de morfemas derivacionais e aspectuais ou da prefixação de morfemas de classe nominal. Nesses dois últimos casos, trata-se de um fenômeno que revela a estreita relação da fonologia com a morfologia em quimbundo.

No caso da sufixação, servem-nos de ilustração as formas do aplicativo. Assim, por exemplo, do radical verbal -*búsà*-, 'soprar' deriva-se a forma aplicativa -*búʃílà*, 'soprar para'; do radical -*búzà*-, 'arrancar', deriva-se a forma aplicativa -*búʒílà*, 'arrancar com'. Nesses dois casos, notamos o fenômeno da palatalização no nível da fronteira entre o morfema lexical e o morfema gramatical. Ela é desencadeada pela vogal [*i*] presente nos derivativos no nível fonético e, assim, as consoantes /*s*/ e /*z*/ que compõem a borda direita das raízes se realizam foneticamente como [*ʃ*] e [*ʒ*], respectivamente. Com outros sufixos que exibem a mesma vogal [*i*], como o perfectivo do passado remoto e o causativo, essas mesmas raízes passam a se realizar de maneira palatalizada. Os exemplos a seguir exibem a palatalização desencadeada a partir da vogal do sufixo causativo (289 e 290) e da vogal do perfectivo do passado remoto (291 e 292):

(289) búʃísà

bús -és -à

soprar-*CAUS*-*VF*

fazer soprar

(290) búʒísà

búz -és -à

arrancar-*CAUS*-*VF*

fazer arrancar

(291) ábúʃílè

á- bus -él -è

REM-soprar-*PF*-*VF*

soprar

(292) ábúʒílè

á- búz -él -è

REM-arrancar-*PF*-*VF*

arrancar

É importante notar que a palatalização só é licenciada para /*s*/ e /*z*/ que estão dentro das raízes verbais. De fato, o processo é bloqueado para os morfemas derivativos, que mantêm no nível fonético a mesma forma da consoante subjacente:

(293) búʃísílà

bús -és -él -à

soprar-*CAUS*-*APL*-*VF*

fazer soprar por

(294) ábúʃísílè

á- bús -és -él -è

REM-soprar-*CAUS*-*APL*-*VF*

fazer soprar por

Assim, nos exemplos acima, a palatalização que observamos na consoante /*s*/ que compõe a borda direita da raiz verbal, não ocorre com a consoante /*s*/ que compõe o causativo, mesmo diante da vogal [*i*] que compõe o aplicativo ou o perfectivo do passado remoto.

Também observa a interação fonologia-morfologia no mesmo processo de palatalização das consoantes /*n*/ e /*d*/.[39] No contexto fonologia-morfologia, a palatalização de /*n*/ se atesta em quimbundo no nível do sintagma nominal, após elisão de um segmento que aparece imediatamente à direita da consoante no nível subjacente:

---

[39] Encontrei nos dados apenas uma ocorrência de palatalização com a consoante /*t*/, na palavra *kútítílà*, ‘palpitar’, realizada [kút^{j}ít^{j}ílà].

(295)	bwé.ɲá.bù	(296)	kwé.ɲú.kù	(297)	mwé.ɲú.mù
	bù-énè-ìú-bù		kù-énè-ìú-kù		mù-énè-ìú-mù
	16-DET-DET-16		*17-DET-DET-17*		*18-DET-DET-18*
	sobre este mesmo		*junto a este mesmo*		*dentro deste mesmo*

Nesses exemplos, a vogal de tom baixo /*e*/ do determinante reforçativo *-énè*, 'mesmo', é elidida, restando a consoante /*n*/ que se realiza como [*ɲ*] diante da vogal /*i*/ que compõe o determinante *ìú*, 'este'.

A palatalização da consoante [*d*], consoante, esta, que resulta da derivação da forma subjacente /*l*/, se realiza também a partir do seu contato imediato com a vogal [*i*] dos morfemas gramaticais, como atesta o seguinte exemplo:[40]

(298) kú.dʲí.sà
kú-lì-és-à
15-comer-*CAUS-VF*
alimentar

Em (298), a consoante [*d*] se palataliza em [*dʲ*] devido ao contato com a vogal [*i*] que compõe o morfema derivativo no nível fonético.

O quimbundo também conta com o processo de palatalização no nível interno das raízes, isto é, de maneira independente da interação entre os morfemas lexicais e gramaticais que se encontram em fronteira como vimos nos exemplos acima. É o caso da consoante [*n*] que se transforma em [*ɲ*] diante da vogal [*i*], como atestam os seguintes dados:

[40] Cabe registrar aqui que a consoante [*d*] nem sempre se manifesta nos meus dados de maneira palatalizada, sendo mais comum entre os informantes da área oriental do quimbundo (Quanza Norte e Malange), embora o informante do Bengo também o palatalize em alguns dados. Ao contrário, as consoantes /*s*/, /*z*/ e /*n*/, dentro das situações permitidas pela língua apresentadas neste capítulo, ocorrem palatalizadas, categoricamente na produção dos cinco informantes.

(299) ɲó.kà
Ø-nìókà
9-cobra
cobra

(300) mwé.ɲù
mù-énìù
6-vida
vida

(301) ɲá.ɲà
kú-nìánì-à
15-bocejar-*VF*
bocejar

Ainda no nível interno de morfemas em quimbundo, observa-se a palatalização de [*d*], capaz de compor radicais no nível fonético diante da vogal [*i*]:

(302) kú.d^{j}à
kú-lì-à
15-comer-*VF*
comer

(303) d^{j}á.là
lì-álà
5-homem
homem

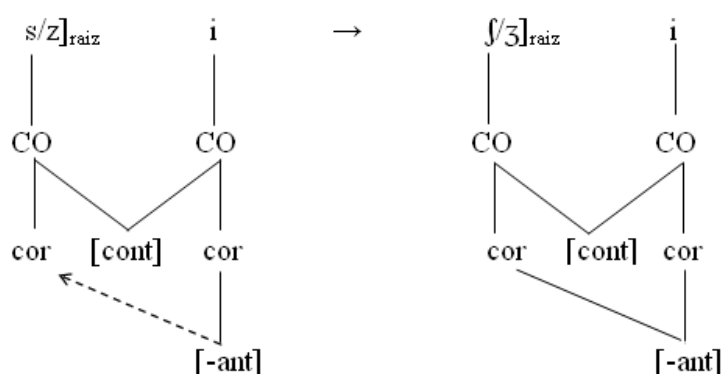
Assim, no exemplo (302), observa-se, no nível fonético, a forma palatalizada [*d^{j}*] dentro do radical verbal *d^{j}à*, 'comer'. No exemplo (303), essa mesma forma palatalizada ocorre dentro do prefixo da classe 5. Note-se, contudo, que essas forma são possíveis apenas após a modificação sofrida pelo fonema /*l*/, que, diante da vogal /*i*/, se transforma em [*d*]. Finalmente, no nível fonético, observa-se um novo seqüenciamento de sílabas, CV.CV, o mais atestado em quimbundo, no lugar de CV.CV.V do nível fonológico.

Como se observa, a formação de [*ɲ*] e [*d^{j}*] vai ao encontro da preservação de sílabas menos marcadas foneticamente, isto é, menos complexas do ponto de visto articulatório.[41] Assim, a partir da palatalização, a língua é capaz de levar a cabo a ressilabificação seja dentro de uma única palavra isolada, seja em combinações de palavras em sintagmas. Permitindo, afinal, a eliminação de hiatos pela estratégia da palatalização, o quimbundo

[41] Na verdade, esse fato em quimbundo, corrobora o que se observa em qualquer sistema lingüístico, pois um dos fatores de funcionalidade das línguas é justamente a interação da preservação de padrões complexos, que permitem o contraste dos segmentos, com a preservação de padrões mais simples, que permitem a articulação dos segmentos por seus falantes. Trata-se de uma interação de forças opostas que entram em jogo para funcionamento lingüístico e que em quimbundo ocorre tanto no nível segmental quanto no nível supra-segmental.

recupera no nível fonético a combinação CV (consoante/vogal) no lugar da combinação CV.V (consoante/vogal/vogal). Nesse caso, a relação de fidelidade entre a forma subjacente e a forma fonética é desfeita em favor de uma exigência fonética mais importante, que é a conservação da sílaba CV em quimbundo.

O processo da palatalização pode ser analisado dentro da teoria geométrica, assumindo-se que a vogal [*i*] possui os traços [contínuo] e [-anterior]:

(304)

O esquema mostra o espraiamento regressivo, isto é, da direita para a esquerda, do traço [-anterior] da vogal [*i*] em direção à consoante que compõe raiz do verbo. Esse traço na verdade é uma conversão realizada a partir do instante em que a regra começa a operar, pois a vogal [*i*], como qualquer outra vogal de qualquer língua, constitui-se redundantemente pelos traços [-anterior] e [+anterior]. Observe-se que o traço [anterior] é subespecificado (ausente) em /*s*/ e /*z*/. Essa posição então é preenchida, via espraiamento, pelo traço de anterioridade da vogal [*i*], permitindo que as consoantes em questão passem a se realizar [*ʃ*] e [*ʒ*] no nível fonético.

2.2.2.4 Harmonia Nasal à Distância

Um traço recorrente nas línguas bantas, atestado, por exemplo, nos trabalhos de Greenberg (1951), Ao (1991) e Hyman (1995), a harmonia nasal atinge somente as consoantes não-contínuas.

Ao contrário da harmonia vocálica, que exige uma interação local entre os segmentos, a assimilação do traço [+nasal] no caso da harmonia nasal atinge as consoantes que se localizam “do lado de fora”, isto é, à distância da consoante que compõe a raiz verbal, com vogais ou consoantes localizadas entre os dois segmentos que se harmonizam. Essas vogais ou consoantes não bloqueiam nem são influenciados pelo traço [+nasal].

Além da distância estabelecida entre os segmentos no caso da harmonia nasal, observa-se que o fenômeno ocorre somente com segmentos consonânticos que contenham o traço [+sonoro] nas línguas bantas.

Todas essas características relativas ao fenômeno da harmonia nasal também estão presentes em quimbundo, como se observa em alguns dados desta pesquisa:

(305) kú.sò.**n**é.ké.**n**à
kú- sònék -él -à
15-escrever-*APL-VF*
escrever para

(306) ŋgá.bá.lù.**m**ú.kí.**n**è
ŋì- á- bálùmúk -él -è
1SG-REM-erguer-*PF-VF*
ergui

(307) kú.mó.kó.**n**é.**n**à
kú- mókón -él -à
15-fazer cócegas-*APL-VF*
fazer cócegas em

(308) kú.tó.**n**é.sé.**n**à
kú- tón -és -él -à
15-acordar-*CAUS-APL-VF*
fazer acordar para

(309) kú.mó.**n**é.ké.sé.**n**à
kú- món -ék -és -él -à
15-ver-*EST-CAUS-APL-VF*
fazer ver (mostrar-se) para

(310) kú.bè.**ɲ**é.sé.**n**à
kú- bènì -és -él -à
15-brilhar-*CAUS-APL-VF*
dar brilho em

(311) ŋgá.ʃì.ká.**m**é.**n**è
ŋì- á- ʃìkám -él -à
1SG-REM-sentar-*PF-VF*
sentei-me

(312) ŋgá.bé.tà.**me**.**n**è
ŋì- á- bétàm -él -à
1SG-REM-curvar-se-*APL-VF*
curvei-me

(313) ŋgá.tú.**mí**.**n**è
ŋì- á- túm -él -è
1SG-*REM*-enviar-*PF*-*VF*
enviei

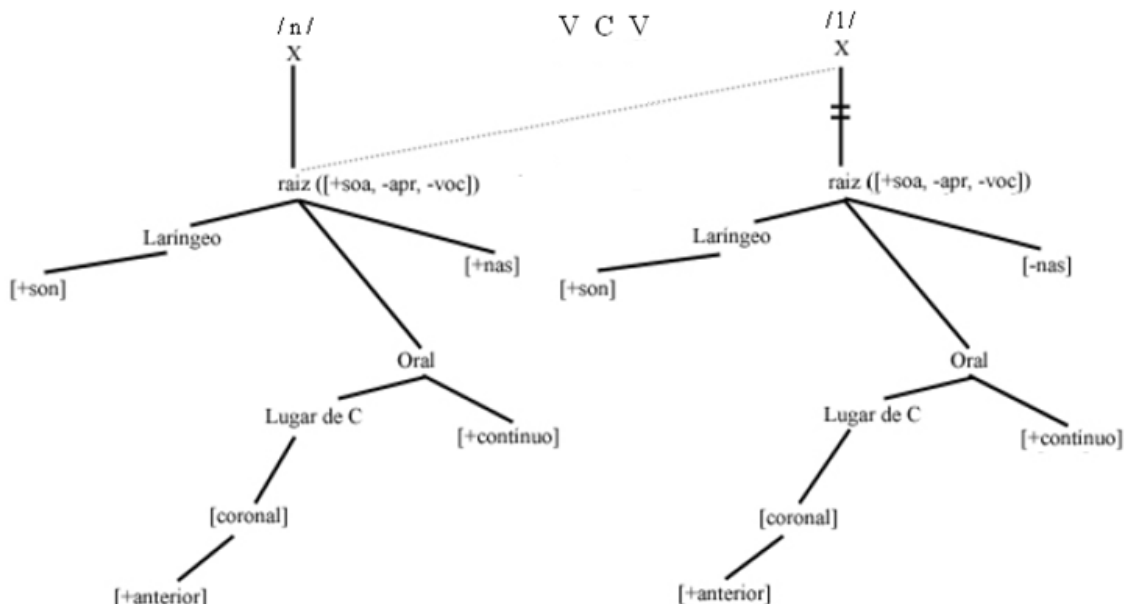
(314) ŋgá.tù.**m**á.ké.**n**è
ŋì- á- tùmák -él -è
REM-obedecer-*PF*-*VF*
obedeci

(315) ŋgá.sà.mú.**ní**.**n**è
ŋì- á- sàmún -él -è
1SG-*REM*-pentear-*PF*-*VF*
penteei

Como se pode notar pelos exemplos apresentados, há uma alteração da consoante /*l*/ que se transforma em [*n*] em função da harmonia estabelecida no domínio morfofonológico, isto é, entre uma consoante nasal da raiz e uma vogal de um sufixo gramatical. É importante notar que, mesmo que a nasal seja seguida por outros segmentos – como vogais e obstruintes – o processo de harmonia nasal à distância não é bloqueado, como se observa nos exemplos (305), *kúsònékénà*, forma aplicativa do verbo *kúsònékà*, 'escrever', e (314), *ŋgátùmákénè*, forma do passado remoto de 1ª pessoa do verbo *kútùmákà*, 'obedecer'. Como se observa, as raízes desses verbos apresentam, entre a consoante /*n*/, que deflagra o processo aqui descrito, e a consoante /*l*/, que assimila todos os traços daquela nasal, uma consoante obstruinte /*k*/.

Numa perspectiva geométrica, os traços do segmento nasal da raiz do verbo são espraiados para o segmento obstruinte presente no derivativo e do morfema indicador do perfectivo.

O esquema a seguir exemplifica o processo da harmonia nasal verificável no exemplo *kúsò**n**éké**n**à*, 'escrever para', onde o sufixo do aplicativo *-él* do nível subjacente passa a ser realizado como *-én*, tendo a consoante lateral /*l*/ ou, assimilado todos os traços da consoante /*n*/ presente na raiz *-sònék-*, 'escrever':

(316)

Em quimbundo, portanto, o traço [+nasal], que se nota no lado direito do esquema, consegue ultrapassar a fronteira estabelecida entre o morfema lexical (isto é, a base verbal) e os morfemas gramaticais, perfazendo um movimento progressivo, isto é, da esquerda para a direita da palavra.

Note-se ainda que as consoantes que concordam em nasalidade podem vir separadas por vogais e consoantes, as quais não são afetadas pela nasalização. De fato, a harmonia nasal só se estabelece apenas entre a raiz verbal e os morfemas gramaticais.

Outra restrição de natureza segmental diz respeito à neutralidade das consoantes pré-nasalizadas em quimbundo, que jamais deflagram a harmonia nasal:

(317) nwá.bù.**nʒ**í.kí**l**è
nù- á- bùnʒík -él -è
2PL-REM-dobrar-*PF-VF*
vocês dobraram

(318) kú.sú.**mb**í.**l**à
kú- súmb -él -à
15-comprar-*APL-VF*
comprar para

(319) ŋgá.bá.**nz**é.**l**è
ŋì- á- bánz -él -è
1SG-REM-pensar-*PF-VF*
pensei

(320) twá.dì.sá.**ŋg**é.**l**è[42]
tù- á- dì- sáŋ -él -è
1PL-REM-RCP-encontrar-*PF-VF*
nós nos encontramos

(321) wá.**nd**é.lé.**l**è
ù- á- ndél -él -è
3SG-REM-mastigou-*PF-VF*
mastigou

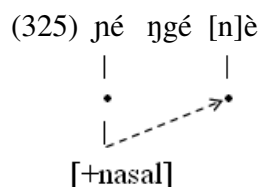
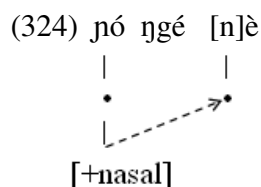
Esse fato, também atestado em outras línguas bantas, como o iaca e o quicongo, tem recebido explicações variáveis na literatura. Hyman (1995), por exemplo, propõe uma solução *ad-hoc*, tratando as pré-nasalizadas como subespecificadas e, portanto, elas não possuem traços fonológicos na estrutura profunda para que sejam espraiados.

Assim, seguindo-se essa proposta, a representação mais adequada para os radicais quimbundos que exibem formas de harmonia nasal provocadas por consoantes especificadas para o traço [+nasal] e que apresentam, na mesma base verbal, consoantes pré-nasalizadas, como atestam os exemplos

(322) wá.**ɲ**ó.ŋgé.**n**è
ù- á- nìóŋ -él -è
3SG-REM-torcer-*PF-VF*
torceu

(323) ŋgá.**ɲ**é.ŋgé.**n**è
ŋì- á- nìéŋ -él -è
1SG-REM-pendurar-*PF-VF*
pendurei

[42] No caso de consoantes pré-nasalizadas fonéticas, isto é, segmentos que não participam do sistema sonoro quimbundo enquanto unidades distintivas, como [*ŋg*], observei que a harmonia nasal também não ocorre. É o que se observa no exemplo [*twádìsá**ŋg**élè*], 'nós nos encontramos', em que a raiz verbal realizada foneticamente [-*sá**ŋg***-], 'encontrar alguém por acaso', apresenta uma pré-nasalizada que resulta de uma derivação do fonema /**ŋ**/, e ela não espraia seu traço nasal.

é a que mostramos a seguir, em que se observa um efeito de transparência com relação a esse tipo de segmento:

Esse esquema nos permite visualizar o ponto de origem a direção e o ponto de chegada da harmonia nasal, a qual parte do segmento [n] da raiz verbal, e não da consoante pré-nasalizada, que, no esquema, aparece subespecificada.

Finalmente, a partir da observação do fenômeno da harmonia nasal à distância, algumas considerações podem ser feitas:

1) Tal como a harmonia vocálica, a direção do processo de harmonia nasal é progressivo, isto é, da esquerda para a direita, pois ela sempre parte da nasal /*m*/ ou /*n*/ que se encontra na raiz verbal em direção aos morfemas gramaticais do derivativo aplicativo e do perfectivo em quimbundo;

2) As vogais e obstruintes que se encontram entre a nasal da raiz verbal e o morfema gramatical que assimila o traço [+nasal] não bloqueiam o processo nem são influenciados pela nasalidade;

3) Os fonemas pré-nasalizados que compõem a raiz são um tipo especial de segmento em quimbundo. Enquanto segmentos subespecificados, ao contrário de outras nasais, eles não deflagram o processo de harmonia nasal à distância, de modo que, tal como as vogais, comportam-se como segmentos neutros ou "transparentes".

3

Fonologia Supra-Segmental do Quimbundo

O objetivo deste capítulo é apresentar em termos descritivos:

1. Os registros tonais do quimbundo;
2. As modificações do esquema tonal e suas causas;
3. A estrutura silábica em quimbundo;
4. Uma introdução ao ritmo quimbundo.

3.1 Registros Tonais

O quimbundo, como a maioria das línguas africanas do tronco nigero-congolês, utiliza diferenças de altura relativa para transmitir distinções lexicais, caracterizando-o como uma língua tonal.

Seu sistema fonológico opõe dois níveis distintivos – dois registros tonais – alto (A) e baixo (B) – utilizando a variação de altura[43] no nível da sílaba e, assim, é também capaz de distinguir o significado de seqüências idênticas de segmentos. Seus dois tons são pontuais, caracterizados por uma altura fixa durante sua produção, como atestam os seguintes dados:

(326) **nʒí.là**
Ø-nʒílà
9-caminho
caminho

(327) **nʒí.lá**
Ø-nʒílá
9-pássaro
pássaro

[43] O termo “altura” é a tradução que utilizo para *pitch*, pelo qual o tom e a entoação se manifestam nas línguas. Trata-se de uma propriedade auditiva, algo que percebemos pela orelha. Seu correlato acústico é a freqüência fundamental (F_0) do som que percebemos e, nesse sentido físico, pode ser medida em Hz.

(328) ò **nʒílà**
ò Ø-nʒílà
DET 9-caminho
o caminho

(329) ò **nʒílá**
ò Ø-nʒílá
DET 9-pássaro
o pássaro

(330) ŋgámóná **nʒílà**
ŋì- á- món -à Ø-nʒílà
1SG REC ver *PF 9*-caminho
vi um caminho

(331) ŋgámóná **nʒílá**
ŋì- á- món-à Ø-nʒílá
1SG REC ver*PF 9*-pássaro
vi um pássaro

(332) ŋgámóná **nʒílà** kùmúʃì
ŋì- á- món-à Ø-nʒílà kù-múʃì
1SG REC ver *PF 9*-caminho *17*-bosque
vi um caminho no bosque

(333) ŋgámóná **nʒílá** kùmúʃì
ŋì- á- món-à Ø-nʒílá kù-múʃì
1SG REC ver*PF 9*-pássaro*17*-bosque
vi um pássaro no bosque

Nos exemplos de (326) a (333), podemos notar que as palavras em destaque, *nʒílà* e *nʒílá*, respectivamente traduzidas para o português como “caminho” e “pássaro”, possuem em quimbundo a mesma seqüência segmental, distinguindo-se apenas em um ponto da cadeia supra-segmental, o que mostra que a língua realiza a distinção de significados também em termos tonais.

Assim, em *nʒílà*, ‘caminho’, a melodia tonal da palavra é A-B (alto-baixo), em todos os contextos aqui apresentados, isto é, em (326), (328), (330) e (332). Em nʒílá, ‘pássaro’, a melodia tonal da palavra é A, em todos os contextos aqui apresentados, isto é, em (327), (329), (331) e (333).[44]

Outros pares mínimos nas variedades do quimbundo representadas pelos meus informantes foram identificados nos dados:

[44] Todas as palavras foram elicitadas em isolação e enquadramentos sintáticos, como método de “isolar” precisamente a melodia tonal e assim chegar à sua forma lexical (“subjacente”).

(334) ŋgá.ndú
Ø- ŋándú
9-esteira
esteira grossa

(335) ŋgá.ndù
Ø- ŋbándù
9-jacaré
jacaré

(336) mbá.mbí
Ø-mbámbí
9-frio
frio

(337) mbá.mbì
Ø-mbámbí
9-gazela
gazela

(338) mvú.lá
Ø-mvúlá
9-chuva
chuva

(339) mvú.là
lì-mvúlà
5-cozinha
cozinha

(340) há.má
Ø-hámá
9-cem
cem

(341) há.mà
Ø-hámà
9-cama
cama

(342) bá.ŋgà
kú- báŋ -à
15-brigar-*VF*
brigar

(343) bà.ŋgà
kú- bàŋ -à
15-fazer-*VF*
fazer

(344) ló.wà
kú- lóù -à
15-pescar-*VF*
pescar (com vara)

(345) lò.wà
kú- lòù -à
15-enfeitiçar-*VF*
enfeitiçar

(346) bé.là
kú- bél -à
15-emagrecer-*VF*
emagrecer

(347) bè.là
kú- bèl -á
15-pousar-VF
pousar (de ave)

(348) lá.mbà
kú- lámb -à
15-cozinhar-*VF*
cozinhar

(349) là.mbà
kú- làmb -à
15-enterrar-*VF*
enterrar

(350) bú.ndà
kú- búnd -à
15-misturar-*VF*
misturar

(351) bù.ndà
kú- bùnd -à
15-espancar-*VF*
espancar

(352) tá.ŋgù
Ø-táŋù
9-peixe
peixe sp.

(353) tà.ŋgù
Ø-táŋù
9-galho
galho

Cada par de (334) a (353) apresenta a mesma seqüência de segmentos e se distingue em significado apenas pelo uso diferenciado da altura melódica. De fato, o sistema tonal do quimbundo repousa sobre a distinção de dois registros de voz (*baixo* e *alto*), os quais fundam, por seu turno, a identidade dos diferentes esquemas tonais. Nos exemplos apresentados, observamos três possibilidades de melodia tonal, A (alta), B (baixa) e A-B (alta e baixa):[45]

[45] Encontrei nos dados apenas uma ocorrência com o esquema tonal BA: *kàlùlú*, 'calulu'. Este esquema é uma das quatro possibilidades de melodias esperada em sistemas de dois tons: AA, AB, B, BA. Por enquanto, só posso afirmar que a maior parte das ocorrências com o esquema BA pode surgir como resultado de derivação, isto é, provocado por assimilação tonal, como veremos na seção 3.2.1, onde descrevo o fenômeno do sândi tonal em quimbundo.

(354)

A		**B**		**A-B**	
nʒílá	*pássaro*	tàŋù	*galho*	táŋù	*peixe sp.*
ŋándú	*esteira*	bùndà	*espancar*	nʒílà	*caminho*
mbámbí	*frio*	làmbà	*enterrar*	búndà	*misturar*
mvúlá	*chuva*	bèlà	*pousar*	mvúlà	*cozinha*
hámá	*cem*	lòùà	*enfeitiçar*	lóùà	*pescar*
		bàŋà	*fazer*	hámà	*cama*
				báŋà	*brigar*
				lámbà	*cozinhar*

Ainda que a lista acima seja uma pequena amostra das três melodias tonais encontradas nos termos em isolação do quimbundo, ela reflete o que pude observar da análise exaustiva dos dados coletados para a pesquisa:

1) as ocorrências com o esquema tonal *A* são mais raras, dentro das quais, com efeito, encontrei apenas estas cinco ocorrências; esse tipo de modulação não ocorre ao nível fonológico nos verbos em isolação;

2) as ocorrências com o esquema tonal *B* são freqüentes tantos em nomes quanto nos verbos; com uma ligeira preferências nos radicais verbais;

3) por sua vez, a incidência de palavras com o esquema tonal *A-B* é a mais atestada nos meus dados, tanto em nomes quanto nos verbos em isolação.[46]

A terceira constatação tem um efeito interessante do ponto de vista da interpretação de traços da estrutura do quimbundo no que diz respeito ao seu estatuto prosódico. Com efeito, se os dados de maior incidência representam palavras com o esquema tonal AB, nota-se uma diferença de altura no nível sintagmático, em que apenas uma das sílabas apresenta um registro de voz alto. Não raro, essa observação levou muitos estudiosos da língua a interpretá-lo como uma língua acentual, como atestam as gramáticas antigas do quimbundo, hipótese que não sustento nesta tese, pois, como de fato, a sílaba é a unidade mínima prosódica de uma língua, deve-se atentar ao fato de que, em quimbundo, os nomes, e mais freqüentemente os verbos, apresentam sílabas com dois ou mais tons ao longo de sua estrutura nominal e verbal.

3.1.1 Fenômenos Fonéticos

Em quimbundo, é possível, como já vimos anteriormente, distinguir pares lexicais unicamente por seus esquemas tonais. Contudo, tais pares mínimos são relativamente raros – de fato, encontrei algumas dezenas sobre um número total de 800 itens lexicais. Por outro lado, as diferenças tonais são mais visíveis ao nível da estrutura verbal da língua, onde se observa mais de uma proeminência tonal por palavra.

Dentre os fenômenos relativos ao tom em quimbundo abordados nesta tese, estão o sândi tonal, o abaixamento tonal e a entoação de pergunta.

[46] Como se observa, os esquemas tonais são ilustrados em nomes com duas sílabas, incluindo-se aí, também para os fins da análise, as formas infinitivas dos verbos. De fato, mesmo em radicais de mais de duas sílabas refletem em quimbundo as mesmas três possibilidades de combinação dos dois registros tonais da língua.

3.1.1.1 Sândi Tonal

Um fato interessante em quimbundo, também verificável em outras línguas do grupo banto, é o fenômeno do sândi tonal em determinados contextos fonológicos e sintáticos. Em fronteiras de palavras, um tom alto que segue uma palavra lexical (nomes não-locativos e verbos)[47] espraia-se, alojando-se sobre a última vogal da sílaba da palavra lexical imediatamente à esquerda. É o que se pode perceber ao se comparar a melodia tonal de *kúdjà* e *kúdjá*, respectivamente nos exemplos a seguir:

(355)
ŋgámóná **kúdjà** mùdìlóŋgà
ŋì- á- món -à kú- líà mù-lì-lóŋà
1SG-REC-ver-*PF 15*-comida *18-5*-prato
vi comida no prato

(356)
ŋgámóná **kúdjá** kwámì
ŋì- á- món -à kú- líà kù- á- èmè
1SG-REC-ver-*PF 15*-comida *15-GEN-P1'*
vi minha comida

No exemplo (356), a última vogal da palavra *kúdjá*, 'comida', foi realizada com um tom alto que recebeu da vogal de tom alto à direita, no caso, da vogal [*á*] do marcador genitival *kwá*, '15-de'.

Outros exemplos atestam o mesmo fenômeno de assimilação tonal:

(357)
ŋgámónà **djálà** mùkìtándà
ŋì- á- món -à lì-álà mù-kì-tándà
1SG-REC-ver-*PF 5*-homem *18-7*-praça
vi um homem na praça

(358)
ŋgámónà **djálá** djámì
ŋì- á- món -à lì-álà lì- á- èmè
1SG-REC-ver-*PF 15*-homem *5-GEN-P1'*
vi meu marido

[47] Observei que o determinante *ò* – que a tradição bantuísta chama "aumento" – nunca é afetado pelo sândi tonal, ainda que muitas vezes ele seja percebido como um clítico, isto é, de pronúncia fraca que se liga à palavra lexical à sua direita, permanecendo com tom baixo em todas as ocorrências do *corpus*. O comportamento desse item lexical o aproxima da conjunção monossilábica *nì* e, por esse motivo, optei por transcrevê-lo separadamente do nome que ele determina.

Em (358), temos *djálá*, 'homem', cujo tom lexical baixo foi realizado com tom alto, também devido ao espraiamento do tom alto recebido da vogal [*á*] do determinante *djámi*, '5-de mim'.

Uma explicação alternativa ao sândi tonal seria propor a existência de um tom "flutuante" invisível localizado à direita dos nomes e que, assim, provocaria a elevação da altura tonal da última sílaba dos nomes em quimbundo. Porém, analisando-se detidamente os dados, a hipótese não se sustenta:

(359) ò dízwì
ò lí-zùì
DET 5-língua
a língua

(360) ò dízwí djámì
ò lí-zùì lì-á-èmè
DET 5-língua 5-*GEN-P1'*
a minha língua

(361) **dízwì** dìmóʃì
dí-zùì dì-móʃì
5-língua *5*-um
uma língua

(362) ò díʒù
ò li-ʒù
DET 5-dente
o dente

(363) ò díʒú djámì
o li-ʒú lì-á-èmè
DET 5-dente *5-GEN-P1'*
o meu dente

(364) **díʒù** dìmóʃì
lí-ʒù lì-móʃì
5-dente *5*-um
um dente

Os dados acima mostram que a primeira sílaba do determinante numeral *dìmóʃì*, '5-um', apresenta um tom baixo. Assim, o tom baixo da última sílaba de *dízwì*, 'língua', 'voz',

e *díʒù*, 'dente', respectivamente em (361) e (364), não é afetado. Isso mostra que se houvesse de fato um tom flutuante invisível imediatamente à direita dos nomes em quimbundo, ele afetaria a última sílaba da palavra imediatamente à esquerda, o que não é o caso, visto que a melodia tonal das palavras permanece intacta ao se combinarem com uma palavra de sílaba inicial de tom baixo, como é o caso do numeral dìmóʃì, este sempre localizado à direita dos nomes em quimbundo. Com efeito, os exemplos acima confirmam que a atribuição de um tom alto via espraiamento no contexto de fronteira de palavras se explica pelo sândi tonal, um fenômeno de natureza meramente fonética, o que rechaça a hipótese morfológica do tom flutuante em quimbundo.

É importante notar que o processo de sândi tonal em quimbundo se observa em dois domínios sintáticos específicos:

1) no domínio do sintagma nominal (SN), na relação existente entre o núcleo do sintagma nominal e seu complemento (este formado pelo morfema genitival de tom alto *á*);

2) no domínio do sintagma verbal (SV), observando-se as seguintes relações:

a) entre o verbo e o seu complemento[48] não-locativo (desde que a primeira sílaba deste último contenha um tom alto) e

b) entre um nome não-locativo com função de sujeito e o verbo com o qual estabelece a concordância (desde que o morfema de tempo de tom alto tenha uma forma foneticamente realizada, o que exclui, portanto, o morfema de presente *Ø*-).

Nos dois casos, a assimilação é somente regressiva, isto é, ela ocorre com o traço tonal alto que, em quimbundo, move-se da direita para a esquerda dentro dos domínios apresentados. Veremos cada um deles nas três seções a seguir.

[48] Inclui-se neste caso qualquer seqüência de dois verbos, em que o segundo é complemento do primeiro.

3.1.1.1.1 Sândi Tonal no Domínio Nome/Complemento

(365) mùdjúlù mwálà $_{SN}$[**ʒìtétémbwá** ʒjávúlù]
mù-lì-úlù mù- Ø- ál -à ʒì-tétémbùà ʒì-á-vúlù
18-5-céu *18-PRS*-estar-*IPF* *10*-estrela *10-GEN*-muito
no céu, há muitas estrelas

(366) $_{SN}$[**ʒìtétémbwá** ʒjávúlú] ʒjálà mùdjúlù
ʒì-tétémbùà ʒì-á-vúlù ʒì- Ø- ál -à mù-lì-úlù
10-estrela *10-GEN*-muito *10-PRS*-estar-*IPF* *18-5*-céu
há muitas estrelas no céu

Em (365) e (366), da comparação entre a forma subjacente do nome *ʒìtétémbùà* com sua forma fonética *ʒìtétémbùá*, 'estrela', deduz-se que esta última passou a carregar um tom alto na última sílaba devido à assimilação do traço tonal alto existente no morfema genitival *á* de seu complemento *ʒìávúlù*, '10-de-muito', caracterizando o fenômeno de sândi tonal no nível do sintagma nominal.[49]

3.1.1.1.2 Sândi Tonal no Domínio Verbo/Complemento

Dentro da estrutura argumental do predicado, o tom alto do da primeira vogal que compõe o nome com função de objeto é assimilado pela última vogal de tom baixo indicadora de aspecto do verbo em quimbundo:

[49] No que se refere à conjunção *nì*, 'com', 'e', observei que a vogal de tom baixo não absorve o tom alto da sílaba vizinha à direita, p.e., *mútù nì mútù*, 'pessoa com pessoa', mesmo que a relação entre os tons seja local. Esse comportamento da conjunção *nì* difere-se de outras formas monossilábicas que encontrei em quimbundo, como o prefixo de negação *kì*, o qual, embora não absorva o tom alto, não impede o processo de sândi tonal. Por essa razão, na transcrição e segmentação dos enunciados proposta nesta tese, a referida conjunção aparece separada do nome que a segue, para mostrar que ela apresenta uma independência morfológica, que não se observa com outros clíticos como o prefixo de negação ou a marca de objeto em quimbundo.

(367) [**ŋgéʒíá** mútù] mùlwándà

ŋì á- ìʒí -à mú-tù mù-lùándà

1SG-REC-conhecer-*PF 1*-pessoa *18*-Luanda

conheci alguém em Luanda

(368) mùlwándà [**ŋgéʒíá** mútù]

mù-lùándà ŋì á- ìʒí -à mú-tù

18-Luanda *1SG-REC*-conhecer-*PF 1*-pessoa

em Luanda conheci uma pessoa

Em (367) e (368), observa-se que no verbo *ŋgéʒíá*, 'conheci', a última sílaba apresenta um tom alto que foi assimilado da primeira sílaba de *mútù*, 'pessoa'.

Porém, se a palavra seguinte ao verbo se inicia por tom baixo no contexto sintático verbo/complemento, a assimilação não ocorre:

(369) $_{SV}$[ŋgéʒíà mùhátú wámì] mùlwánda

ŋì á- ìʒí -à mù-hátù ù- á- èmè mù-lùándà

1SG-REC-conhecer-*PF 1*-mulher *1-GEN-P1' 18*-Luanda

conheci minha mulher em Luanda

(370) $_{SV}$[twákàtúlà dìtádì] bùkàlúŋgà

tù- á- kàtúl -à lì-tálì bù-kàlúŋgà

1PL-REC-jogar-*PF 5*-pedra *16*-mar

jogamos pedra no mar

No exemplo (369), notamos uma fidelidade tonal entre a forma subjacente e a forma de superfície do verbo *ŋgéʒíà*, pois o seu complemento *mùhátù*, 'mulher', inicia-se por uma sílaba de tom baixo. A mesma fidelidade se nota no exemplo (370), onde a última sílaba de *twákàtúlà*, 'jogamos', não sofre assimilação tonal, mantendo seu tom baixo subjacente, pois a primeira sílaba de seu complemento *dìtádì*, 'pedra', apresenta um tom baixo.

Nestes dois exemplos, verifica-se que a condição para que ocorra o processo de sândi tonal é a observância à restrição da janela fonológica, que deve ser composta de, no máximo, uma sílaba de tom baixo.

Nota-se ainda que o processo de sândi tonal também se produz em formas verbais do quimbundo dispostas em seqüência, em que o segundo verbo no infinitivo, justamente por sua natureza nominal, assume a função de complemento do primeiro. Assim, nas formas do presente afirmativo, por exemplo, a vogal final /*-à*/, lexicalmente de tom baixo e que indica o aspecto imperfectivo, recebe o tom alto da vogal mais próxima à direita, como se observa ao se compararem as duas realizações do verbo /*ŋgándálà*/ nos dois exemplos a seguir:

(371) ŋgándálà
ŋì- Ø- ándál-à
1SG-PRS-querer-*IPF*
quero

(372) $_{SV}$[**ŋgándálá** kúlámbà kàlùlú]
ŋì- Ø- ándál -à kú- lámb -à kà-lùlú
1SG-PRS-querer-*IPF* *15*-cozinhar-*VF* *12*-calulu
vou fazer calulu

Em (372), a última vogal do verbo *ŋgándálá*, 'quero (e por isso vou)' é realizada com tom alto por ter assimilado o tom alto da vogal da sílaba *kú-* adjacente à direita que compõe o infinitivo *kúlámbà*, 'cozinhar'.

3.1.1.1.3 Sândi Tonal no Domínio Sujeito/Verbo

Observa-se em quimbundo que o sujeito sintático representado por um nome não-locativo também recebe os efeitos da assimilação do tom alto do verbo que o segue. Nesse caso, o traço tonal a ser assimilado é o que ocorre na marca de tempo do verbo, com a qual o sujeito estabelece a concordância:

(373) $_{SV}$[mútù nì **mútú** ádìtákánà][50] mùkìtándà
mú-tù nì mú-tù à-á-lì-tákán-à mù-kì-tándà
1-pessoa *CONJ 1*-pessoa *1-REC-RCP*-encontrar-*PF 18-7*-praça
uma pessoa se encontrou com outra na praça

(374) $_{SV}$[ò dívùlú jálà] bùmézà
ò Ø-lívùlù ì-Ø-ál-à bù- Ø-mézà
DET 9-livro *9-PRS*-estar-*IPF 16-9*-mesa
o livro está sobre a mesa

Por outro lado, o sândi tonal deixa de ocorrer se a expressão nominal tiver interpretação locativa. Tal restrição de ordem semântica se explica pela relação não direta estabelecida entre o sintagma circunstante (SC) com o nome ou o verbo que o segue no nível profundo da sintaxe, ainda que a concordância se estabeleça entre o nominal locativo com o verbo:

(375) $_{SC}$[mùkìtándà] mútù nì mútú ádìtákánà
mù-kì-tándà mú-tù nì mú-tù à-á-lì-tákán-à
18-7-praça *1*-pessoa *CONJ 1*-pessoa *1-REC-RCP*-encontrar-*PF*
na praça uma pessoa se encontrou com outra

(376) $_{SC}$[bùmézà] bwálá dívùlù
bù-Ø-mézà bù-Ø-ál-à Ø-lívùlù
16-9-mesa *16-PRS*-estar-*IPF 9*-livro
sobre a mesa há um livro

[50] Nos exemplos em que se observa a elisão de sílaba de tom baixo, como é o caso de *à-áditákánà*, 'eles se encontraram', a janela de uma sílaba ainda é preservada, permitindo que o processo assimilatório tonal se concretize.

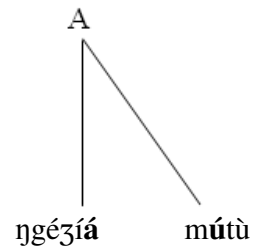
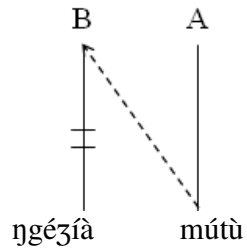
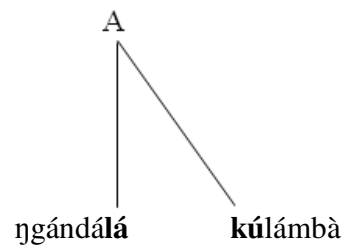
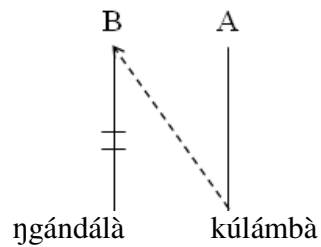
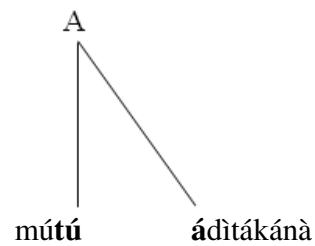
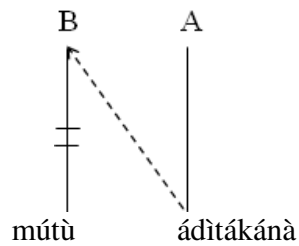
As formas verbais negativas também não impedem a assimilação do traço alto do tom do morfema de tempo. A assimilação tonal ainda é possível por razões morfológicas. Por ser flexional a negação em quimbundo, prefixada à forma verbal em quimbundo, a relação entre o tom alto a ser assimilado pela sílaba de tom baixo ainda é local, obedecendo-se à restrição de uma só janela fonológica:

(377) $_{SV}$[mùtù nì **mùtú** kádìtákánà]
mù-tú nì mùtù kì-à-á-lì-tákán-à
1-pessoa *CONJ 1*-pessoa *NEG-1-REC*
uma pessoa não encontrou a outra

Aplicando-se uma representação auto-segmental[51] do processo de sândi tonal nos exemplos apresentados, temos as configurações a seguir:

(378) $_{SN}$[ʒìtétémbwá ʒjávúlù] *muitas estrelas*

[51] A premissa básica da fonologia auto-segmental é que os tons são representados em uma linha (ou 'tier') paralela à das consoantes e das vogais, sincronizadas com as unidades (sílabas ou moras) portadoras daqueles por meio de linhas de associação.

(379) $_{SV}$[ŋgéʒíá mútù] *conheci alguém*

(380) $_{SV}$[ŋgándálá kúlámbà] *vou cozinhar*

(381) $_{SV}$[mútù nì mútú ádìtákánà] *uma pessoa encontrou outra*

Por meio da visualização desses esquemas, nota-se que o movimento do tom alto sempre se faz da direita para a esquerda, caracterizando, portanto, um espraiamento regressivo de traços tonais em quimbundo. Veja-se que ao nível de representação auto-segmental, as sílabas que participam do processo de sândi tonal compartilham um mesmo tom alto.

Em conclusão, o fenômeno do sândi tonal tem o efeito de fazer subir o registro tonal de uma sílaba lexicalmente de tom baixo. Essa elevação é decorrente, em termos auto-segmentais, de um espraiamento do traço tonal A, num movimento regressivo de propagação, isto é, da direita para a esquerda, apagando o traço tonal B da sílaba que o recebe.

3.1.1.2 *Downstep*

A combinação BA (contorno tonal ascendente: início baixo, término alto) não ocorre em quimbundo, tendo o *downstep* (Aꜜ A), às vezes a função de substituí-la. Antes de tudo, trata-se de um acidente fonético e, por isso, sem função distintiva na língua.[52] Em termos perceptuais, observa-se que o segundo tom alto apresenta um registro ligeiramente mais baixo que o primeiro tom alto.[53]

3.1.1.2.1 *Downstep* e Sândi Tonal

Em quimbundo, o *downstep* ocorre principalmente em casos de sândi tonal e de elisão. Nos casos de sândi tonal, vimos que dois tons altos ficam contíguos:

(382) ŋgándálà kúlámbà > ŋgándá**lá kú**lámbà > ŋgándá**lá ꜜkú**lámbà
vou cozinhar

(383) ŋgéʒíà mútù > ŋgéʒ**íá mú**tù > ŋgé**ʒíꜜá** mútù
conheci alguém

---

[52] Neste último caso, a formação de um abaixamento tonal distintivo se explica diacronicamente, tendo sido elidida uma sílaba de tom baixo, restando em seu lugar um tom flutuante, fazendo que o tom alto seguinte seja rebaixado: A (B̲) A B > A ꜜA B. Com o desaparecimento do primeiro tom baixo (B̲), a língua obteve então o esquema A ꜜA B.

[53] Trata-se de um abaixamento tonal pontual que pode, contudo, levar a um abaixamento tonal cumulativo (*downdrift*) ao longo de um enunciado.

Nesses exemplos, observa-se que, de modo a atenuar o choque tonal AA (alto/alto) resultante da assimilação do tom alto adjacente, o quimbundo procede a um leve abaixamento no registro da voz na produção do segundo tom alto. Trata-se, portanto, de uma dissimilação, resultando, por sua vez, um contorno tonal do tipo AꜜA.

3.1.1.2.2 *Downstep* e Elisão

Vimos que nos casos de elisão vocálica, um tom alto pode ficar adjacente a outro tom alto, levando a um abaixamento tonal. É o que se verifica nos exemplos abaixo, onde se observa a elisão da vogal de tom baixo /*à*/ no exemplo (384) e a elisão das vogais de tom baixo /*à*/ e /*ù*/ no exemplo (385). As formas resultantes revelam uma adjacência de dois tons altos e a conseqüente dissimilação tonal, representada aqui pelo *downstep*:

(384) ímà ójò > **ímꜜó**jò *essas coisas*

(385) mónà ùé > m**ónꜜé** *teu filho*

Outro tipo de *downstep*, entretanto menos atestado nos meus dados, é aquele se realiza juntamente com um alongamento compensatório, perceptível principalmente nas formas do passado, cujo morfema de tom alto /*á*/:

(386) ŋgáándálélè > ŋgáꜜ:ndálélè *eu quis (há muito tempo)*

Em (386), a marca /*á*/ do passado remoto tem pronúncia alongada juntamente com tom alto rebaixado [*á*ꜜ*:*] por estar diante da vogal de tom alto que inicia o radical -*ándálélè*.

Em conclusão, as ocorrências de rebaixamento tonal nos dados do quimbundo nos permitem afirmar que ele surge do encontro de dois tons altos contíguos, resultado de derivação, como, por exemplo, de apagamento de segmentos de tom baixo que leva uma sílaba vizinha de tom alto se aproximar de outra de tom alto, ou ainda como resultado do

sândi tonal. No primeiro caso, o *downstep* pode surgir na estrutura interna da palavra; no segundo caso, na relação sintática estabelecida entre os elementos da sentença.

3.1.1.3 Entoação de Pergunta

A questão da entoação de pergunta em quimbundo está mais ligada aos estudos sintáticos que à fonologia, embora ela estabeleça uma relação muito próxima com elementos do nível supra-segmental, como o tom. Como trabalhos sobre a sintaxe do quimbundo deverão seguir a este e ao estudo da morfologia da língua, apresento o que pude verificar em alguns dados referentes à entoação de pergunta, que se observa no seguinte exemplo:

(387) ò mùhétú wálá **wónéné**
ò mù-hétù ù- ál -à ù-á-únénè
DET 1-mulher *1-PRS*-ser-*IPF 1-GEN*-grandeza
a mulher é grande?

(388) éè ò mùhétú wálá **wónénè**
sim, a mulher é grande

A partir desses exemplos, percebe-se que a entoação de pergunta em quimbundo se faz pelo uso de tom alto na última sílaba do enunciado, como se observa da comparação da frase interrogativa em (387) com a frase declarativa em (388).

3.2 Estrutura Silábica

Toda sílaba em quimbundo compreende uma vogal, acompanhada ou não de uma consoante à sua esquerda ou de um *glide* à direita ou esquerda. A sílaba em quimbundo é sempre aberta, nunca termina em consoante:

(389)	à.kó.ŋgo	(390)	dì.hó.nʒò	(391)	nʒí.lá
	à-kóŋò		li-hónʒò		Ø-nʒílá
	2-caçador		*5*-banana		*9*-pássaro
	caçadores		*banana*		*pássaro*
(392)	mù.ká.ndà	(393)	kú.sú.mbà	(394)	mbá.mbí
	mù-kándà		kú-súmb-à		Ø-mbámbí
	3-carta		*15*-comprar-*VF*		*9*-frio
	carta		*comprar*		*frio*

A sílaba canônica em quimbundo apresenta a seqüência CV (consoante/vogal). De fato, todas as palavras da língua podem ser divididas exaustivamente em uma seqüência de sílabas, em que suas unidades contêm uma proeminência ‘V’ (vogal, ditongo ou uma consoante silábica) seguida ou não por uma margem menos proeminente ‘C’ (consoante).

Em quimbundo, os prefixos de classe têm tipicamente a forma CV-, raízes -CVC-, elementos derivacionais (extensões e sufixos) -VC- e um sufixo obrigatório terminando em -V. Ora, uma sílaba bem-formada em quimbundo é o resultado da posição da estrutura silábica dentro de uma palavra ou constituinte maior, como um sintagma nominal, permitindo, assim, que qualquer palavra da língua seja composta por uma seqüência de sílabas abertas.

Nesse caso, qualquer palavra em quimbundo com o formato CV+CVC+VC+V, por exemplo, *ŋgásúmbísà*, ‘vendi’, possui na verdade quatro sílabas: *ŋgá.sú.mbí.sà*, ou seja, CV.CV.CV.CV.

3.2.1 Estrutura Silábica da Raiz Nominal

A raiz nominal do quimbundo tem as seguintes possibilidades silábicas:[54]

---

[54] Os nomes podem expandir a possibilidade silábica a partir da composição, por exemplo, -CVCVCVCV (*dì-kólómbólò*, ‘galo’); -CVCVCVCVCV (*kà-fúkámbólólò*), ‘cambalhota’; -CVCVCVCVCVCV (*kà-pòpólómákóndò*, ‘*louva-à-deus’*).

(395)	-CV	dí-ʒù	*dente*
(396)	-CVCV	mù-hátù	*mulher*
		Ø-nʒílá	*pássaro*
(397)	-VCV	mù-èŋgè	*cana*

3.2.2 Estrutura Silábica da Raiz Verbal

A raiz verbal do quimbundo tem as seguintes possibilidades silábicas:

(398)	C	kú-t-à	'pôr'
(399)	CV	kú-dj-à	'comer'
(400)	CVC	kú-bánz-à	'pensar'
(401)	VC	kw-énd-à	'caminhar'

3.3 Ritmo

O objetivo desta seção é fornecer alguns argumentos de ordem fonológica pelos quais classifico o quimbundo como uma língua de ritmo silábico.

3.3.1 Ritmo Silábico

Tradicionalmente, desde os estudos influentes de Pike (1943) e Abercrombie (1967), os lingüistas distinguem as línguas acentuais *(stress-timed)*, que englobam principalmente as línguas germânicas, eslavas, e o árabe, das línguas silábicas *(syllable-timed)*, que compreendem, por exemplo, as línguas latinas, o ioruba e o telego. Um terceiro grupo de línguas, as moraicas (*mora-timed)*, que compreendem o japonês ou o tamil, foi proposto por Ladefoged em 1975. Supunha-se que todas as línguas do mundo possuiriam uma organização rítmica bem determinada, pertencendo a uma dessas três classes. A intuição por trás dessa classificação era que a produção da fala repousasse sobre a repetição de unidades semelhantes, como o pé, a sílaba ou a mora, em que cada língua utilizaria apenas um tipo de unidade, daí a existência de três classes distintas. Supunha-se, aliás, que

tais unidades se repetissem em intervalos regulares de tempo: os acentos tônicos seriam espaçados de modo regular nas línguas acentuais, da mesma forma que seriam as sílabas nas línguas silábicas e as moras nas línguas moraicas.

No caso do quimbundo, há algumas evidências que permitem classificá-lo como uma língua que apresenta uma maior tendência para o ritmo silábico: a utilização categórica de sílabas CV (consoante-vogal) e a forte restrição à mudança do timbre vocálico, mesmo em contextos de sílaba de tom baixo. Com efeito, o quimbundo é uma língua que não autoriza a derivação de vogais reduzidas a partir de vogais plenas, estando estas antes ou depois de sílabas com tom alto:

		POSIÇÃO	
	VOGAL	*pré-tom alto*	*pós-tom alto*
(402)	/a/	[a]	[a]
		[à]káʒì	mùkánd[à]
		esposa	*carta*
(403)	/e/	[e]	[e]
		b[è]tékà	fúnʒ[è]
		inclinar	*funje*
(404)	/i/	[i]	[i]
		d[ì]hónʒò	mùlámb[ì]
		banana	*cozinheiro*
(405)	/o/	[o]	[o]
		[ò]ŋékà	mùkóŋg[ò]
		colher	*lobo*
(406)	/u/	[u]	[u]
		k[ù]ʒíŋà;	mút[ù]
		torcer	*pessoa*

Estes dados revelam que o quimbundo impõe uma forte restrição quanto a ocorrência de apofonia (ou redução vocálica). Com efeito, essa restrição prosódica favorece a tendência ao ritmo silábico da língua que proponho nesta tese. De fato, a apofonia, que consiste na modificação do timbre da vogal, ocorre com mais freqüência em línguas acentuais, em contexto pré-tônico ou pós-tônico (ou seja, em sílabas "átonas"). Ora, como o quimbundo é uma língua tonal (onde cada sílaba é emitida com um tom – alto ou baixo), as suas 5 vogais apresentam estabilidade e, por isso, não derivam no nível fonético, vogais reduzidas, mesmo em se tratando de vogais de sílabas de tom baixo.

Se por um lado o quimbundo não permite a redução do timbre vocálico, por outro lado, nota-se que, em fala rápida, a língua permite a elisão de vogais que se encontram em sílabas de tom baixo, se estas estão diante de sílabas de tom alto:

(407) t( )óndósònék( )ím( )ójò
tù- óndó- sònék **-à** í-m**à** óìò
1PL-ITC-escrever-*IPF 8*-coisa *DET*
escreveremos essas coisas

Como cada palavra pode conter mais de um tom alto, sucedendo ou antecedendo tons baixos, a supressão vocálica não está ligada à necessidade de emissão de um maior número de sílabas entre dois tons altos não contíguos como fazem, em termos de acento, as línguas de ritmo acentual, que, em geral, preferem a redução à supressão das vogais. A fim de manter o equilíbrio de seu sistema, o quimbundo realiza a elisão vocálica levando, ao nível fonético, à modificação dos sons das palavras em contato dentro de um enunciado (o que conhecemos também pelo nome de *sândi externo*).

Após a supressão vocálica, digamos de V_2 da seqüência $CV_1CV_2\#V_3$, em que V_3 é uma sílaba de tom alto, teríamos uma seqüência proibida em quimbundo: *CVC. Nesse caso, como estratégia de reparo, o sistema fonológico realiza uma ressilabificação, unindo a consoante final da palavra onde a vogal foi apagada com a vogal inicial da palavra seguinte. Veja que a língua, não insere uma nova vogal nem uma nova consoante: ela religa dois segmentos contíguos, mantendo sem alterar o timbre original das vogais que compõe a nova sílaba:

(408) CVCV + VCV > CVC+VCV > CV.CV.CV
mónà + ámi > món + ámi > mó. ná. mi *meu filho*

Além de evitar formas marcadas, a ressilabificação em quimbundo, causada por fatores tonais e morfológicos, tem a função de preservar a fidelidade do ritmo silábico da estrutura prosódica da língua.

Como podemos notar, há um jogo permanente entre o nível supra-segmental e o nível segmental em quimbundo. A influência do tom alto sobre o tom baixo (inerte em quimbundo e que, por isso, sofre a ação do tom alto) pode muitas vezes levar à eliminação do segmento e do tom baixo, implicando a ressilabificação, que não altera o ritmo básico da língua, que é silábico, mas, ao contrário, preserva-o.

3.4 A Questão Acentual

A análise do fenômeno de sândi tonal (cf. 3.1.1.1) revela que o tom alto em quimbundo é ativo, apresentando uma mobilidade que lhe permite espraiar-se de modo regressivo para as sílabas vizinhas, influenciando a integridade do tom baixo lexical – este aparentemente inerte na língua – dentro de outra palavra com o qual faz fronteira. O tom baixo é apagado, sem que haja uma modulação do tipo B-A (começo baixo, término alto), deixando a vogal livre para alojar somente o tom alto.

Em termos perceptuais, o resultado da assimilação tonal tem o efeito de elevar a altura do tom da última sílaba de formas verbais e nominais em quimbundo. Trata-se, antes de tudo, de uma proeminência derivada, e não lexical, e, em termos perceptuais, pode ser inadvertidamente interpretada como um acento com função distintiva.[55]

Com efeito, a sugestão de que o quimbundo utilize também um acento com função distintiva aparece em Pedro (1993), apresentando três pares mínimos, renumerados nesta tese:

[55] Utilizo o termo 'acento' neste trabalho como uma tradução do termo 'stress'. Não se trata, portanto, de um termo que compreende os traços melódicos das línguas, como o tom, mas que se opõe a este último por estabelecer uma relação de contraste no nível sintagmático, e não de oposição no nível paradigmático.

(409) kú.ˈdjà *comer* ˈkú.djà *comida*

(410) kú.ˈnwà *beber* ˈkú.nwà *bebida*

(411) kú.ˈfwà *morrer* ˈkú.fwà *morte*

Em cada par de (409), (410) e (411), a melodia tonal das palavras é a mesma, isto é, A-B (alto-baixo). A primeira sílaba possui um tom alto, e a segunda sílaba, um tom baixo. A diferença de significado dos pares mínimos se observa pela ocorrência presumível de um acento (marcado com o símbolo sobrescrito) em nomes da classe 15. Marcado na primeira sílaba, o autor caracteriza nominais derivados dos infinitivos, cuja marcação acentual é feita na segunda sílaba.[56]

Essa interpretação sobre o sistema prosódico do quimbundo, ou seja, de que se trata de uma língua que utiliza tons e acento com função distintiva, reafirmam indiretamente o problema que os fonólogos e africanistas já enfrentam há algum tempo: a definição precisa dos supra-segmentos das línguas bantas, que, segundo atestam as referências clássicas, como Guthrie (1948), são, em sua grande maioria, sistemas tonais.

A principal dificuldade para se estabelecer uma definição precisa desse aspecto da fonologia das línguas do grupo banto está na análise e interpretação de seus supra-segmentos, cuja organização é diretamente afetada por sua complexa estrutura morfossintática.

Composta por palavras relativamente longas em comparação com as existentes em línguas tonais asiáticas, onde os tons são fixos, permitindo pouco ou nenhum movimento, o tom de línguas bantas tende a se desestabilizar e, assim, "deslizar" sobre os enunciados mais longos. De fato, no grupo banto há línguas cujo sistema prosódico era originalmente tonal e passou ao longo de sua história a utilizar tão somente um acento com função distintiva, como é o caso do quissuaíli e do comoriano, atualmente as duas exceções no

[56] Essa marcação não deixa de causar estranheza, pois é sabido que em línguas que utilizam tom e acento com função distintiva, as sílabas desprovidas de tons não são acentuadas (Yip, 1995).

grupo banto, como nos lembram Philippson (1998:439), Creissels (1994:157), dentre outros autores.

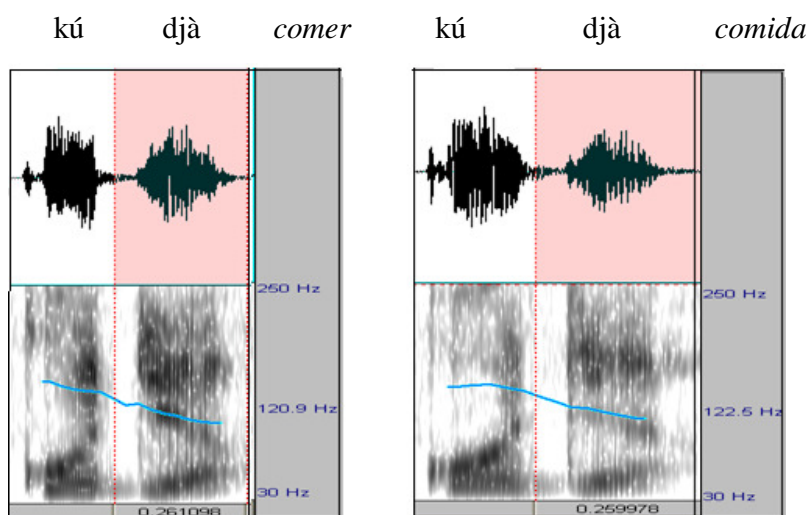
Contudo, em vista dos dados de que disponho atualmente, não penso que o acento tenha uma função distintiva em quimbundo, por se tratar, antes de tudo, de uma ocorrência secundária, isto é, ocasionada por questões de movimento do tom alto dentro de combinações de palavras.

Com efeito, não existem pares mínimos fundados em um contraste acentual entre sílabas tônicas e sílabas átonas atestados em quimbundo. Em todos os casos onde se puseram em relevo um contraste acentual, é sempre possível demonstrar, a partir da comparação de outras formas em contextos de movimento e ausência de movimento tonal, de que se trata de uma proeminência derivada do contato estabelecido entre a sílaba final de uma palavra em fronteira com outra de tom alto.

Finalmente, dado que essa proeminência só se observa no contexto de um espraiamento tonal, os informantes não estabelecem diferenças paradigmáticas, como as que se observam em línguas acentuais como o português.

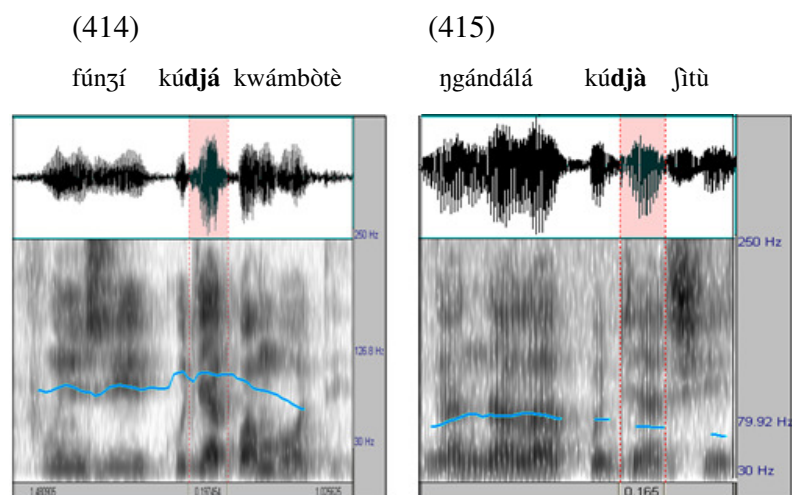
Do ponto de vista experimental, os dados referentes aos nomes da classe 15 em quimbundo foram submetidos a medições acústicas de modo a isolar traços que, eventualmente, fossem responsáveis por uma interpretação acentual dessas palavras. O experimento foi realizado junto aos cinco informantes da língua.

Os exemplos a seguir ilustram a medição da duração[57] da sílaba *djà* da palavra *kúdjà*, esta traduzida ‘comer’ e ‘comida’ em quimbundo:

[57] Nesta seção, assumo a duração como o principal parâmetro acústico do acento (Massini-Cagliari, 1992). O *software* utilizado nas medições foi o *Praat*. A escolha da duração como parâmetro se relaciona ainda com o contato do quimbundo com a língua portuguesa, em que a duração tem papel importante na caracterização do acento. Com efeito, no quissuaíli, na qualidade de língua veicular na costa oriental africana, experimentou intenso contato com línguas acentuais como o árabe, onde o acento é fixo e está relacionado com a duração.

Exemplos (412) e (413) e seus respectivos espectrogramas da produção isolada da palavra *kúdjà* em quimbundo. As linhas nos dois sonogramas dos formantes mostram o início do tom alto da sílaba *kú* perfazendo uma curva descendente em direção à produção da sílaba *djà*, de tom baixo.

Conforme indicam os dois espectrogramas, esta sílaba apresenta, nas duas produções, praticamente a mesma duração nos exemplos (412) e (413), respectivamente: 261ms e 259ms. Com efeito, considerando-se os dados elicitados junto aos informantes, se a duração aí fosse um traço acústico que fizesse parte do sistema do quimbundo de modo a refletir a função distintiva do acento, assinalando significados distintos em palavras da classe 15, teríamos uma diferença notável entre as duas medições.[58]

Por outro lado, comparando-se a duração da sílaba *djà* na palavra *kúdjà*, ‘comer’, ‘comida’, dentro de frases em que se observa o sândi tonal com a duração da mesma sílaba onde ele não ocorre, por exemplo, *fúnʒé kúdjá kwámbòtè*, ‘funje é uma comida gostosa’, e *ŋgándálá kúdjà ʃìtù*, ‘quero comer carne’, nota-se uma elevação da altura (representada pelas curvas dos gráficos) na segunda sílaba da palavra *kúdjá* do exemplo (414):

[58] Nos mesmos termos, a diferença de duração da sílaba kú também não se mostrou relevante: 152ms e 169ms, respectivamente, para as duas referidas produções de *kúdjà* em quimbundo.

Exemplos (414) e (415) e seus respectivos espectrogramas da produção de [*kúdjá*] e [*kúdjà*] em enquadramentos sintáticos. Note-se que no primeiro exemplo, a área destacada (hachurada) no gráfico mostra uma elevação da curva da altura da vogal da sílaba *djá*, onde ocorre o sândi tonal.

Justamente onde ocorre o sândi tonal, ocorre concomitantemente o aumento da duração da sílaba onde está a vogal que recebeu o tom alto (197ms em *kúdjá*, 'comida', contra 165ms em *kúdjà*, 'comer').

O aumento da duração da sílaba em quimbundo se restringe ao contexto de fronteira de palavra, por meio da propagação do tom alto localizado da sílaba imediatamente à direita. Trata-se, antes, de uma elevação da F_0 e da duração ocasionado pelo sândi tonal e pela própria complexidade fonotática de sílabas que apresentam uma duração maior na sua produção – como é o caso da sílaba *djá* – podendo inadvertidamente contribuir, em termos perceptuais, para uma interpretação acentual em quimbundo.

A elevação da altura causada pelo sândi tonal foi observada em todas as ocorrências das palavras da classe 15 em quimbundo, sem que isso afetasse o seu significado. Isoladamente pronunciadas e assobiadas por meus informantes, nenhum traço de duração que apresentasse uma diferença marcante relacionada com um acento distintivo foi identificado na produção dessas palavras.

Desse modo, não resta dúvida de que o fenômeno de assimilação tonal em contexto sintático constitui perceptivelmente umas das fontes possíveis do surgimento ocasional – e

somente ocasional – de um sistema acentual em quimbundo, que conta exclusivamente com o sistema tonal, com dois registros de voz: alto e baixo.[59]

Portanto a atribuição de um acento capaz de contrastar sílabas dentro de uma palavra é um fenômeno fonético e muito restrito em quimbundo, resultado de um espraiamento tonal e que não se confunde com o acento enquanto entidade com estatuto fonológico distintivo em diversas línguas.

[59] Não se descarta, contudo, a possibilidade de que essa situação venha a prover a fonologização do tom alto espraiado e que, por contar com uma maior duração, venha a formar um acento de intensidade com estatuto fonológico em quimbundo, complexificando seu sistema prosódico em tonal e acentual ao mesmo tempo, o que não se verifica no estado atual da língua descrita junto aos meus informantes.

Conclusão

A partir das análises fonológicas apresentadas nesta tese põem-se em relevo os traços comuns no conjunto das variedades dialetais em quimbundo representadas pelos meus cinco informantes. Em definitivo, este estudo confirma se baseia na homogeneidade dos dados que representam essas variedades e, com efeito, um sistema abstrato quimbundo.

Assim no tocante ao nível segmental da língua, 5 vogais e 20 consoantes são atestadas com função fonemática. Processos fonéticos ligados a esses dois tipos de segmentos em geral estabelecem uma estreita relação com a morfologia e com a estrutura prosódica da língua. Assim, a quantidade vocálica é de natureza fonética em quimbundo, isto é, resultando da contigüidade de duas vogais idênticas de tom alto. O fenômeno de harmonia vocálica, obrigatória em quimbundo, ocorre nos limites do radical verbal da língua, na flexão de tempo passado e na aplicação de morfemas derivativos, cujo timbre vocálico se altera em função da vogal presente na raiz do verbo quimbundo. A mudança de timbre caracteriza uma assimilação de traços de altura e, por isso, não devem ser confundidos com casos de apofonia – ou redução vocálica – provocada por questão de acento – inexistente em quimbundo. A mudança do timbre vocálico em quimbundo é de natureza morfofonológica e não prosódica.

Dentre as consoantes, destaca-se a existência de pré-nasalizadas com estatuto fonemático em quimbundo. Dos processos fonéticos consonantais, a harmonia nasal à distância ainda merece maiores discussões principalmente sobre a questão da transparência das vogais e dos fonemas pré-nasalizados quimbundos.

Quanto ao nível supra-segmental, dois tons pontuais caracterizam as cinco amostras das variedades de quimbundo investigadas. Trata-se de um tom alto (A) e um tom baixo (B). Essas unidades distintivas funcionam em combinatória e revelam quatro esquemas tonais possíveis ao nível dos nomes e dos verbos: BB, BA, AA e AB. O esquema tonal BA, contudo, não aparece nos dados, o que faz pensar em uma mudança em processo a respeito do nível prosódico em quimbundo, possivelmente caminhando para uma simplificação dos contrastes tonais em isolação em direção ao esquema AB.

O fenômeno de relação tonal interno e externo à palavra do quimbundo fundado na propagação do traço tonal A subjacente, num movimento que vai sempre da direita para a

esquerda, observando-se, ainda, uma janela fonológica de no máximo uma casa silábica, determina a natureza fonética do sândi tonal em quimbundo.

A estrutura silábica em quimbundo é preferencialmente CV (consoante/vogal). Nos processos de elisão, ocorre por efeito, a ressilabificação das seqüências internas das palavras de modo a preservar a sílaba CV, o que tem um efeito no padrão rítmico do quimbundo, eminentemente silábico.

O quimbundo não possui acento com função distintiva. O estudo realizado sobre a organização de seus supra-segmentos permite afirmar essa língua utiliza variações de altura com valor distintivo exclusivamente numa perspectiva paradigmática. Dois fatos fundamentam essa interpretação:

1) o fato de que meus informantes são capazes de produzir e reconhecer facilmente pares mínimos tonais por meio de duas alturas relativas;

2) ocorrências onde se observam pelo menos duas proeminências realizadas com tom alto dentro de uma mesma palavra.

A mobilidade tonal que observei nos dados permite também afirmar que o domínio do tom em quimbundo é a palavra inteira, contrariamente ao que fazem muitas línguas acentuais e línguas tonais asiáticas que apresentam tons fixos em morfemas.

Com efeito, licenciando-se o movimento do tom alto quimbundo, resulta-se a transformação do padrão tonal AB (alto/baixo), verificado, por exemplo, nos nomes da classe 15, manifestando-se foneticamente como AA (alto/alto) devido ao fenômeno de sândi tonal. Em termos acústicos, a combinação da freqüência fundamental e com a duração sobre a última sílaba que é afetada pela assimilação tonal favorece a percepção de um alongamento silábico, o que pode levar a uma interpretação inadequada da última sílaba como portadora de um acento distintivo em quimbundo.

Referências Bibliográficas

ABERCROMBIE, D. *Elements of general phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

ALEXANDRE, P. *Langues et langages en Afrique noire*. Paris: Payot, 1967.

ALLEN, W. S. *Vox Graeca*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

_______. *Vox Latina*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

AO, B. *Kikongo nasal harmony and context-sensitive underspecification*. LI 22, 193-96, 1991.

ARVANITES, L. *Kimbundu nominals: tone patterns in two contexts*. In: Hyman, L. M. (ed.). Studies in Bantu Tonology. Occasional papers in linguistics 3. 133-140. Los Angeles: University of Southern California, 1976.

ATKINS, G. *The tonal structure of Portuguese loanwords in Kimbundu*. In: Boletim de Filologia 14. 340-342. Lisboa, 1953.

BERGVALL, V.; WHITMAN, J. *Expanding the pro-drop parameter. Paper presented at the North-Eastern Linguistic Society Meeting (NELS 18).* Montreal, 1982.

BICKMORE, L. S. *Tone and stress in Lamba*. Phonology 12. 307-341, 1995.

BLEEK, W. H. I. *A comparative grammar of South African languages. Part 1: Phonology*. London: Gregg, 1971 [1862].

BONVINI, E. *Angola*. In: Lusophone Africa – Sociolinguistics. An international handbook of the science of language and society 2nd ed. von Ulrich Ammon, H.; Dittmar, K.; Mattheier, J. K.; Trudgill P. (eds.). Vol. 3 Offprint. Walter de Gruyter. Berlin, New York, 2006.

________. BONVINI, E. *Classes d'accord dans les langues négro-africaines. Un trait typologique du Niger-Congo. Exemples du kasim et du kimbundu.* In: Faits de langues. Révue de linguistique n.º 8, L'accord. Paris: Ophrys, 1996.

________. *Línguas africanas e português falado no Brasil.* In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. M. T. África no Brasil. A formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

________. *A negação em algumas línguas do grupo banto*. GEL XXXIII, p. 268-273, 2004.

BOUQUIAUX, L.; M.C. THOMAS, J. (ed.). *Enquête et description des langues à tradition orale*. Vols. 1-3. Paris: SELAF, 1976.

BRESNAN, J.; MCHOMBO, S. *Topic, pronoun and agreement in Chichewa*. Language 63, 741-782, 1987.

CAMMENGA, J. *Kuria phonology and morphology*. Ph.D. Dissertation. Free University, Amsterdam, 1994.

CHAGAS de SOUZA, P. *O finlandês e o húngaro e a tipologia da harmonia e da desarmonia vocálica. Revista Letras (Curitiba), Curitiba*, v. 21, p. 77-96, 2004.

CHATELAIN, H. *Kimbundu grammar*. *Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola*. Genève: Typ de Charles Schuchardt, 1888/1889.

CHILDS, G. T. *An introduction to African languages*. John Benjamins Pub. Co., Amsterdam, 2003.

CHOMSKY, N & HALLE, M. *The sound patterns of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. *Phonology*. In: HEINE, B.; NURSE, D. African Languages. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 2000.

________. *A unified set of features for consonants and vowels*. Cornell University, 1989a (ms.).

________. *On the representation of vowel height*. Cornell University, 1989b (ms.).

________. *The geometry of phonological features*. In: Phonology Yearbook n.2. London, p. 225-252, 1985.

CLEMENTS, G.; HUME, E. *The internal organization of speech sounds.* In: GOLDSMITH, J. (ed.). Handbook of phonological theory. Oxford: Blackwell, 1995.

CREISSELS, D. *Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines.* Paris: Ellug, 1994.

CREISSELS, D. *High tone domains in Setswana*. In: Hyman, L. M.; Kisseberth, C. W. *Theoretical aspects of Bantu tone*. CSLI Publications, Stanford, California, 1998.

DIAS, P. *Arte da lingua de Angola*. Lisboa, Officina de Miguel Deslandes, 1697. Edição fac-similar. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2006.

DOKE, C. M. *Early Bantu literature – the age of Brusciotto*. In: African Studies, vol. 18, issue 2 p. 49-67. London: Routledge Taylor & Francis Group, 1959.

FOX, A. *Prosodic features and prosodic structure. The phonology of suprasegmentals*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

GHEEL, J. de. *Le plus ancient dictionnaire bantu: het oudste Bantu-woordenboek*. Tradução para o francês e o holandês: J. van Wing e C. Penders. Leuven, 1928 [1652].

GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Doctoral Dissertation, MIT. Distributed by Indiana University Linguistics Club, Bloomington, 1976.

________. *Tone and accent in Tonga.* In: Clements G. N; Goldsmith, J. A. (eds.), p. 19-51, 1984.

GREENBERG, J. H. *The languages of Africa*, 2.ª ed. Bloomington: Indiana University/ Mouton, 1996.

GREGOIRE, C. *L'expression du lieu dans les langues africaines*. In: Les langues d'Afrique Subsaharienne. Faits de langues – Revue de linguistique n. 11-12. Ophrys, 1998.

GUTHRIE, M. *The classification of the Bantu languages.* London: Dawson of Pall Mall, 1948.

________. *Comparative Bantu*. G. B.: Gregg Press Ltd., 1967.

HALLE, M; VERGNAUD, J-R. *An essay on stress*. Cambridge, MIT Press, 1987.

HYMAN, L. M. *Positional prominence and the 'prosodic trough' in Yaka*. In: Phonology 15. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

________. *Nasal consonant harmony at a distance: the case of Yaka*. Studies in African Linguistics 24, 5-30, 1995.

HYMAN, L. M.; KATAMBA, F. X. *A new approach to tone in Luganda*. In: Language 69.1: 34-67.

HARAGUSHI, S. *The tone pattern of Japanese: an autosegmental theory of Tonology*. Tokyo: Kaitakusha, 1977.

I.N.L. *Esboço fonológico – Alfabeto: 'kikoongo', 'kimbundu', 'cokwe', 'umbundu', 'mbunda', 'oxikwanyama'*. Luanda, 1985.

INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION. *Handbook of the International Phonetic Association: A Guide to the Use of the International Phonetic Alphabet.* Cambridge University Press, 1999.

JAKOBSON, R.; FANT G. & HALLE, M. *Preliminaries to speech analysis*. Cambridge: MIT Press, 1952.

________. JAKOBSON, R. *Remarques sur l'évolution phonologique du russe compare à celle des autres languages slaves*. In: ______. *Selected Writings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1962. v.1, p.7-116.

KISSEBERTH, C. *On the functional unity of phonological rules*. Linguistic Inquiry, Cambridge, v.1, p. 291-306, 1970.

LADEFOGED, P. *Phonetic data analysis. An introduction to fieldwork and instrumental techniques*. Oxford: Blackwell, 2004.

LEA, W. *Segmental and suprasegmentals influences on fundamental frequency contours*. In: HYMAN, L. M. (ed.), p. 15-70, 1973.

LEBEN, W. *Suprasegmental Phonology*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1973.

LEWIS, M. P. (ed.), 2009. *Ethnologue: languages of the world.* 16. Dallas (Texas): SIL International. Versão online: http:www.ethnologue.com.

MAPA ETNOLINGÜÍSTICO DE ANGOLA. Luanda, s/d.

MARTINET, A. *A prosódia.* In: Elementos de lingüística geral. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1978.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo.* São Paulo: Contexto, 1992.

MATSINHE, S.; FERNANDO, Mb. *A preliminary exploration of verbal affix ordering in Kikongo, a Bantu language of Angola*. Language Matters, 39:2, 332-359, 2008.

McCAWLEY, J. D. *Some Tonga tone rules*. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (eds.), p. 140-152, 1973.

MCHOMBO, S. *The nonexistence of verb-object agreement in Bantu*. Unpublished manuscript. Department of Chichewa and Linguistics, University of Malawi and Department of Linguistics and Philosophy, MIT, 1984.

________. *A formal analysis of the stative construction in Bantu*. JALL 14: 5-28, 1993.

MEEUSSEN, A. E. *Bantu lexical reconstructions*. In: Archives d'anthropologie 27. Tervuren. Musée Royal de l'Afrique Centrale, 1980 [1967].

________. *L'informateur en linguistique africaine*. In: Aequatoria, 25 (3), pp. 92-94. 1962.

MEINHOF, C. *An introduction to the study of African languages*. London: Dent. 1915.

MESSIANT, C. *Transition à la démocratie ou marche à la guerre? L'épanouissement des deux 'Partis armés' (mai 1991 – septembre 1992)*. In: Lusotopie, 181-212. Paris, 1995.

________. *Angola, les voies de l'ethnisation et de la decomposition. I: de la guerre a la paix (1975-1991) : le conflit armé, les interventions internationales et le peuple angolais.* In: Lusotopie, n.º 1-2, p. 155-210. Paris, 1994.

MILLER, J. *Kings and Kinsmen: Early Mbundu states in Angola*. Oxford University Press. Oxford, 1976.

MTENJE, A. D. *Tone shift, accent and domains in Bantu: the case of Chichewa*. *In:* Katamba, F. (ed.) Bantu phonology and morphology. München – Newcastle: LINCOM Studies in African Linguistics 06, 1995.

NGUNGA, A. *Introdução à lingüística bantu*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

ODDEN, D. *Tone: African languages.* In: The handbook of phonological theory. ed. by John A. Goldsmith. Blackwell publishers. London, 1995.

PACHECO, F.; ROQUE, S. *Les déplacés en Angola, la question du retour*. In: Lusotopie, 213-220. Paris, 1995.

PEDRO, J. D. *Étude grammaticale du kimbundu (Angola).* Thèse de Nouveau Régime pour l'obtention du Doctorat en Linguistique. Paris: Universidade René Descartes, 1993.

________. *Systématique phonologique et grammaticale du kimbundu (Angola)*. Thèse présentée pour l'obtention du titre d'elève diplômé. Paris: École Pratique des Hautes Études, 1987.

PHILIPPSON, G. *Evolution des systèmes prosodiques dans les langues bantu: de la typologie à la diachronie*. In : Faits de langues – Revue de linguistique 11-12. Les langues d'Afrique subsaharienne. Ophrys, 1998.

PIKE, K.L. *Phonetics. A critical analysis of phonetic theory and a technic for the practical description of sounds*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1943.

PINTO, A. C. *Da famosa arte da imprimissão*. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1948.

QUINT, N. *Phonologie de la langue koalib – Dialecte réré (Soudan)*. Paris: L'Harmatan, 2006.

REDINHA, J. *Distribuição étnica de Angola*. 9ª ed. Luanda: Fundo do Turismo e Publicidade, 1975a.

________. *Distribuição étnica da província de Angola*. Centro de Informação e Turismo de Angola, 1970.

RIALLAND, A. *Systèmes prosodiques africains.* In : Faits de langues – Revue de linguistique 11-12. Les langues d'Afrique subsaharienne. Ophrys, 1998.

ŞEN, H. *L'économie dans la langue turque contemporaine de Turquie et ses consequences sur l'harmonie vocalique* [mémoire de DEA], Paris: Université de Paris III – La Sorbonne Nouvelle, 133p, 1983.

SPRIGG, R. K. *Vowel harmony in noun-and-particle words in the Tibetan of Baltistan*. In: Acta Orientalia, Budapest, tomo XXXIV, Fasc. 1-3, pp. 235-243, 1980.

SWEET, H. *A handbook of phonetics.* Maryland: McGrath Publishing Co., 1970.

TRUBETZKOY, N. *Principles of phonology.* University of California Press. Berkeley (trad. 1969), 1939.

UNHCR *Background paper on refugees and asylum seekers from Angola*. Geneva, 36. 1999.

________. *UNHCR position on return of rejected asylum seekers to Angola*. Geneva, January, 2004.

VAN DAM, Frans. *Notities over het Kimbundu*. Koninklijk Museum voor Midden-Afrika, B 1980 Tervuren (België). Leiden, 1977.

VATOMENE, K. *Ésquisse grammaticale du kimbundu.* Mémoire. Faculté de Philosophie et Lettres. Université Nationale de Zaïre, Campus de Lubumbashi, 1974.

WALD, B. *Relativisation in Umbundu*. Studies in African linguistics 1(2), 131-256, 1970.

WÄNGLER, H-H. *Zur Tonologie des Hausa*. Berlin: Akademie, 1963.

WHITELEY, W. H. *The tense system of Gusii*. Kampala: East African Institute of Social Research, 1960.

WILLIAMSON, K; BLENCH, R. *Niger Congo*. In: HEINE, B.; NURSE, D. African Languages. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 2000.

YIP, M. *Tone in East Asian languages*. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.), p. 477-494, 1995.

Apêndice

1. Breve Apresentação da Morfologia Nominal e Verbal do Quimbundo

O sistema morfológico do quimbundo permite que seus elementos mínimos significativos, ligados um a um a partir de uma base lexical, guardem sua integridade mórfica no nível fonético, como atesta o seguinte exemplo, extraído de Pedro (1993:240):

kì.ŋgá.mù.sá.ŋgé.lé.kù
kì- ŋì- á- mù- sáŋ -él è- kù
NEG-1SG-REC-MO-encontrar-*APL-PF-LOC*
eu não o encontrei lá

O núcleo dessa estrutura caracteriza um sintagma verbal, que se constrói em torno de uma raiz -*sáŋ*-, 'encontrar' ao qual se afixam unidades mórficas significativas – prefixos e sufixos: *kì*- (negação); *ŋì*- (prefixo pronominal de concordância do sujeito); *á*- (marca de passado recente); *mù*- (marca de objeto); -*él* (morfema derivativo de aplicativo); -*è* (vogal final, que marca o perfectivo); -*kù* (locativo da classe 17).

1.1 Morfologia Nominal

1.1.1 Raiz e Radical

O nome quimbundo se constitui de uma raiz e de afixos nominais. Uma raiz é denominada nominal em quimbundo quando a ela se integra imediatamente à sua esquerda um dos 18 prefixos nominais disponíveis na língua. Esses prefixos se organizam num sistema de classes, agrupadas em 9 pares que exprimem a oposição singular/plural. Cada oposição forma um gênero (indicado em números romanos). Tradicionalmente, as classes recebem uma enumeração: os números ímpares indicam o singular; os números pares, o plural:

Gêneros	**Classes**	**Prefixos**	**Exemplos de Raízes Nominais**[60]	
I	1 - 2	mù - à	-hátù	mulher
II	3 - 4	mù - mì	-kútù	corpo
III	5 - 6	lì - mà	-ʒínà	*nome*
IV	7 - 8	kì - ì	-dídì	lugar
V	9 - 10	Ø/í - ʒì	-ínzò	casa
VI	11 - 6	lù - mà	-kùákù	mão
VII	12 - 13	kà - tù[61]		
VIII	14 - 6	ù - mà	-sè	desejo
IX	15 - 6	kú - mà	-nùà	beber
	16	bù[62]		
	17	kù		
	18	mù		

Um nome em quimbundo também pode se derivar de uma raiz verbal, desde que imediatamente à sua esquerda se integre um dos prefixos nominais e imediatamente à sua direita uma das cinco vogais da língua:

[60] No tocante à seqüência fonética de consoantes (C) e vogais (V), as raízes nominais apresentam 11 possibilidades distintas: -CV (mú-*tù*, 'pessoa'), -CVCV (-*mvúlá*, 'chuva'), -CVCVCV (Ø-*ŋgúlúŋgù*, 'antílope *sp*.'), -CVCVCCV (Ø-*tetémbwà*, 'estrela'), -VCV (kì-*ámà*, 'animal'), -VCVCV (mù-*óndónà*, 'sorte'), -CCV (dí-zwì, 'língua'), -CCVCV (dì-*kwíɲì*, dez), -CCVCCV (kì-*mbjámbjà*, 'borboleta'), -CCVCVCV (Ø-*mbwététè*, 'instrumento musical – tipo de lamelofone à base de bambu'; 'quissange') e -CVCCV (dì-ɲ*iáŋgwà*, 'abóbora').

[61] Esta classe engloba todos os diminutivos. Em teoria, qualquer nome quimbundo pode receber seus prefixos.

[62] As classes nominais locativa de 16 a 18 são unitárias. Como qualquer nome em posição de sujeito em quimbundo, elas também desencadeiam o mecanismo de concordância morfossintático da língua: ***mù****bátà* ***mw****álá dìkámbá djámì*, 'em casa está meu amigo'.

-lóŋ-	*ensinar*	>	mù-lóŋ-ì	*professor*
-bít-	*passar*	>	lì-bít-ù	*porta*
-táŋ-	*ler*	>	mù-táŋ-è	*leitor*
-kól-	*endurecer*	>	mù-kól-ò	*corda*
-báb-	*acariciar*	>	lì-báb-à	*asa*

O valor semântico expresso pelas terminações nominais é impreciso, no sentido que todas elas podem se encontrar em nomes que designam agente, evento, abstração, matéria, estado. Ao mesmo tempo, ao lado da problemática imposta pela natureza semântica das vogais, impõe-se também a questão da identidade do lexema em quimbundo, uma vez que ele pode se associar a morfemas que o inserem na categoria "Nome" e a morfemas que o inserem na categoria "Verbo".

1.1.2 Concordância Morfossintática

Por meio da escolha de um nome desencadeia a concordância entre os diferentes elementos no interior da sentença em quimbundo. No nível do sintagma, tanto nominal quanto verbal, cada classe disponibiliza um prefixo pronominal correspondente.

O mecanismo de concordância morfossintático desencadeado pelos nomes em quimbundo é exemplificado a seguir:

dìálá **dì**ámí **dí**áʃíkì nì **dì**ákínì	**má**lá **má**mbánzá **má**ʃíkì nì **má**kínì
lì- álà **lì**-á-mì **lì**-áʃíkì nì **lì**-ákínì	**mà**-álá **mà**-á-mbánzá **má**-ʃíkì nì **mà**-ákínì
5-homem 5-de-mim 5-cantou e 5-dançou	6-homem 5-da-cidade 6-cantou e 6-dançou
meu marido cantou e dançou	*os homens da cidade cantaram e dançaram*

Como ilustram esses exemplos, o prefixo de classe nominal ***lì***-, da classe 5, realizado *dì*- no nível fonético, e o prefixo ***mà***-, da classe 6, acompanham os lexemas na sentença inteira, revelando que o mecanismo de concordância morfossintático em quimbundo se estrutura em torno dos nomes e dos seus prefixos.

1.2 Morfologia Verbal

1.2.1 Raiz e Radical

Inicialmente, é preciso ter em mente que o verbo quimbundo é um complexo de marcas, obrigatórias ou facultativas conforme veremos, situadas à esquerda e à direita de uma raiz (também conhecida como base). Com efeito, a raiz do verbo quimbundo é o elemento lexical irredutível do qual se estende o radical. O radical é a porção estendida da raiz e removida de todos os prefixos. Portanto, é suficiente dizer que o radical é a união da raiz com os sufixos não obrigatórios e a vogal final.

Para exemplificar, tomemos uma amostra de frase do *corpus* de modo a ilustrar a presença e a ordem em que aparecem os sufixos e prefixos em quimbundo: *kìŋgájsúmbísámì*, 'eu não o vendi'. Na estrutura profunda, obtemos a segmentação morfológica *kì-ŋì-á-ì-súmb-és-à-ámì*, que consiste da seqüência dos prefixos *kì-* (marca de negação), *ŋì-* (marca de concordância sujeito), *á-* (marca de passado recente), e *ì-* (marca de objeto, classe 9);[63] do radical *-súmbésà-*, 'fazer comprar'; do clítico de negação referente à 1ª pessoa do singular, *-ámì*.[64] O radical, por sua vez, constitui-se da raiz *-súmb-*, 'comprar', do derivativo reversivo *-és* e da vogal final *-à* (marca de aspecto acabado). É a

[63] Como se observa, a marca pronominal de objeto se coloca entre a marca de tempo e a raiz do verbo. Cada nome tem sua marca de objeto correspondente. Por exemplo, aos nomes da classe 9, como *nʒílá*, 'pássaro', corresponde a marca ***ì-***, 'lhe', 'o', 'a'; aos nomes da classe 6, como *málà*, 'homens', corresponde a marca de concordância ***mà-***, 'lhes', 'os', 'as'. Da mesma maneira, o pronome sujeito possui seu correspondente objetal. Por exemplo, ao pronome elocutivo *émè*, 'eu', corresponde a forma ***ŋì-***, 'me'; ao pronome alocutivo ao *éìè*, 'você', corresponde a forma ***kù-***, 'te'.

[64] O clítico não faz parte do radical verbal e seu uso é facultativo quando se utiliza o prefixo de negação *kì-* (ou *kù*, nas formas do imperativo). Contudo, ambos podem aparecer numa frase em que se enfatiza a negação. De fato, os informantes da área oriental do quimbundo (Quanza Norte e Malange) utilizaram com mais freqüência a forma negativa sem o clítico, ao passo que os informantes da área ocidental (Bengo e Luanda) utilizaram com mais freqüência a forma enclítica da negação.

vogal da raiz que controla a abertura das vogais dos morfemas derivativos e da marca de aspecto em quimbundo.

1.2.2 Morfemas de Tempo e Aspecto

Observe-se, ainda, que o quimbundo é língua com marcas morfológicas visíveis de tempo e aspecto. Ambos aparecem simultaneamente, numa relação de interdependência, afixados à raiz verbal.

As marcas de tempo em quimbundo se localizam entre a marca pronominal de concordância do sujeito e a raiz verbal. Elas são em número de seis na língua: 1) zero (*Ø-*) para o presente, por exemplo, *ŋgì**Ø**túndà*, ‘saio’ (i.é, ‘saio daqui a pouco tempo’); 2) *á-* para o passado recente, por exemplo, *ŋg**á**túndù*, ‘eu saí’ (i.é, ‘saí há pouco tempo’), e para o passado remoto, por exemplo, *ŋg**á**túndílè*, ‘eu saí’ (i.é., ‘saí há muito tempo’); 3) *óʒó-*, para o irreal, que é o tempo das ações e eventos improváveis, embora possíveis mediante certa condição, por exemplo, *ŋg**óʒó**túndà*, ‘eu sairia’ (i.é., ‘eu sairia se pudesse’; 4) *óló-*, do progressivo, que é o tempo das ações e eventos em progresso, mas com finalização iminente, por exemplo, *ŋg**óló**kúdjà*, ‘estou comendo’ (i.é, ‘daqui a pouco tempo acabo de comer’); 5) *énìú-*, do habitual, que é o tempo das ações e eventos relativos a um hábito, a um costume, por exemplo, *ŋg**éɲú**túndà*, ‘costumo sair’ (i.é., ‘tenho o hábito de sair’); 6) *óndó-*, do intencional, marca o tempo das ações e eventos relativos à intenção do falante em realizá-las ou à sua percepção segundo a qual um evento ocorrerá ou tem a intenção de ocorrer, por exemplo, *ŋg**óndó**túndà*, ‘tenho a intenção de sair/estou querendo sair’.

As marcas de aspecto em quimbundo são duas, ambas localizadas à extrema direita do radical verbal: o imperfectivo, marcado pela vogal *-à*, e o perfectivo, marcado por uma das cinco vogais da língua. Somente o tempo passado (recente ou remoto) pode ser caracterizado pelo perfectivo em quimbundo. Todos os outros tempos são caracterizados pelo aspecto imperfectivo.

1.2.3 Morfemas Derivativos

O morfema derivativo é também referido pelo termo *extensão*, segundo a tradição bantuísta. Trata-se de sufixos não obrigatórios e que estendem o valor semântico inicial da raiz do verbo quimbundo. Eles se localizam entre a raiz e a terminação aspectual do verbo.

O derivativo pode alterar a diátese[65] e a valência do verbo, atribuindo aos seus argumentos valores semânticos diversos em quimbundo. Com efeito, esses derivativos estão diretamente relacionados com operações sintáticas, pois eles atuam sobre a valência e a estrutura argumental do verbo em quimbundo. No nível morfológico, cria-se um verbo com um novo significado por meio do acréscimo de um derivativo à raiz verbal. Há quatro derivativos em quimbundo: o aplicativo, o causativo, o estativo e o reversivo.

1.2.3.1 Aplicativo

Também conhecido como *atributivo* ou ainda *relativo*, o derivativo *aplicativo* possui a forma abstrata *-**él***, utilizado para expressar o benefício, prejuízo, causa, instrumento ou modo pelo qual um evento se realiza. Assim, por exemplo, à raiz *-bék-*, 'trazer', pode-se aplicar o derivativo para obter a forma *-bék**él**-*, 'trazer para, com, por'. Numa frase como *ŋgíbékélá mbólò*, 'traga-me pão', a marca de objeto [*ŋgì*] é interpretada como o beneficiário da ação. Essa mesma interpretação ocorre com *áná*, 'filhos', na frase *nzúmbá wálámb**él**á áná kúdjà*, 'Zumba cozinhou comida para os filhos' (lit.: 'Zumba cozinhou filhos comida'). No verbo *-bétà*, 'bater', pode-se aplicar derivativo para indicar que o seu complemento tem valor de instrumento. Por exemplo, *ùdjábét**él**á múʃì* 'bateu (na porta) com um pau'. Contudo, nos dados das cinco variedades pesquisadas da língua, observei que os informantes utilizam preferencialmente a preposição *pàlà*, 'para', introduzindo um sintagma preposicional com valor beneficiário (p.e., *béká mbólò* [*pàlémè*] 'traga pão [para mim]'), e a preposição *nì*, introduzindo um sintagma preposicional com valor de instrumento (p.e., *wábété mbwá* [*nì múʃì*] 'bateu no cachorro [com um pau]'), em

[65] A diátese, ou voz verbal, é a relação estabelecida entre o verbo e seus argumentos. Na voz ativa, a ação parte do sujeito. Na voz média, o sujeito é emissor e receptor da ação expressa pelo verbo. A voz passiva indica que o sujeito recebe a ação expressa pelo verbo.

clara substituição ao uso do derivativo. Menos freqüente nos dados, mas sem dúvida de interesse descritivo para os estudos posteriores da morfologia e da sintaxe em quimbundo, é o fato de que as preposições *pàlà*, ‘para’, e *nì*, ‘com’, e o morfema de aplicativo *-él-* podem ser omitidos das frases sem prejuízo para a compreensão e para a gramática da língua, por exemplo, *nzúmbá wábáné áná kúdjà*, ‘Zumba deu comida aos filhos’, (lit.: ‘Zumba deu filhos comida’).[66]

1.2.3.2 Causativo

Em quimbundo, o morfema derivativo ***-és*** é um *causativo*, usado para a expressão de um agente que faz um paciente realizar uma ação. Isso significa que, pela introdução do causativo, há uma mudança da diátese e, portanto, uma alteração na valência do verbo. Assim, por exemplo, em *ànámí ádjà kàlùlú nì fúnʒè*, ‘meus filhos comeram calulu e funje’, pode-se aplicar o derivativo ao radical *ádjà*, ‘comeram’, para obter a forma *ŋgád**ís**à*, ‘fiz comer’, isto é, ‘alimentei’, que aparece na frase *ŋgád**ís**à ànámí nì kàlùlú nì fúnʒè*, ‘alimentei meus filhos com calulu e funje’. Como se observa, a causa introduzida pelo derivativo em *ŋgádísà* se torna o sujeito lógico ativo da estrutura verbal, ao passo que *ànámì* se torna o objeto lógico passivo em *ŋgádísà ànámì*.

1.2.3.3 Estativo

Há duas formas distintas para o estativo, *-ék* ou *-ám*, conforme a relação semântica estabelecida entre o verbo e o seu argumento. A forma *-ám* é utilizada na expressão de um sujeito interpretado como médio-passivo. Assim, por exemplo, a partir da raiz *-ʃík-*, ‘ajustar’, ‘acomodar’, podemos derivar o radical *-ʃík**ám**à*, ‘sentar-se’, ‘acomodar’-se’, ‘aprumar-se’. Por meio desse dispositivo morfossintático, numa frase como *ŋgáʃík**ám**à*,

[66] A forma aplicativa pode derivar-se de um verbo intransitivo (*kúfùà* ‘morrer’ > *kúfù**íl**à*), exigindo, porém, um complemento: *kúfwílá* [*mútù*] ‘morrer por alguém’. Por outro lado, a forma aplicativa derivada de um verbo *transitivo* (*kúsúmbà* ‘comprar’ > *kúsúmb**íl**à* ‘comprar para’) exige dois complementos: *wá*[***tù***]*súmbílà* [***màjákì***] ‘ele **nos** comprou **ovos**’.

'sentei-me', a marca [*ŋgì*] é interpretada como o sujeito médio-paciente. A forma *-ék-*, por sua vez, é utilizada na expressão de um sujeito paciente em construções impessoais, onde a expressão do argumento agente não é relevante. Por exemplo, da mesma raiz *-ʃík-*, 'ajustar', 'acomodar', podemos derivar o radical *-ʃík****ík****à*, 'ajustar-se'. Numa frase como *ó dìbítú dìáʃík****ík****à*, 'a porta se ajustou', 'a porta arrumou', o verbo está na forma ativa, e o seu argumento é interpretado como paciente. Além disso, o que observei nos dados em quimbundo em construções estativas com o derivativo *-ék* é o deslocamento do argumento interno para o início da sentença. É o que se observa da comparação, por exemplo, da frase *ó dìbítú dìáʃík****ík****à*, 'a porta se ajustou' (lit., 'a porta ajustou'), com *ŋgáʃíkà ò dìbítù*, 'eu ajustei a porta'. Note-se, portanto, que o estativo, sintaticamente, apresenta um comportamento contrário ao aplicativo e ao causativo, reduzindo a valência do verbo na estrutura argumental do predicado a um único argumento. Embora esse argumento venha a cumprir o papel temático de paciente, ele cumpre o papel sintático de sujeito da construção derivada.

1.2.3.4 Reversivo

O morfema derivativo do *reversivo* em quimbundo possui a forma ***-úl*** e indica a inversão de uma ação expressa pelo verbo. Assim, por exemplo, à raiz *-ʒík-*, 'fechar', pode-se aplicar o derivativo *-úl* e obter a forma *-ʒíkúl-*, 'abrir'. Comparando-se a frase *ŋgáʒíkà ò dìbítù*, 'eu fechei a porta', com *ŋgáʒíkúlà ò dìbítù*, 'eu abri a porta', conclui-se que, ao contrário do derivativo aplicativo e do derivativo causativo, reversivo não altera a diátese verbal.

2. Modalidades Textuais

Os fragmentos de textos que são apresentados aqui foram gravados entre 2007 e 2009 junto aos informantes de quimbundo e se inserem nesta tese com fito de ilustração lingüística. Trata-se de relatos, receitas culinárias e provérbios. Cada fragmento é

identificado por um título e, abaixo, entre parênteses, o nome da variedade de quimbundo em que o texto original foi produzido.

A transcrição dos enunciados é fonética na primeira linha, morfofonológica na segunda. Os diferentes termos das unidades que compõem os enunciado aparecem na terceira linha, seguida de uma última, onde há uma tradução de valor aproximativo em português.

2.1 Relatos

mùmbúndù

(*Quanza Norte*)

ò mùmbúndù ùtónà ùdìsúkúlà
ò mù-mbúndù ù- Ø- tón -à ù- Ø- dì- súkúl-à
DET-mù-mbúndù 3SG-PRS-acordar-IPF 3SG-PRS-RFX-lavar-IPF
o mumbundo acorda, toma banho

ùzwátà ùdìwdíkà
ù- Ø- zùát-à ù- Ø- dì- ùdík-à
3SG-PRS-veste-IPF 3SG-PRS-RFX-arruma-IPF
arruma-se

ùtámbúlà ò káfékákèménè
ù- Ø- támbúl-à ò ká-fé kà- á- kéménè
3SG-PRS-tomar-IPF DET 12-café-12-GEN-manhã
toma café da manhã

ùtúndà nájé kùmábjà
ù- Ø- túnd-à nì ù-Ø- ì -à -é kù-má-bìà
3SG-PRS-sair-IPF CONJ 3SG-PRS-ir-IPF-EXP 17-6-roça
sai e vai direto para o roçado

mùŋgòlóʃí ùbùtúkà kùbátà

mù-ŋòlóʃí ù- Ø- vùtúk-à kù-lì-bátà

18-tarde 3SG-PRS-voltar-IPF 17-5-casa

à tarde, volta para casa

ò kìmbúndú ŋgádìlóŋgélè kúbátá kùáʒìndándù

(*Malange*)

ò pútú ìngízwélá ŋgádìlóŋgà mùʃìkólà

ò Ø-pútù ì-ŋí-Ø-zùél-à ì-ŋì- á- dì-lóŋ-à mù-Ø-ʃìkólà

DET 9-português 9-1SG-PRS-falar-IPF 9-1SG-REC-RFX-encher-PF 18-9-escola

o português que falo aprendi na escola

ò kìmbúndú ŋgádìlóŋgélè kúbátá kùáʒìndándù

ò kì-mbúndù ŋì- á- dì- lóŋg-él-è kú-dì-bátà kù-á-ʒì-ndándù

DET 7-quimbundo 1SG-REM-RFX-encher-PF-VF 16-5-casa 16-GEN-10-parentes

o quimbundo aprendi há muito tempo na casa dos meus parentes

émè kìmbúndú káŋgìlóŋgélè

émè kì-mbúndù kì-à- á- ŋì- lóŋg-él-è

P1’ 7-quimbundo 7-3PL-REM-1SG(MO)-encher-PF-VF

eu, o quimbundo, eles me ensinaram

kìŋgéɲòkùzwélà kìmbúndù ɲànámì

kì-ŋì-énìò kù-zùél-à kì-mbúndù nì à-nà à-á-émè

NEG-1SG-HAB-falar-IPF 7-quimbundo CONJ 2-filho-2-GEN-1P

eu não costumo falar quimbundo com meus filhos

ŋgìzwélà kìmbúndù nì màkámbà nì ʒìndándú ʒámì kwáŋgólà

ŋì- Ø-zùél-à kì-mbúndù nì mà-kámbà nì ʒì-ndándù kù-áŋgólà

1SG-PRS-falar-IPF 7-quimbundo CONJ 6-amigos CONJ 10-parentes 16-Angola

falo quimbundo com amigos e parentes de Angola

jósòjósò tùdìzwéla mùkìmbúndù tùzwélà

ì-ósò ì-ósò i-tù- Ø- zùél-a mù-kì-mbúndù tù-Ø-zùél-à

8-QTF 8-QTF 8-nós-RCP-PRS-falar-IPF 18-7-quimbundo nós-PRS-falamos-IPF

nós nos falamos muito em quimbundo

áɲìβwálà mùkólíbéŋgù

(*Bengo*)

áɲìβwálélà mùkólíbéŋgù

à-á-ŋì-vùál-él-à mù-kolíbéŋù

3PL-REM-1SG(MO)-nascer-PF-VF 18-Ícolo e Bengo

nasci em Ícolo e Bengo

áɲìβwálélà kùmbéʒíádjáŋgá jámúvó

à- á- ŋì- vùál-él-à kù-mbéʒì ì-á-lìáŋà i-á-múvo

3PL-REM-1SG(MO)-nascer-PF-VF 16-9-mês 9-GEN-primeiro 9-GEN-ano

nasci em janeiro

ɲálà nì màkúɲátánú ámívù nì úβúa

ŋì- ál -à nì mà-kúnìà-à-á- tánù à-á- mí-vù nì úvùà

1SG-PRS-estar-IPF CONJ 6-dez-6-GEN-cinco 6-GEN-3-ano CONJ 5-nove

tenho 59 anos

jáléŋgándú

(*Luanda*)

áŋgìvwálà mùlwándà

à- á- ŋì- vùál-à mù-lùándà

3PL-REC-1SG(MO)-nascer-PF 18-Luanda

eu nasci em Luanda

màʒì ŋgìʒíá kúzwélà ó kìmbúndù

màʒì ŋì- ʒí-à kú-zùél-à ó kì-mbúndù

CONJ 1SG-PRS-saber-IPF 15-falar-VF DET 7-quimbundo

mas sei falar quimbundo

ò dízwí djáʒìkúkú ʒámí djákúlámì

ò lí-zùì lì-á-ʒì-kúkù ʒì-á-émè lì-á à-kúlù à-á-émè

DET 5-língua 5-GEN-10-avô 10-GEN-P1' 5-GEN 2-antepassado 2-GEN-P1'

a língua dos meus avós, dos meus antepassados

kìzúà áŋgìvwálà pájétù nì máɲétú

kì-zúà à- á- ŋì- vùál -à páì ì-á-étù nì mánì ì-á-étù

7-dia 3PL-REC-1SG(MO)-nascer-PF 9-pai 9-GEN-P1' CONJ 9-mãe 9-GEN-P1'

no dia que eu nasci, meu pai e minha mãe

áŋgìbánè dìʒínà jálèŋgándú

à-á- ŋì- bán-è lì-ʒínà ìáléŋándú

3PL-REC-1SG(MO)dar-PF 5-nome ìálé ŋándú

me deram o nome Iale Ngandu

jáléŋgándú mùkóndà ndá kúŋgìvwálà mùsúkù

ìáléŋgándú mùkóndà ndá kú-ŋì-vùál-à mù-ùsúkù

IPR-esteira CONJ CONJ 15-1SG(MO)-nascer-VF 18-14-noite

jogue a esteira (no chão), pois, para me parir à noite

ò máɲétú wéʃílè nì màkátá mákúvwálà

ò mánì-w-á-étù ì- á- èʃ-íl -è nì mà-kátá mà-á kú-vùálà

DET 9-mãe-1-GEN-P1' 9-REM-estar-PF-VF CONJ 6-dor 6-GEN-15-parto

minha mãe estava com dores do parto

ó pájétú wáté ŋgándú bóʃì pàlà kúŋgìvwálà

ò páì- ì-á- à-étù ì-á- t- è ŋándú bù-íʃì pàlà kú- ŋì- vùál-à

DET 9-pai-9-GEN-P1' 9-REC-jogar-PF 9-esteira 16-chão CONJ 15-1SG(MO)-nascer-VF

meu pai pôs a esteira no chão para que eu nascesse

áŋgìbáné dìʒíná jálèŋgándú

à- á- ŋì- bán-è lì-ʒínà ìáléŋándú

3PL-REC-1SG(MO)dar-PF 5-nome ìálé ŋándú

deram-me o nome de Iale Ngandu

2.2 Receitas

mùkúnzà

(*Luanda*)

ó mkúnzá áwbàŋgá díníkì

ò mù-kúnzà á- Ø- ù-bàŋ-à dí-níkì

DET 3-mugunzá 3PL-PRS-3-fazer-IPF 5-modo

o mugunzá é feito assim

ùtò méɲà bùʒíkù

ú- Ø- t -à ò mà-énìà bù-lì-ʒíkù

2SG-PRS-pôr-IPF DET-6-água 16-5-fogão

você põe a água no fogão

ùkwátò másà ó ʒímbúndú ʒjámásá ó ʒímbúndú

ù- Ø- kùát-à ò mà-sà ò ʒì-mbúndù ʒì-á-má-sà ò ʒì-mbúndù

2SG-PRS-pegar-IPF DET 6-sà DET 10-grão 10-GEN-6-milho DET 10-grão

você pega o milho, os grão do milho, os grãos

ùʒítà mùméɲà àʃétà kùmóʃì nì másà

ù- Ø- ʒí-t-à mù-mà-énìà à- Ø- ʃét-à kù-móʃì nì má-sà

2SG-PRS-10-pôr-IPF 18- 6- água 3PL-PRS-ferver-IPF 15-um CONJ 6-milho

você os põe na água, ferve-se juntamente com o milho

nùkátúlé múŋgwà nútè mùmbjà

nì ù- Ø- kàtúl-à -é mú-ŋùà nì ú- Ø- t -à -é mù-ì-mbìà

CONJ 2SG-PRS-pegar-IPF-EXP 3-sal CONJ 2SG-PRS-pôr-IPF-EXP 18-9-panela

e você pega sal e você põe na panela

mwálò másà nì méɲà

mù-Ø- ál-à ò mà-sà nì mà-énìà

18-PRS-estar-IPF DET 6-milho CONJ 6-água

onde está o milho com a água

fúnʒè

(*Bengo*)

cì tùlámbà ò fúnʒé címá cjádiáŋgà tùlámbà ò mbíʒì áŋgà ʃìtù

kì tù-Ø-lámb-à ò Ø-fúnʒè kí-mà kì-á-ɗìáŋà tù- Ø-lámb -à Ø-mbíʒì áŋà Ø-ʃìtù

CONJ 1PL-PRS-cozinhar-IPF DET 9-funje 7-coisa 7-GEN-primeiro 1PL-PRS-cozinhar-IPF 9-peixe CONJ 9-carne

Quando cozinhamos o funje, primeiro cozinhamos peixe ou carne

tùlámbá mbíʒì tùsúmbà mbíʒí jónénè

tù- Ø- lámb-à Ø-mbíʒì tù-Ø- súmb-à Ø-mbíʒì ì-á-ùnénè

1PL-PRS-cozinhar-IPF 9-peixe 1PL-PRS-comprar-IPF 9-peixe 9-GEN-grandeza

se cozinhamos peixe, compramos um peixe grande

tùsúmbétù mbíʒí jófélè ɸàlà kúdjá fúnʒè

tù- Ø- súmb-à-étù Ø-mbíʒì ì-á-úfélè pàlà kú-dìà Ø-fùnʒè

1PL-PRS-comprar-IPF P1''(NEG) 9-peixe 9-GEN-pequeneza PREP 15-comer 9-funje

não compramos um peixe pequeno para comer funje

ò mbíʒí jónéné jábàŋgà nì ʒìmátà ʒìsàwólà màʒímá ndénde cìŋgómbò

ò Ø-mbíʒì ì-á-únéné ì-á- Ø-bàŋ -à nì ʒì-mátà ʒì-sàwólà mà-ʒímá ndénde kì-ŋgómbò

DET 9-peixe 9-GEN-grandeza 9-3PL-PRS-fazer-IPF CONJ 10-tomate 10-cebola 6-óleo de palmeira CONJ 7-quiabo

o peixe grande se faz com tomates, cebolas, óleo de palmeira e quiabo

twétù kàmbíʒì kófélé kákùkútà

tù-Ø-étù kà-Ø-mbíʒì kà-á-úfélè kà-á-kùkútà

1PL-PRS-pôr-EXPL 12-9-peixe 12-GEN-pauquidade 12-GEN-secura

pomos também um pouco de peixe seco

cì tùzúβà ò kùlámbà ò mbíʒì cjénè cì tùlámbà ò fúnʒè

kì tù-Ø- zúv -à ò kùlámbà ò Ø-mbíʒì kìénèkì tù- Ø- lámb -à ò fúnʒè

CONJ 1PL-PRS-terminar-IPF DET cozimento DET-9-peixe CONJ 1PL-PRS-cozinhar-IPF DET-funje

quando terminamos de cozinhar o peixe só então cozinhamos o funje

tùtà ò ímbjà βùʒíkú jáméɲà

tù- Ø- t -à ò í-mbìà bù-ʒíkú ì-á-mà-énìà

1PL-PRS-pôr-IPF DET 9-panela 16-9-fogão 9-GEN-6-água

pomos a panela com água no fogo

cì ʃétà twéʒíà tùtá méɲà

kì Ø-ʃét-à tù-Ø- ìʒí -à tù- Ø-t- à mà-énìà

CONJ PRS-ferve-IPF 1PL-PRS-saber-IPF 1PL-PRS-pôr-IPF 6-água.

quando ferve sabemos (verificamos) se pomos (mais) água

tùfúŋgà nì fúbá jákìndélè áŋgà tùβàŋgà ŋgó fúbá jámbómbò

tù-Ø- fúŋ -à nì Ø-fúbà ì-á- kì-ndélè áŋà tù-Ø-bàŋ-à ŋó Ø-fúbà ì-á-mbómbò

1PL-PRS-misturar-IPF CONJ 9-farinha 9-GEN-7-milho CJ 1PL-PRS-fazer-IPF ADV 9-farinha 9-GEN-9-mandioca

misturamos com fubá ou fazemos apenas farinha de mandioca

2.3 Provérbios

hímá kátálè kùmùkílá wé (*Quanza Norte*)

Ø-hímà kì- á- tál-è kù-mù-kílà ù-á -é

9-macaco NEG-REC-olhar-PF 17- 3-rabo 3-GEN-3SG

macaco não olhou o rabo dele (macaco não olha o rabo)

wéndà nì mùzúmbú káʒímbídílè (*Malange*)

ù-Ø-énd-à nì mù-zúmbù kì-ù-á-ʒímbà-él-él-è

3SG-PRS-anda-IPF CONJ 3-beiço NEG-REM-3SG-esquecer-PF-APL-VF

ele anda com com beiço, ele não (se) perdeu

3. Léxico Quimbundo-Português

Este léxico é uma reunião dos radicais dos nomes e verbos identificados nos dados elicitados nesta pesquisa. Eles estão organizados alfabeticamente dentro de seus respectivos gêneros. A transcrição é fonológica. Os prefixos de classe nominal a que se referem os radicais nominais estão indicados em cada chamada dos gêneros.

É importante mencionar que este léxico não é específico de uma variedade em particular. Trata-se, antes, de uma amostra do conjunto de dados das cinco variedades que serviram de base para este estudo.

Gênero I (mù-; à-)

ánà	*filho*	kúà	*dono*
ébù	*sobrinho*	lámbì	*cozinheiro*
hátù	*mulher*	láùlà	*neto*
íì	*ladrão*	lóʒì	*feiticeiro*
ímì	*avarento*	mbúndù	*mbundo*
káʒì	*esposa*	tù	*pessoa*
kóŋò	*caçador*	túlì	*viúva*

Gênero II (mù-; mì-)

ánìà	*calor*	hámbà	*cesto*
bílà	*cova*	ímbù	*cantiga*
éŋè	*cana*	kándà	*carta*
énìù	*vida*	kásà	*pacote*

kéŋè	*raposa*	sálù	*peneira*
kílà	*rabo*	sámbù	*oração*
kólò	*fio*	sómà	*espeto*
kútù	*corpo*	sósò	*conto*
làkásù	*sussuro*	tánì	*vara*
lémbù	*dedo*	tùé	*cabeça*
lòlókì	*perdão*	túlù	*tórax*
lóŋà	*palavra*	vù	*ano*
lúndù	*montanha*	ʃì	*madeira*
ndélè	*homem branco*	ʃímà	*coração*
nìà	*espinho*	ʃíndà	*linha*
òndónà	*sorte*	ʃìtù	*mata*
pìópìò	*assobio*	zúmbù	*lábio*

Gênero III (lì-; mà-)

álà	*homem*	kánù	*boca*
bábà	*asa*	káŋà	*lugar*
bátà	*casa*	kòlómbólò	*galo*
béŋù	*rato*	kótà	*mais velho*
bìà	*roça*	kúndà	*costas*
bítù	*porta*	kúŋù	*cova*
búbà	*cachoeira*	lóŋà	*prato*
éʒè	*lua*	mvúlà	*cozinha*
élè	*seio*	nìótà	*sede*
hónʒò	*banana*	sà	*milho*
íákì	*ovo*	sù	*olho*
ʒínà	*nome*	tálì	*pedra*
ʒù	*dente*	támà	*rosto*

kámbà	*amigo*	témù	*enxada*
tùì	*orelha*		
úlù	*céu*		
zùì	*língua*		

Gênero IV (kì-; ì-)

álà	*unha*	mbándà	*médico*
álù	*cadeira*	mbìámbìà	*borboleta*
áŋù	*capim*	mbúŋù	*lobo*
ánzù	*ninho*	méŋà	*testa*
bà	*pele*	mónìà	*preguiça*
fúbà	*osso*	námà	*perna*
ìálà	*unha*	ndà	*cesto*
ʒílà	*jejum*	nìóŋà	*cintura*
lílì	*lugar*	tándà	*praça*
lìkómà	*palmeira sp.*	sálà	*pena*
límà	*plantação*	tálì	*dinheiro*
líŋù	*mandioca*	túʃì	*crime*
lùmínù	*trovão*	zàlélù	*ninho*
mà	*coisa*	zúà	*dia*

Gênero IV (Ø-/i-; ʒì-)

fúnʒè	*funje*	mvúlá	*chuva*
hámà	*cama*	mvúndà	*confusão*
hámá	*cem*	ndákálè	*fruto sp.*
héndà	*compaixão*	ndándù	*parente*
hímà	*macaco*	ndémbà	*cabelo*
hóʒì	*leão*	ndéŋè	*criança*

hómbò	*cabrito*	ndúlúlú	*fel*
hútù	*bolsa*	ŋándú	*esteira*
ìáŋù	*capim*	ŋándù	*réptil sp.*
ímbìà	*panela*	ŋáŋà	*feiticeiro*
ímbùà	*cachorro*	ŋénʒì	*viajante*
nzéù	*formiga sp.*	ŋíʒì	*rio*
ínzò	*casa*	ŋómbè	*boi*
íʃì	*chão*	ŋúlù	*porco*
kúkù	*avô*	ŋúzù	*força*
mámá	*mãe*	nìókà	*cobra*
mánì	*mãe*	nzámbì	*Deus*
mbámbì	*gazela*	páì	*pai*
mbámbí	*frio*	páŋè	*irmão*
nʒílá	*passarinho*	péʃì	*cachimbo*
nʒílà	*caminho*	pókò	*faca*
nzálà	*fome*	púkù	*roedor sp.*
nzámbà	*elefante*	sánʒì	*galinha*
mbémbà	*bemba*	sóbà	*soba*
mbéʒì	*lua, mês*	tàŋù	*galho*
mbíʒì	*peixe*	táŋù	*peixe sp*
mbólò	*pão*	tátà	*pai*
mbónzò	*batata-doce*	túlù	*peito*
mbúndà	*bunda*	ʃìtù	*carne*

Gênero VI (lù-; mà-)

bákù	*dívida*	mùénù	*espelho*
bámbù	*corrente*	ndémbà	*cabelo*
kùákù	*mão*	sólò	*pressa*
mbì	*inveja*	sùámù	*feitiço*

Gênero VII (kà-; tù-)

lìkúndà	*corcunda*	ménéménè	*madrugada*
fúmbólólò	*cambalhota*	ménìà	*um pouco de água*
fúkúfúkù	*madrugada*	múxì	*arbusto*
lúŋà	*morte; mar*	mùlúndù	*monte*
mbútà	*homem baixo*	ŋíʒì	*riacho*
ménè	*manhã*	pálípálì	*fechadura*

Gênero VIII (u-; ma-)

álùà	*bebida*	láʒì	*demência*
ándà	*rede*	lúŋù	*canoa*
háʃì	*doença*	súkù	*noite*
hété	*inteligência*	tá	*arma*
ʒítù	*presente*	túmbù	*farelo*

Gênero IX (kú/tú; mà)

ámbátà	*levar*	bózà	*latir*
ámbúlà	*deixar*	bùá	*acabar*
ándálà	*querer*	búbà	*escorrer*
ándélà	*mastigar*	bùbálà	*abraçar*
ázà	*coçar*	bùílà	*cansar-se*
bánà	*dar*	bùímà	*respirar*
bábà	*tatear*	búkà	*abanar*
bákà	*guardar*	búkúlà	*quebrar*
bálùmúkà	*erguer-se*	bùlàkánà	*ser atento*
bándà	*subir*	búndà	*misturar*
bàŋà	*fazer*	bùndà	*espancar*
báŋà	*lutar*	bùnʒíkà	*dobrar*
bánzà	*pensar*	búsà	*assoprar*
bálà	*deitar*	búzà	*arrancar*
bálùmúnà	*levantar*	lìà	*comer*
básà	*rachar*	lìlíkà	*consertar*
bàtúlà	*cortar*	lílà	*chorar*
bázà	*estalar*	lìlóŋà	*aprender*
bàzélà	*criticar*	lìbálà	*cair*
békà	*trazer*	límà	*plantar*
bèlà	*pousar*	lìóndà	*suplicar*
bélà	*emagrecer*	lísà	*alimentar*
bénìésà	*dar brilho*	élélà	*rir*
bétà	*bater*	éndà	*ir, andar*

bétámà	*curvar-se*	évà	*parir*
bètékà	*inclinar*	fáfà	*espumar*
búlàkánà	*ser atento*	fénìà	*inalar*
bìlúlà	*virar*	fíkà	*medir*
bìlúkà	*virar-se*	fíkísà	*tirar medida*
bíŋà	*pedir*	fùà	*morrer*
búŋúnʒà	*prezar*	fùkà	*colher*
búŋúnʒúlà	*desprezar*	fùkámà	*ajoelhar-se*
bítà	*abaixar*	fùndà	*escurecer*
bìʃílà	*chegar*	fùŋà	*misturar*
bókónà	*entrar*	fùŋúlúla	*mexer*
bólà	*apodrecer*	fùtà	*pagar*
bóŋà	*achar*	fùtísà	*cobrar*
bóŋólólà	*juntar*	ìbúlà	*perguntar*
ìʒíà	*saber, conhecer*	lúlà	*ser amargo*
ímbà	*cantar*	lúmátà	*morder*
ívùà	*ouvir*	lùmínà	*trovejar*
ìʃánà	*chamar*	mátékà	*começar*
ízà	*vir*	ménékà	*acordar cedo*
ʒíbà	*matar*	mésénà	*precisar*
ʒíkà	*fechar*	mínìà	*engolir*
ʒíkúlà	*abrir*	mókónà	*fazer cócegas*
ʒílà	*jejuar*	mónà	*ver*
ʒímà	*apagar*	mónékà	*aparecer*
ʒímbà	*esquecer*	mónékésá	*mostrar*

ʒímbìlílà	*perder-se*	mùtámbà	*pescar com rede*
ʒíŋà	*torcer*	nánà	*puxar*
ʒólà	*apertar*	nétà	*ser gordo*
kálà	*estar*	nìánìà	*bocejar*
kálákálà	*trabalhar*	nìánà	*roubar*
kándà	*cavar*	nìéŋà	*pendurar*
káŋà	*fritar*	nìóŋà	*torcer*
kásà	*dar nó*	nìúŋà	*cercar*
kátà	*doer*	nókà	*chover*
kàtúlà	*tirar*	nùà	*beber*
kémbà	*enfeitar*	òŋékà	*colher*
kínà	*dançar*	pàlíkà	*espetar*
kóndà	*esconder*	pàpánà	*crepitar*
kóndékà	*esconder-se*	sálà	*peneirar*
kóndónà	*limpar*	sámbà	*orar*
kóŋà	*raspar*	sámúnà	*pentear*
kùátà	*segurar*	sáŋà	*encontrar*
kùénè	*costumar*	sékà	*ralar*
kùkútà	*secar*	sókólà	*desmontar*
kúŋà	*enxugar*	sònékà	*escrever*
kúlà	*crescer*	sònókà	*despencar*
kúnà	*semear*	sótà	*procurar*
nìóŋà	*torcer*	sùkúlà	*lavar*

nìúŋà	*contornar*
kúsúlúkà	*ser vermelho*
kútà	*amarrar*
kútúnúnà	*desamarrar*
lámbà	*cozinhar*
làmbà	*enterrar*
léŋà	*correr*
lóŋà	*encher; ensinar*
lóŋólólà	*esvaziar*
lóùà	*pescar*
lòùà	*enfeitiçar*
lùézà	*errar*
tálà	*olhar*
tálésà	*apontar*
tánà	*pôr*
táŋà	*ler*
tékétà	*tremer*
ténà	*poder; ter certeza*
títílà	*palpitar*
tólólà	*vencer*
tónà	*acordar*
tónókà	*brincar*
túbìà	*fogo*
túlà	*pousar*
túmà	*enviar*
tùmákà	*obedecer*
túndà	*sair*
túŋà	*construir*
súmbà	*comprar*
súmbísà	*vender*
súŋà	*puxar*
tà	*pôr*
tàkúlà	*lançar*
úmbà	*moldar*
vánà	*impressionar*
válà	*dar à luz*
vúkà	*fingir*
vúlà	*aumentar*
vúndà	*brigar*
vúnzà	*escurecer*
ʃálà	*permanecer*
ʃálésà	*despedir-se*
ʃíbà	*chupar*
ʃíkà	*musicar*
ʃíkámá	*sentar-se*
ʃíkíkà	*assentar*
ʃíŋà	*insultar*
ʃókà	*picar*
zálà	*estender*
zálúlà	*amarrotar*
záŋà	*estragar*
zékà	*dormir*
zólà	*amar*